

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Nathália Freitas Vargens

**“IMAGINA SE”: elaboração de imaginários convocantes e mobilização  
de sentidos por líderes comunitários da Grande BH**

Belo Horizonte  
Julho de 2023

Nathália Freitas Vargens

**“IMAGINA SE”: elaboração de imaginários convocantes e mobilização  
de sentidos por líderes comunitários da Grande BH**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Linha de pesquisa: Comunicação, territorialidades e vulnerabilidades.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques.

Belo Horizonte

Julho de 2023

301.16 Vargens, Nathália Freitas  
V297i “Imagina se” [manuscrito] : elaboração de imaginários  
2023 convocantes e mobilização de sentidos por líderes  
comunitários da Grande BH / Nathália Freitas Vargens. -  
2023.  
105 f.  
Orientador: Márcio Simeone Henriques.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia

1. Comunicação - Teses. 2. Liderança comunitária –  
Teses. I. Henriques, Márcio Simeone. II. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

“IMAGINA SE”: elaboração de imaginários convocantes e mobilização de sentidos por líderes comunitários da Grande BH.”

**Nathália Freitas Vargens**

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Márcio Simeone Henriques - Orientador  
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Cílicia Maria Krohling Peruzzo  
UERJ

Prof. Rennan Lanna Martins Mafra  
UFV

Profª Camila Maciel Campolina Alves Mantovani  
DCM/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Rennan Lanna Martins Mafra**, **Usuário Externo**, em 30/08/2023, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Maciel Campolina Alves Mantovani**, **Professora do Magistério Superior**, em 30/08/2023, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Simeone Henriques**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/08/2023, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cílicia Maria Krohling Peruzzo**, **Usuário Externo**, em 02/09/2023, às 06:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2565193** e o código CRC **E7C88F66**.

*Aos meus pais, Valéria e Manoel, e ao meu irmão, André,  
por me ensinarem o valor de ouvir atentamente.  
À voz e à luta de Ednéia Aparecida, Eliete Jesus e Júlio Fessô.*

## AGRADECIMENTOS

Os espaços da dita “educação formal” nunca foram os mais confortáveis e prazerosos para mim. Foi sob o teto das escolas que comecei a questionar minhas capacidades, a desinventar modas e histórias, onde a única coisa que eu pude inventar foram formas de não sucumbir.

A desconfiança – de mim mesma e dos outros, foi a marca do meu percurso na graduação. Foi quando tomei coragem para olhar para as cicatrizes deixadas pela relação estabelecida entre mim e a aprendizagem e pude finalmente reinventá-la.

A UFMG, esse lugar que seria o ponto de chegada daqueles que fossem considerados bem-sucedidos nas escolas particulares por onde estive, ironicamente, me salvou. Aqui, fui apresentada a possibilidades de me relacionar com os outros, com os conhecimentos e com as subjetividades. Sob o teto da FAFICH, da tenda vermelha e branca da Praça de Serviços, do teto amarelado da Pró-Reitoria de Extensão e, principalmente, sob as nuvens das ruas, fui me descobrindo aluna. Só aluna, sem adjetivo, como deveriam ser todos os alunos.

Eu poderia, é claro, aprender e conversar sobre mobilização social apenas em outros lugares, sem precisar me submeter a um fazer acadêmico tão marcado pela hierarquização dos saberes e que insiste nessa ideia de ler e escrever ao invés de ouvir e falar. Ainda preciso de algum tempo para entender porque vim parar aqui, mas hoje já é possível dizer que este trabalho sou eu me negando a arredar o pé. Esta dissertação é um espaço de encontro de vozes, experiências, aprendizados e angústias. É um pedaço dos meus que estiveram ao meu lado, e, principalmente, antes de mim.

Por isso, começo agradecendo aos meus pais, Valéria e Manoel, e ao meu irmão, André, que possibilitaram que eu tivesse todos os recursos, principalmente os emocionais, para cumprir essa trajetória. Obrigada por jamais terem duvidado que eu conseguiria e por serem colo aconchegante, respeitoso e encorajador. Aproveito para agradecer também pelos chás, lanches noturnos e outros cuidados que tornaram o processo menos desgastante.

Ao Ricardo, meu companheiro, que acompanhou de perto as delícias e as dores desse processo. Sem o seu suporte, parceria e incentivo, o caminho até aqui teria sido muito mais difícil. Obrigada por ser o abrigo seguro que eu precisei.

Agradeço à minha família, a todos os meus primos, tias e tios, por compreenderem o meu sumiço dos nossos encontros e por me ensinarem todos os dias sobre o poder de se estar junto.

À Dirce, pela educação serena e carinho sem fim.

Aos meus amigos e parceiros de reflexões e risadas, Ives e Raissa, que muito contribuíram para as discussões tecidas aqui. Aprendo todos os dias com o encantamento que vocês têm por gente, obrigada por compartilhá-lo comigo.

Agradeço também à Laiene, Isabelle, Rodolfo, Lauriane, Gabriel, Marcela, Isadora e Beatriz. A amizade e a compreensão de vocês foram essenciais para que eu soubesse que não estava perdendo nada.

Aos parceiros de pesquisa do Ipê e da Rede Hogramas, pelas potentes trocas.

À equipe da AIC, com quem leio e penso formas de reescrever realidades. Em especial aos meus companheiros de todos os dias, Brenda, Bárbara, Manu, Daniel, Renata, Raique, Joana, Mila, Beatriz e Rafaela. Há muito de vocês aqui, minha gente.

Agradeço a todos os professores, técnicos e alunos que compõem a Universidade Federal de Minas Gerais, especialmente aos que constroem o Departamento de Comunicação Social da UFMG. Aos professores Daniel Reis, Ângela Marques, Camila Mantovani, Vanessa Brandão, Cicília Peruzzo e Renan Mafra, pela leitura cuidadosa.

Ao Márcio, por ressignificar a minha relação com a figura do educador. Sem a sua parceria, compreensão e entusiasmo, não seria possível concluir este processo. Ter como orientador alguém que é genuinamente apaixonado e curioso pelo que faz foi um privilégio imenso. Estou aliviada com o fim deste ciclo, mas já com muita saudade das nossas longas conversas, que poderia chamar de várias coisas, mas que nunca chegaram perto de “reuniões de orientação”, mesmo que eu insistisse em enviar os convites para os nossos encontros com esse nome. Que um dia, quem sabe, um trabalho de conclusão de Mestrado possa ter formatos que caibam as potentes trocas feitas no gogó, sem que as risadas e perguntas avulsas fiquem de fora.

Por fim, para já começarmos, à Eliete, Júlio e Ednéia, agradeço por terem compartilhado valiosos aprendizados e angústias. Era a voz de vocês que eu escutava quando me perdia pelos caminhos. Obrigada pela confiança e por terem

me ajudado a descobrir aquilo que vocês sabem há muito: que *tudo é uma questão de tempo*.

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar. (FREIRE, 1997)*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apreender como três líderes comunitários que atuam nas periferias de Belo Horizonte, em suas falas, acionam imaginários (BACZKO, 1985) e constroem imaginários convocantes que mobilizam horizontes de sentidos compartilhados (TORO E WERNECK, 2004).

Para tanto, foram realizados três estudos de caso (MERRIAM, 1998) a partir de entrevistas em profundidade, observações e análise de materiais publicamente disponíveis. Valendo-se da articulação de elementos que se referem ao presente, ao passado e ao futuro de suas comunidades, os líderes convocam seus públicos a imaginarem outras possibilidades de vida. O trabalho aponta, ao final, para a centralidade da imaginação, que ocorre no tempo presente, para processos de mobilização social.

**PALAVRAS-CHAVE:** líderes comunitários; mobilização social; imaginários convocantes

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to understand how three community leaders who work on the peripheries of Belo Horizonte, in their speeches, activate imaginaries (BACZKO, 1985) and construct assembling imaginaries that mobilize horizons of shared meanings (TORO E WERNECK, 2004).

To this end, three case studies were carried out (MERRIAM, 1998) based on in-depth interviews, observations and analysis of publicly available materials. Using the articulation of elements that refer to the present, past and future of their communities, leaders call on their audiences to imagine other possibilities for life. The work points, in the end, to the centrality of imagination, which occurs in the present time, for processes of social mobilization.

**KEYWORDS:** Community Leaders; Social Mobilization; Assembling Imaginaries

## SUMÁRIO

PRÓLOGO: voltei para contar	10
1 PARA COMEÇO DE CONVERSA: o que escutamos nos caminhos para cá	13
2 NO SERVIÇO DE AUTO FALANTE: DE QUEM OUVIMOS FALAR	20
2.1 “Você precisa falar com a Ednéia do Taquaril”	21
2.2 “Foi a Eliete do Projeto Ulyly quem me salvou”	23
2.3 “Ah, você tá falando do Fessô?”	26
3 APRENDENDO A ESCUTAR: os recursos metodológicos	30
3.1 De onde está vindo essa voz? Alguns apontamentos éticos	34
4 LÍDER DE QUEM?	36
4.1 Isso poderia ser contado numa conversa, pena que não pode	36
4.2 A convocação no viva voz: por quem fala e o porquê da fala	37
4.3 Leve-me ao seu líder: resgates sobre liderança e influência	40
5 COMUNICAÇÃO PARA MOBILIZAÇÃO SOCIAL: o que tem de convocante nisso?	52
5.1 O mundo ideal existe: sobre o papel da imaginação	60
6 “EU POSSO ATÉ IMAGINAR, MAS É QUESTÃO DE TEMPO!”: as comunidades construídas no gogó	65
6.1 Imaginar a partir de quê? Sobre experiência, expectativa e da esperança	66
6.2 Imagina o que é viver aqui: a experiência comunitária narrada	69
6.3 Você não imagina como era isso aqui: sobre experiências e possibilidades	77
6.4 É que o futuro já começou	83
6.5 “Do escuro, eu via um infinito sem presente, passado ou futuro”: reflexões sobre o tempo de agora	87
7 É TEMPO DE SONHAR: considerações finais	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	99

## PRÓLOGO: VOLTEI PARA CONTAR

Consigo fechar os olhos e lembrar das longas conversas que tinha com meus pais durante boa parte da infância, na nossa casa da Rua Ardósia, no Conjunto Carajás, quando contava para eles sobre como eu faria os comerciais de televisão se fosse eu a publicitária responsável. Me divertia ao escutar o meu pai, assim que um dos blocos da novela acabava, dizer “nossa, que propaganda besta”. Sentia também muito medo de que as minhas ideias acabassem antes que fosse adulta e pudesse, naturalmente, ingressar em uma das grandes agências de publicidade do Rio de Janeiro. Por garantia, para caso a criatividade envelhecesse mal, registrava todas elas em um diário muito bem guardado.

Uma década depois, ingressei no curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aos 19 anos, apesar de já não sonhar mais com as agências, ou com a cidade maravilhosa, não poderia imaginar que o simples fato de ser uma aluna da UFMG poderia impactar tanto os sonhos que um dia eu teria.

Lembro vividamente do dia em que, ao descer as escadas da FAFICH<sup>1</sup> enquanto assistia a um vídeo sobre o golpe<sup>2</sup> recém-sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, vi algo familiar. Era um cartaz, com cor de barro, que tinha também de familiar a palavra “Jequitinhonha”, Vale de onde vieram meus pais e dezenas de outros “meus”. Foi com a foto do cartaz no celular que fui em busca de um professor que pudesse me explicar do que se tratava o Polo Jequitinhonha.<sup>3</sup>

Do dia em que procurei o Márcio, hoje parceiro na construção deste trabalho, e disse que gostaria de saber mais sobre o Suporte de Comunicação para o Polo Jequitinhonha porque “minha família é do Vale”, até hoje, muitos foram os caminhos que me trouxeram até aqui. Depois da experiência no Polo, também fui estagiária na

---

<sup>1</sup> Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH-UFMG)

<sup>2</sup> No dia 31 de agosto de 2016 se encerrou o processo de impeachment que culminou na cassação do mandato da então presidenta da república, Dilma Rousseff, sob a acusação de crime de responsabilidade. A condenação, entretanto, ocorreu sem fundamentos legais para a destituição (MIGUEL, 2016). Em 2022, o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF-2) extingue a ação contra Dilma por pedaladas fiscais e o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, atribui o impeachment à falta de apoio político.

<sup>3</sup> “Existente desde 1996, o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha atua nas seguintes frentes junto à população: saúde, educação, cultura, comunicação, desenvolvimento regional e geração de renda, direitos humanos e meio ambiente. Ao privilegiar os saberes locais e a mobilização dos moradores do Vale, importantes para o desenvolvimento da Região, o Polo cria laços, dos quais os projetos, os integrantes e os parceiros fazem parte.” Disponível em: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-polo/sobre-o-polo-jequitinhonha/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Gerência de Relações Públicas da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), onde tive contato com servidores sensíveis à importância formativa daquele espaço para os estudantes que por lá passavam e me graduei enquanto fazia estágio na organização da sociedade civil onde trabalho hoje, a Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC), mais especificamente nos projetos Periferia Viva,<sup>4</sup> AIC Lab<sup>5</sup> e Comunidade Viva Sem Fome.<sup>6</sup>

Interessada em observar os mecanismos sociais que dizem respeito ao exercício da cidadania e da construção do espaço público, ao final da graduação, em 2020, apresentei a monografia intitulada *Entre usuário e cidadão: análise comunicacional da Ouvidoria da Prefeitura de Belo Horizonte*,<sup>7</sup> que me desafiou a pensar nos diversos vetores que estimulavam, ou não, a participação social, e que apontou para a necessidade de reflexão sobre as dimensões comunitárias que impulsionam a corresponsabilidade pela cidade.

Reunir as experiências e questionamentos adquiridos durante esses anos foi um exercício contínuo de olhar para trás e para dentro. Nos caminhos, lembrei que tinha perdido – mas principalmente, esquecido, o meu diário de propagandas. Uma pena, queria voltar lá para contar que estava descobrindo o tipo de campanha que

---

<sup>4</sup> “Com atuação prioritária na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), a força-tarefa foi criada para dar visibilidade e articular apoios e parcerias aos esforços já em curso de mobilização social e vigilância civil para o enfrentamento à pandemia do coronavírus na perspectiva da defesa do direito à vida, à dignidade e à cidadania das populações periféricas, que já estão sendo e serão cada vez mais gravemente impactadas pela pandemia” (PERIFERIA VIVA, 2020). Disponível em: <https://periferiaviva.org.br/sobre/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>5</sup> Fruto de um dos projetos mais antigos em curso na AIC, a Agência de Comunicação Solidária, o AIC Lab aposta, desde 2006, em metodologias e ações integradas de promoção do desenvolvimento institucional e do incremento da comunicação de empreendimentos comunitários e coletivos. Para isso, orienta-se pelo fazer colaborativo para promoção da autonomia dos grupos, colocando a comunicação – e suas diferentes ferramentas e tecnologias – a serviço da mobilização e da transformação social. O projeto desenvolve suas metodologias em parceria com o Departamento de Comunicação Social da UFMG, mais especificamente através da disciplina de Laboratório em Planejamento em Comunicação e dos diálogos tecidos com o IPÊ - Grupo de Pesquisa em Instituições, Públicos e Experiências Coletivas. Disponível em: <https://aic.org.br/atuacao/fortalecimento-da-sociedade-civil/agencia-de-comunicacao-solidaria/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>6</sup> Coordenado pela AIC e Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, a ação Comunidade Viva Sem Fome agrega mais de 100 grupos e organizações, localizados sobretudo em BH e na Região Metropolitana. Seu propósito é levar alimentos, cuidados com a saúde e oportunidades educativas, culturais e de empoderamento comunitário a mais de 50 periferias, promovendo a vida em territórios vulneráveis. Estamos em 9 regionais de Belo Horizonte e 15 cidades da Grande BH, além do interior de Minas. Disponível em: <https://aic.org.br/atuacao/fortalecimento-da-sociedade-civil/comunidade-viva-sem-fome/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://drive.google.com/file/d/1MnEt44BYotm6fFGvtEXzPLPFEGGZQ2o8/view&sa=D&source=docs&ust=1668131349192612&usg=AOvVaw1vSEGvEajNZ9O7Q-4SuXux>. Acesso em: 18 fev. 2022.

me fazia arrepiar. Hoje, gostaria de ir até a última página do diário azul e verde registrar que o que a gente queria, eu e a menina sentada no sofá amarelo, era conseguir fazer os outros imaginarem. Queria também escrever sobre os encontros que eu tive com gente capaz de fazer imaginar sobre o que descobri ser mais difícil fazer propaganda: *sonhos possíveis*.

Mas essa última parte não caberia lá, então ficou por aqui mesmo.

## 1 PARA COMEÇO DE CONVERSA: O QUE ESCUTAMOS NOS CAMINHOS PARA CÁ

O interesse por desenvolver uma pesquisa sobre e com líderes comunitários surgiu do meu cotidiano de trabalho na AIC durante uma força-tarefa articulada em 2020 em decorrência do começo da pandemia de covid-19. Apesar de já ter tido contato com alguns deles nos anos anteriores, foi em meio a uma emergência sanitária que eu e minhas então companheiras de trabalho construímos um fluxo de escuta ativa de líderes comunitários para monitorar e compartilhar boas práticas e demandas e encaminhar denúncias de violação de direitos.

Durante essa força-tarefa, que se chamou Periferia Viva, junto a alunos da graduação e da pós-graduação do Departamento de Comunicação Social da UFMG, integrantes do projeto de extensão Comunicação Solidária Covid 19,<sup>8</sup> e psicólogos voluntários, atuei na frente responsável pelo mapeamento e articulação de uma rede composta por mais de 100 iniciativas das periferias de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Foi nesse contexto, no qual as pessoas mais vulneráveis ao vírus eram as mais pobres, afetadas também pelo desemprego e pela fome,<sup>9</sup> que testemunhei a importância do trabalho dos líderes comunitários nos lugares onde o abandono do poder público foi e é devastador.

Do primeiro caso confirmado no estado de Minas Gerais até a disponibilização da vacina para todos, trabalhávamos diariamente em contato com líderes comunitários da Região Metropolitana de Belo Horizonte. No começo, quando a grande mídia enfrentava dificuldade em comunicar sobre a doença, seus riscos e as formas de prevenção, foram eles que produziram, muitas vezes em parceria com artistas locais, as estratégias para explicar a situação e os riscos que as comunidades corriam. Nessa época, quando parte do nosso trabalho era reunir as principais ferramentas usadas localmente e reverberar para outros integrantes da força-tarefa, era impressionante a atuação dos líderes comunitários enquanto reeditores sociais (TORO e WERNECK, 2004).

Hoje, passados três anos desde que a palavra “pandemia” passou a fazer

---

<sup>8</sup> O projeto de extensão *Comunicação Solidária – Covid-19* foi uma força-tarefa composta por ações de comunicação, mobilização e nutrição que integrou os departamentos de Comunicação Social (Fafich) e de Nutrição (Escola de Enfermagem), com a participação de professores, alunos e servidores técnico-administrativos.

<sup>9</sup> BARROS, Ciro. Inflação e desemprego devem agravar fome no Brasil em 2022, diz economista. Agência Pública, 2022. Disponível em: <<https://apublica.org/2022/01/2022-inflacao-e-desemprego-devem-agravar-fome-no-brasil-diz-economista/>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

parte até do vocabulário de crianças que recém aprenderam a falar, pode parecer banal para nós, comunicadores, pensar em formas de falar com diversos públicos sobre prevenção, contágio e tratamento da doença. Mas como dizia Milton Santos, “a palavra é uma paulada”, e assistir a escolha, ou renúncia de cada uma delas pelos líderes comunitários em meio à maior emergência sanitária do século<sup>10</sup> foi uma das melhores aulas de mobilização social que eu poderia ter. Além de explicar o tamanho da ameaça, era preciso que, rapidamente, comunidades inteiras entendessem que o “vacilo” de um poderia custar a vida de muitos outros. Era preciso adaptar as recomendações exibidas nos telejornais para contextos onde famílias inteiras moravam em apenas um cômodo, para lugares onde o trabalho, no melhor dos casos, continuou. Foi urgente comunicar o que acontecia morro adentro para aqueles que, naquele momento, se preocupavam com as adaptações ao home-office, porque a fome logo chegou, e a mobilização por doação de alimentos se fez urgente. E, como se não fosse o bastante, era preciso reagir às notícias falsas que circulavam, também viralmente, pelos becos e grupos de WhatsApp.

Preciso interromper a descrição do contexto para fazer um parêntese fundamental, que pode parecer mal localizado aqui na estrutura do texto, mas que julgo fazer sentido assim mesmo, no meio. Acontece que, enquanto relatava essas memórias, fui sentindo os ombros subirem de tensão. Nos telefones ou conversas pelo WhatsApp, falar com quem falava em nome das comunidades era ouvir, de uma única pessoa, o desamparo e o desespero de centenas, às vezes milhares de outras. Por isso, é importante registrar aqui, antes que a gente comece a falar só das palavras e seus encantamentos, o tamanho e o peso do trabalho desenvolvido pelos líderes comunitários, especialmente, mas não apenas, em momentos de crise. Infelizmente, acompanhar essa rede durante a pandemia nos fez enxergar alguns deles sucumbirem. Imagine, você, acordar por vários meses com pedidos de ajuda de uma família que não tem como pagar pelo caixão de alguém que perdeu; receber, debaixo do portão da sua casa, bilhetes de mães pedindo um prato de comida. Imagine perder um dos seus, mas não poder parar para respirar porque você é a linha de frente e está por trás da mobilização que luta pela garantia da vida na sua comunidade.

---

<sup>10</sup> Covid-19: dos primeiros casos até o fim da emergência, relembre principais episódios da pandemia. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/covid-19-dos-primeiros-casos-ate-o-fim-da-emergencia-relembre-principais-episodios-da-pandemia/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Com o avanço da vacinação, as articulações em torno do combate à pandemia arrefeceram e o meu trabalho com os líderes comunitários seguia em menor escala, geralmente no apoio às ações de comunicação e mobilização dos grupos e coletivos dos quais fazem parte e que aos poucos retornavam às atividades desenvolvidas antes da pandemia. Foi só depois das duas doses no cartão que dei a maioria dos primeiros abraços num punhado de gente que só conhecia pela foto de perfil no WhatsApp ou pelo quadradinho das videochamadas.

Não passou muito tempo até que retornamos, eu, e muitos desses companheiros de vários cantos da RMBH para uma mesma sala de videochamada. A razão era, de novo, a potência mobilizadora dos líderes comunitários, e os eventos carregavam um tom de urgência também familiar. Já na reta final do segundo turno das eleições presidenciais de 2022, a necessidade de a campanha do agora presidente Lula alcançar os moradores das periferias fez ressurgir outra poderosa rede.

O desafio era muito distinto do imposto no auge da pandemia de covid-19, mas demandava também influência comunitária, capacidade de articular pautas locais com globais, e vice-versa, mas, principalmente, escolha cirúrgica de apelos que mobilizassem públicos específicos. Foi dessa outra força-tarefa que surgiu o *slogan* “Nóis é Lula, porque Lula é Nóis”, estampada nas camisas de muita gente morro afora e adentro pelas mãos do Júlio Fessô, que participa desta pesquisa, e do pessoal do Movimento Eu Amo Minha Quebrada, do Morro do Papagaio (BH).

Nessa época, graças à possibilidade dos encontros presenciais, acompanhei de perto a seleção criteriosa dos materiais de campanha que seriam encaminhados para cada local dos bairros, e por vezes ouvi as críticas tecidas às cores e palavras usadas, principalmente sobre o volume delas “para dizer coisa simples” (sic). Durante as passeatas promovidas pelos líderes comunitários nos bairros, foi possível entender que não eram necessárias muitas nem rebuscadas palavras para dizer o básico. Com a música “Tá na hora do Jair já ir embora”<sup>11</sup> ao fundo e com um microfone ligado a um carro de som, foram feitos convites para que o povo se lembrasse, que usasse os dias antes da eleição para recordar de como era o almoço aos domingos nos dias de Lula e como estava sendo nos dias de Jair, que

---

<sup>11</sup> “Tá na Hora do Jair já ir Embora” é o melhor hit de 2022, segundo leitores do g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2022/12/25/ta-na-hora-do-jair-ja-ir-embora-e-o-melhor-hit-de-2022-segundo-leitores-do-g1.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

lembrasse do sofrimento dos vizinhos que literalmente morriam de trabalhar no auge da pandemia, enquanto Bolsonaro não dava o exemplo e se negava a usar máscaras, que não esquecessem que Bolsonaro acha que favelado era bandido, em referência à reação do mesmo<sup>12</sup> à visita de Lula aos Complexos do Alemão e da Maré, no Rio de Janeiro, durante a campanha eleitoral.

Enquanto entregava os panfletos aos moradores que passavam pelas passeatas realizadas nas periferias da Grande BH eu imaginava: “e se fossem Júlio, Eliete e Ednéia as cabeças por trás desse *flyer*? Como eles seriam?”.

Entendo que a atuação desses atores centrais para o cotidiano das lutas de combate à desigualdade social nas periferias e os esforços empreendidos no âmbito das causas que defendem junto aos seus públicos têm muito a contribuir para os estudos da Comunicação, em especial no campo da mobilização social. Isso porque eles são atores-chave dos movimentos sociais na elaboração de “um sistema de valores ou ideologia, um sentido de identidade comum, de normas para a ação e de uma forma de estrutura organizacional para se obterem os fins do movimento”. (KILLIAN, 1964 *apud* QUESADA, 1980, p. 53).

Àquela altura do campeonato eu já estava desenvolvendo a pesquisa do Mestrado e certa da importância e potência de desenvolvê-la junto a líderes comunitários. Mas assistir à transformação causada nos espaços onde o som dos megafones segurados por eles ressoava foi essencial para os momentos de insegurança e incertezas que atravessaram o trabalho. Se por alguns momentos tive dúvidas sobre o percurso metodológico, questionei o tom do texto, o impacto do lugar social de onde eu falo e as referências usadas, em nenhum instante duvidei da relevância de desenvolver trabalhos acadêmicos sobre a importância dos líderes comunitários em processos de mobilização social e suas contribuições para o campo. Entendo que o trabalho dos líderes comunitários contribui também para o fortalecimento da democracia, já que uma sociedade se constitui democrática a partir do momento em que as pessoas que dela fazem parte têm direito à vida no sentido pleno e podem construir coletivamente uma ordem social pautada em suas demandas (MANZINI COVRE, 1991). Como bem lembrou Antônio Benjamin de Moraes, o “Samuca”, então vice-presidente da Associação Nacional de Líderes

---

<sup>12</sup> #Hashtag: “Favelado não é bandido”, diz Rene Silva após fala de Bolsonaro sobre Complexo do Alemão. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/10/favelado-nao-e-bandido-diz-rene-silva-apos-fala-de-bolsonaro-sobre-complexo-do-alemao.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Comunitários (ANLC), durante audiência pública interativa no Senado Federal, em 2018, “toda liderança comunitária é também política”.<sup>13</sup>

Antes de começar a explicar os objetivos da pesquisa e apresentar a organização dos próximos capítulos, é hora de fazer uma transição. Passado este início da introdução, durante o qual usei majoritariamente a primeira pessoa para explicar como eu, Nathália, cheguei até aqui, passo a adotar o “nós”, na medida em que construir este trabalho foi um desafio coletivo, feito não apenas no contexto da orientação de Mestrado, mas também em diálogo com outros professores da universidade, do morro, do barro e do asfalto, cujas vozes devem aparecer também pelas páginas do trabalho.

Fazemos parte, eu e Márcio, da mais recente linha de pesquisa do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da UFMG, denominada Comunicação, Territorialidades e Vulnerabilidades. Aqui, territorialidades e vulnerabilidades são entendidas como dimensões comunicacionais que se manifestam a partir de dinâmicas afetivas, políticas, corporais, sonoras, artísticas e institucionais. Dentro da Universidade compomos também o IPÊ – Grupo de Pesquisa em Instituições, Públicos e Experiências Coletivas, que abrange estudos sobre diversas relações político-comunicacionais. É do IPÊ e das discussões tecidas por lá que vêm grande parte das contribuições sobre a formação e a movimentação dos públicos que embasam esta pesquisa. Entre os seis eixos de interesse que compõem o grupo, este trabalho se enquadra no de Processos e Estratégias de Comunicação para Mobilização Social. É principalmente dos encontros com os outros membros do IPÊ que vêm também as inquietações sobre a ética da pesquisa acadêmica e da necessidade de nos deixarmos afetar pelo percurso e pelas pessoas que dela participam.

Em relação às pessoas com quem pesquisamos, que serão devidamente apresentadas na próxima seção, foi importante construir uma narrativa dialógica, que permitisse uma construção conjunta. O desafio proposto foi tirar cada líder comunitário do lugar de “objeto de análise e constituir para ele um lugar de interlocutor, parceiro simétrico na construção da pesquisa” (MORICEAU, 2020). Enquanto pesquisadores, a ideia é que a pesquisa nos leve a novos caminhos e

---

<sup>13</sup> LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DÃO VOZ AOS IGNORADOS PELO PODER, DIZEM DEBATEDORES. Senado Notícias, Brasília, 23 de março de 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/03/22/liderancas-comunitarias-dao-voz-aos-ignorados-pelo-poder-publico-dizem-debatedores>. Acesso em: 17 fev. 2022.

afetos, para os quais precisamos estar abertos. Como bem diz Jean-Luc Moriceau, “se deixar afetar é deixar entrar em nós aquilo que estudamos e afetá-lo em troca” (MORICEAU, 2020, p. 11). O autor atenta também para o fato de que os novos hábitos de pesquisa, pós virada afetiva, servem para nos mostrar que o exercício é ambíguo e complexo e nos exige reflexão e coragem justamente porque pesquisar é “pôr em comunicação” (MORICEAU, 2020, p. 12). Nesse sentido, nos propomos a contar sobre as falas da Ednéia, da Eliete e do Júlio, líderes comunitários que participam conosco do trabalho, e colocá-las em comunicação com outras discussões e referências, sem pretensões de avaliação ou interpretação.

Esse exercício de ouvir e conversar para depois organizar um texto escrito escancarou os desafios de descrever e caracterizar as afetações que motivaram a realização da pesquisa. Antes de ir a campo, foram muitas horas dedicadas a identificar o que era aquilo que estava na fala dos líderes comunitários que *sentíamos* como tão potente, mas não sabíamos dar nome. Os primeiros passos da tentativa de encontrar as *nossas* palavras certas para falar sobre a escolha de palavras *deles*, foram em direção aos clássicos da mobilização social da América Latina.

A área na qual se estuda a convocação de vontades para atingir um objetivo comum a partir de sentidos compartilhados (TORO E WERNECK, 2004) é um campo fértil para pensar os atos de comunicação presentes no trabalho dos líderes comunitários, principalmente a partir de um entendimento relacional da comunicação. E foi em *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*, publicado em 1996 por Bernardo Toro e Nísia Werneck, que encontramos o nome que precisávamos. Nele, os autores dizem que para que uma mobilização tenha sucesso, um grande desafio é a criação de *imaginários convocantes* (TORO E WERNECK, 2004), que se dão a partir da mobilização da paixão, das emoções e cuja criação só é possível por meio de imagens e representações. Elaborar imaginários que convoquem os sujeitos a se mobilizarem é um exercício de manuseio de sentidos e representações compartilhadas.

A partir disso, surgiram alguns questionamentos sobre quais seriam os elementos discursivos e simbólicos de que os líderes comunitários lançam mão em suas falas que nos chamam atenção pela capacidade de construir uma potência discursiva e mobilizadora.

Nosso objetivo, afinal, foi observar como líderes comunitários, em suas falas

públicas, acionam imaginários (BACZKO, 1985) e constroem imaginários convocantes que mobilizam horizontes de sentidos compartilhados (TORO E WERNECK, 2004).

Através da realização de três estudos de caso (MERRIAM, 1998), compostos por entrevistas em profundidade e observações, lançamos luz sobre a figura dos líderes comunitários a partir de um lugar ainda pouco explorado até onde pudemos averiguar, enquanto possíveis produtores sociais (TORO E WERNECK, 2004) e, portanto, atores capazes de fazer uma proposta comunicativa com legitimidade para compor e sugerir um imaginário convocante. Vale ressaltar a centralidade dos públicos próprios das lideranças – já constituídos ou não, que se organizam a partir de lógicas próprias de influência que possuem aspectos simbólicos já identificados.

Este projeto, portanto, ao olhar para os públicos pela ótica das representações (tanto no sentido de delegação, quanto no simbólico) – à medida que líderes representam a comunidade e são reconhecidos por ela – assume a existência de comunidades imaginárias, que são melhor explicadas nas próximas seções. Essas foram organizadas de forma que quem lê o trabalho possa, primeiro, conhecer um pouco sobre Ednéia, Eliete e Júlio e se inteirar do percurso metodológico adotado. Depois, lançamos mão de algumas falas coletadas durante a pesquisa de campo, que dialogam com noções que nos são caras, como as de liderança, mobilização social, imaginação, comunidade e experiência, sem pretensões de concentrar uma análise em alguma parte específica.

Ao final, numa tentativa de sintetizar as discussões abertas durante as páginas anteriores, concluímos acenando para outros horizontes.

## **2 NO SERVIÇO DE AUTO FALANTE: DE QUEM OUVIMOS FALAR**

Em seu icônico samba que homenageia um líder comunitário do Morro do Pau da Bandeira (Rio de Janeiro - RJ), de 1974, Leci Brandão diz que queria “que existisse outro Zé do Caroço”. Como Zé, com aquele megafone, enfrentando o contexto político daquela época e com a relação com a comunidade que ele tinha, de fato, nunca mais teremos outro.

A nossa experiência com líderes comunitários de vários cantos de Minas Gerais, principalmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte e no Vale do Jequitinhonha (MG), nos alertava para as especificidades e aspectos comuns aos fazeres desses atores sociais. Conhecemos, nesses caminhos percorridos, padres, poetas, barbeiros, mães de oito crianças, palhaços de circo, benzedeiros, professores, dançarinos que, além de se dedicarem às suas funções principais, cedem parte da vida para trabalhar em prol da comunidade que integram. Cada um aciona sentidos específicos que são compartilhados com os demais através das mais variadas estratégias, que mobilizam afetos que gostaríamos de ter tempo de parar para escutar atentamente.

Com os três líderes que têm suas vozes entre aspas nestas páginas, que são materialização desse tempo que levamos para ouvir, a relação não começou no contexto da pesquisa, o que gerou certa apreensão. O nosso contato era entre “a Nathália da AIC” e “o Júlio Fessô do Eu Amo Minha Quebrada”, “a Ednéia do Taquaril e do MNLM (Movimento Nacional de Luta Pela Moradia)” e “a Eliete do Projeto Uly.” Convidá-los para participar de uma pesquisa acadêmica soava como se eu, Nathália, tivesse que me rerepresentar. Agora, falava também de um outro lugar, o de pesquisadora, palavra que até o começo da pesquisa de campo não era tão confortável aos meus ouvidos, pelo menos não na relação com eles.

Desconfortável e apreensiva sobre como seria recebida pelos três e por suas comunidades a partir desse outro contexto que não o de profissional e parceira de lutas, aceitei que só no caminho encontraria um nome para o lugar de onde eu escuto.

Por ora, a partir das descrições seguintes, esperamos que você, que lê o trabalho, consiga imaginar quem são Ednéia, Eliete e Júlio para que possamos seguir a conversa.

## 2.1 “Você precisa falar com a Ednéia do Taquaril”

Minutos antes do horário marcado com a Ednéia para convidá-la a participar do trabalho, achei mais seguro revisar o texto do projeto de pesquisa. Diante de uma das líderes comunitárias mais reconhecidas entre os movimentos sociais de Belo Horizonte, eu não poderia titubear. Li e reli o objetivo da pesquisa, e construí, no verso de um papel solto na mesa, uma espécie de roteiro para que eu pudesse explicar de forma objetiva as motivações que nos trouxeram até aqui.

É engraçado lembrar hoje do meu nervosismo e da sensação de estar fazendo ela perder seu tempo, quase sagrado, para falar comigo. É que a primeira vez que ouvi falar sobre ela foi em 2018, e o contexto era a divulgação de um evento interinstitucional do Dia da Mulher que ocorreria naquele ano e o meu trabalho era mapear e convidar pessoas de referência no combate à violência doméstica em Minas Gerais para integrarem a programação. Ao entrar em contato com as principais organizações da sociedade civil de referência e com seções especializadas de órgãos públicos, como o Ministério Público, surgiam diversos nomes, de pesquisadoras a vítimas que são vozes importantes da causa, mas todas, sem exceção, me disseram que eu precisava conversar com a “Ednéia do Taquaril”. O que todos diziam é que era ela a pessoa que melhor conseguia mobilizar as mulheres (da região dos bairros Granja de Freitas, Taquaril e parte do Alto Vera Cruz) para acorrer a eventos como o que eu participava da organização. Mais tarde, fui descobrindo, através de relatos de outras referências comunitárias parceiras, do Márcio, da Rafaela, parceira no IPÊ e diretora da AIC, que a Ednéia do Taquaril era a Ednéia do Movimento Nacional de Luta Pela Moradia, figura reconhecida em toda a cidade pela atuação aguerrida e sofisticada, que relaciona o direito à moradia com as violências sofridas pelas mulheres das periferias e a centralidade do trabalho e da renda.

Quando pressionei o botão “participar agora” e vi o sorriso dela, nem lembrei dos objetivos, problema de pesquisa, muito menos do rascunho feito às pressas minutos antes. Me sentia, diante dela, muito confortável para contar, com as minhas palavras pouco elaboradas e deixando aparecer as incertezas, a história por trás da ideia de realizar esta pesquisa. Lembro de contar a ela que, quando comentei sobre a ideia do trabalho com outros membros de movimentos sociais, todos disseram que ela tinha que ser uma das participantes, e que eu era uma grande admiradora do

seu trabalho.

Como fiz aqui, no começo deste texto, lembrei da minha admiração ao ouvi-la durante mobilizações no decorrer da pandemia e da campanha eleitoral, trouxe a preocupação sobre a importância de que fossem anotados, também entre os conhecimentos registrados e construídos no contexto da Universidade, as imensas contribuições de atores como ela para a comunicação para mobilização social. Devo ter falado por uns cinco minutos ininterruptos, como se um pequeno silêncio pudesse ser sintoma de incompetência. Quando finalmente respirei e perguntei se tinha ficado claro o objetivo do trabalho, ela sorriu. Não tenho a gravação dessa conversa, mas provavelmente sorri de volta, porque a sensação era de um peso imenso tirado das costas.

Por alguns minutos, depois de ela dizer que tinha entendido e que considerava a proposta importante, falamos sobre o peso que recai sobre os ombros dos líderes comunitários – este sim verdadeiramente imenso e sem perspectivas de afrouxamento, da importância de que os jovens também se impliquem nas lutas e do adoecimento de muitos. Encerramos a conversa com o combinado de que ela me avisaria assim que surgisse a oportunidade de eu acompanhar uma de suas falas e que em breve agendaríamos a entrevista.

O convite logo chegou, porque, naquele momento, em janeiro de 2023, ela estava envolvida no movimento (que atua até o presente momento, em maio de 2023) pela defesa do Plano Diretor de Belo Horizonte, ameaçado por projetos de lei que alteravam a legislação municipal responsável pela regulação da Outorga Onerosa. A luta pela defesa do Plano Diretor,<sup>14</sup> elaborado na IV Conferência Municipal de Política Urbana, em 2014, contou com uma série de eventos públicos, presenciais e *online*, dos quais a Ednéia participou, sendo que os registros de suas falas também compõem esta pesquisa.

Para compreender o envolvimento da Ednéia nessa e em outras mobilizações pelos direitos à moradia e a uma vida digna para todos, é preciso conhecer sua história e a do Taquaril, que nunca ouvi serem contadas separadamente.

Moradora do bairro desde os anos 1980, Ednéia Aparecida de Souza, mulher negra de 59 anos, conta que entrou na luta por pura necessidade, ainda muito

---

<sup>14</sup> Plano Diretor de BH: alteração aprovada em 1o turno desmonta política de outorga onerosa. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/25/plano-diretor-de-bh-alteracao-aprovada-em-1-turno-desmonta-politica-de-outorga-onerosa>. Acesso em: 15 jul. 2023.

jovem. Durante a ditadura militar, integrou o movimento comunitário ligado à Associação de Moradores do Alto Vera Cruz e ao Centro Comunitário Taquaril, como contou em entrevista cedida a Rafaela Lima:

Nós corremos atrás demais para ter o direito à moradia assegurado. O Taquaril foi o local que conseguimos para morar, mas era uma área perigosa em todos os sentidos. Aqui, além de ser um terreno condenado para a construção de moradia, não tinha nada quando viemos pra cá. A gente ainda não tinha nenhum direito básico assegurado: não tinha água, não tinha luz, não tinha ônibus. Não tinha nada. Absolutamente nada. Não tinha creche. Nada. Nós fizemos quase tudo aqui na mão. Nós marcamos as ruas todas. Os lotes todos (LIMA, 2023).

As condições de vida na região até meados dos anos de 1990 são relatadas por Ednéia como desumanas. Segundo ela, os índices de mortalidade infantil, violência urbana e violência contra as mulheres eram altíssimos. Com a falta de condições mínimas de sobrevivência, a luta organizada vem sendo o único caminho possível para que a comunidade conquiste melhorias na qualidade de vida.

Hoje, Ednéia é militante do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, que mobiliza principalmente as mulheres da comunidade em prol da melhoria tanto qualitativa quanto quantitativa das moradias. Também relacionada ao direito à cidade e à qualidade de vida, o acesso à cultura é outra frente prioritária para ela, que hoje está sendo articulada de forma mais direta por jovens da região.

Outro movimento integrado por ela, que ressalta sempre que foi a luta pela moradia que a levou a esses outros lugares, é a Rede Mães de Luta,<sup>15</sup> que também será citada durante as páginas deste trabalho. Por lá ela nos conta que são compartilhadas sabedorias de várias mulheres, que trocam experiências e afetos. Como ela diz: é costurando essas sabedorias que a gente vem construindo essa história toda.

As aspas das falas da Ednéia que aparecerão ao longo das próximas páginas deste trabalho vêm, principalmente, de contextos nos quais ela trata desses temas, que não são nem de longe os únicos pelos quais ela atua.

## 2.2 “Foi a Eliete do Projeto Uly que me salvou”

Como aconteceu com muitas pessoas com quem eu dialogo hoje na AIC e nos movimentos sociais, conheci a Eliete no começo da pandemia de covid-19.

---

<sup>15</sup> Composta por mais de 30 coletivos e entidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a Rede atua para dar visibilidade às violências sofridas por mulheres que são atravessadas pelo racismo, o encarceramento em massa e o genocídio da juventude negra.

Bárbara Gonçalves, grande parceira de trabalho, foi quem primeiro me falou dela; uma liderança que ligava insistentemente em busca de doações de cestas básicas para os moradores da região do Morro das Pedras, aglomerado da Zona Oeste de Belo Horizonte que é formado por sete vilas (Antena, Santa Sofia, São Jorge I, II, III, Leonina e Pantanal). As primeiras ocupações do local datam de 1935. O Morro, que dá nome ao aglomerado, é “das Pedras” por causa da extração feita pela prefeitura na região, de onde saíram toneladas de matéria-prima para a construção da capital mineira.<sup>16</sup> A história da comunidade também é marcada pelo lixão onde, entre os anos de 1944 e 1971, foi depositado todo o lixo de Belo Horizonte. Hoje, o Morro das Pedras conta com aproximadamente 16 mil habitantes,<sup>17</sup> dezenas de associações comunitárias, mais de 10 escolas e creches, além de um Centro de Saúde e uma Unidade de Pronto Atendimento de Saúde (UPA).

Mais tarde, com a criação do programa de segurança alimentar Comunidade Viva Sem Fome, o Projeto Uly, que funciona no primeiro andar da casa da Eliete, passou a receber cestas básicas e desde então desenvolvemos juntas inúmeras ações e projetos que só foram possíveis graças à sua insistência e esperança.

Lembro como se fosse hoje do dia em que Márcio e eu nos olhamos e sorrimos, durante uma aula no começo da disciplina de Laboratório de Planejamento da Comunicação,<sup>18</sup> quando ele ouviu a Eliete pela primeira vez. O Projeto Uly era um dos grupos que trabalhava em parceria com os alunos da graduação e, ao ir para a frente da sala apresentar o grupo, ela fez um discurso potente, que começou com uma explicação emocionada sobre o Projeto ter nascido primeiro no coração de Deus e o impacto que ele tem na vida daqueles que são diretamente beneficiados pelas suas ações.

Naquele momento, estávamos justamente pensando sobre quem poderiam ser os líderes comunitários que convidaríamos para participar da pesquisa, e naquele momento, sem trocar nenhuma palavra, sabíamos que seria preciso chamá-la para esta história. E hoje estamos aqui porque, assim como a Ednéia,

---

<sup>16</sup> Aglomerado Morro das Pedras - Favela É Isso Aí. Disponível em: <https://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/aglomerado-morro-das-pedras/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

<sup>17</sup> Prefeito visita obras no Aglomerado Morro das Pedras. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/prefeito-visita-obras-no-aglomerado-morro-das-pedras#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20aglomerado%20%C3%A9>. Acesso em: 15 jul. 2023.

<sup>18</sup> Disciplina do Curso de Relações Públicas da UFMG, que realiza trabalho prático de planejamento de comunicação colaborativo com coletivos e entidades comunitárias, em parceria com a Agência de Iniciativas Cidadãs - AIC, compondo também um projeto de Extensão da Universidade.

Eliete embarcou nessa sem titubear.

Por falar em história, vamos tratar um pouco da trajetória dela, que nos surpreendeu a cada conversa. A professora doce que falava sobre acolhimento com uma blusa que estampava um beija-flor, luta por diversas causas sociais desde a juventude. Eliete Jesus dos Santos, mulher negra que hoje tem 43 anos, já foi parte do grêmio da escola onde estudou, da União Colegial de Minas Gerais (UCMG) e integrou o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8), organização revolucionária que participou da luta armada contra a ditadura militar brasileira.

Hoje, seu trabalho à frente do Projeto Ully é feito majoritariamente com mulheres moradoras do Morro das Pedras, mas sonha em abrir outras filiais na Ventosa, outro aglomerado da Zona Oeste da capital Mineira, e na cidade de Alvinópolis - MG, onde amigos e familiares também apontaram a necessidade de um projeto como o Ully.

Sobre a comunidade da Eliete, antes de apresentar algo sobre o Morro das Pedras, é preciso falar das Ully Girls. Elas compõem o grupo de mulheres responsável pelo projeto, que compartilham com a Eliete a construção das ações e que, literalmente, vestem a camisa. Nos últimos meses, enquanto finalizamos a escrita da dissertação, a identidade visual do Projeto Ully estava sendo desenvolvida de forma colaborativa entre a equipe da AIC, a Eliete e as Ully Girls.

Se antes de encontrá-las semanalmente para conversar sobre o projeto já existia curiosidade e empolgação com a ideia desse grupo, conhecer as Ully Girls inspirou reflexões sobre voluntariado, corresponsabilidade e as relações de pertencimento a uma causa social.

A comunidade construída por elas dentro do Morro das Pedras é um espaço de fortalecimento mútuo que se dá através do encontro e do acolhimento da história de cada uma, que é sempre atravessada por desafios compartilhados por muitas delas. O Projeto conta com atividades de reforço escolar para crianças, bazar, distribuição de alimentos, formações, programações culturais e com o abraço caloroso da Eliete. Ouvir as Ully Girls falarem sobre ela reforçou nossas percepções: enquanto ela fala, ninguém desvia o olhar e enquanto qualquer um fala, parece que tudo ao redor dela some e aquela pessoa se torna a mais importante do mundo.

Finalizo esta breve apresentação dessa mulher que tanto nos ensina sobre esperança com a mensagem que ela pediu que ficasse:

E eu acho que pra mover um projeto você tem que ter um um sonho, né? Mas acima de tudo, você tem que ter fé. Fé em Deus. Confiar nas coisas que você está fazendo e ter a certeza do que você é, do que você vai ser. E nunca deixar a sua essência para trás. Porque se você deixar a sua essência pra trás, aí você pode decepcionar aquela pessoa que acreditou em você e desabrochar. E é essa mensagem que eu quero que você coloque (Eliete - entrevista para a pesquisa).

### 2.3 “Ah, você tá falando do Fessô?”

Se você chegar em qualquer ponto da Rua São Tomás de Aquino, uma das maiores do Morro do Papagaio, e perguntar pelo Júlio César, há grandes chances de essa ser a primeira parte da resposta: “Ah, o Fessô?”.

Júlio Fessô é líder comunitário “de carteirinha”, como informado na descrição do seu perfil no Instagram,<sup>19</sup> onde conta com mais de 10 mil seguidores. Lá, ele nos conta que, além de líder comunitário, é pai, serígrafo, poeta, compositor e criador de quatro projetos sociais, três deles no Morro do Papagaio, onde mora, na região Centro-Sul de Belo Horizonte. Além disso, está no seu segundo mandato à frente da Associação de Moradores e, durante o desenvolvimento do trabalho, tornou-se estudante universitário. Esta conquista, que à primeira vista pode parecer individual, é fruto do trabalho desenvolvido a várias mãos no Voa Papagaio, cursinho popular pré-Enem cursado por Júlio e que possibilitou sua aprovação em dois cursos: Serviço Social, na UNA, e Ciências Socioambientais, na UFMG. Os momentos marcantes da sua trajetória foram citados em uma postagem no Instagram:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/juliofessooficial/>.

Figura 1 - Print do perfil do Júlio Fessô no Instagram



Fonte: @juliofessooficial no Instagram

Na legenda: Do vício ao sistema prisional. Do sistema prisional (onde conheci o cristianismo genuíno) ao ativismo social. Do ativismo social (@euamominhaquebradaoficial @maisfavela @cdcpggoficial @voapapagaio @reciclakidsnaquebrada @narealmorrodopapagaio) ao Pré ENEM Morro do Papagaio. Do Pré ENEM Morro do Papagaio direto pra UNA e UFMG. (Daria um filme). Alguém aí ainda tem dúvidas da importância e do valor desses trabalhos (como o nosso) que são feitos com base numa educação de qualidade dentro das Quebradas? Educação essa que é a base de toda transformação. Voa Papagaio!

O nome oficial do aglomerado, que tem cerca de 15 mil moradores, é Aglomerado Santa Lúcia, Santa esta que também nomeia um bairro vizinho, nem um pouco aglomerado e famoso na cidade pelas “casas bonitas” e “avenidas boas para fazer caminhadas”. “Morro do Papagaio”, como a comunidade é conhecida na capital mineira, veio por causa da grande quantidade de crianças e adolescentes que subiam no alto dos morros para “soltar papagaio”, como nos referimos à pipa ou pandorga aqui em Belo Horizonte.

O Morro surgiu na década de 1920, mas a ocupação ficou mais intensa a partir dos anos de 1940, quando ocorreu um grande fluxo de moradores do interior para Belo Horizonte (Favela É Isso Aí, 2004). Quem está lá há mais tempo conta que parte da área que hoje é o Papagaio pertencia a três fazendeiros, como disse José Pedro Moreira, que mora por lá há mais de 60 anos: “Doutor Mário, senhor

Anastácio e Família Diomar. As casas só podiam ser construídas à noite, porque o local era vigiado por um órgão da prefeitura chamado X-Bel, que barrava a ocupação no local.” (Favela É Isso Aí, 2004). Hoje o Morro do Papagaio é composto por quatro vilas: Vila Santa Rita de Cássia, Barragem Santa Lúcia, Vila Estrela e Vila Esperança, que somam uma área de aproximadamente 460.000 m<sup>2</sup> (Favela É Isso Aí, 2004).

Foi por várias dessas ruas e becos que Júlio César Evaristo de Souza, homem negro de 48 anos, construiu sua história. Tanto a parte dela que podemos acompanhar de perto nas redes sociais, quanto a que nos surpreendeu quando pesquisamos seu nome no Google, em 2019, para uma pesquisa sobre serigrafos da cidade. É que Júlio, bem antes de ser apelidado como “Fessô” por seus alunos, foi de orgulho da família a usuário de drogas, presidiário e “dono do morro” – em referência à pessoa que chefia o tráfico de drogas numa determinada comunidade. Sobre como a construção da narrativa da sua vida reflete nos seus apelidos, ele conta:

Antes de Júlio Fessô, meu apelido era “Todo Feio”. Por causa do uso de droga constante eu fiquei com a aparência muito debilitada e também virava tipo um bicho. O verdadeiro Júlio Fessô é um apelido que eu conquistei através dos meus alunos (NA AÇÃO, 2016).

Cristão, Júlio sempre atribui à sua fé em Deus e à sua força de vontade a mudança pela qual passou desde que saiu da prisão. Desde então, começou a desenvolver projetos sociais na comunidade. No começo deu aulas de serigrafia e grafite e virou uma referência principalmente entre crianças e adolescentes do Morro.

Hoje, das crianças e adolescentes às senhorinhas da igreja, muitos enxergam Júlio como uma figura de referência na comunidade. Lembramos bem de uma vez, durante a pandemia de covid-19, que, ao entrar na videochamada para discussão de estratégias de controle de casos nas periferias, uma jovem liderança do Aglomerado da Serra prontamente ligou o microfone para dizer que se o Fessô tava na reunião, ele até abriria a câmera. Com uma fala mansa e palavras certeiras, Júlio Fessô “tem moral” por onde passa. Caminhar ao lado dele sempre requer paciência, porque são muitos abraços e puxões de orelha no caminho, e aqui não estamos falando só das ruas do Morro do Papagaio.

Um dos fatores que nos motivou a escolhê-lo para a pesquisa é sua

capacidade de levar experiência de fora para o Morro e de descer para o asfalto trazendo na sua fala, as vivências dos favelados. Outra característica marcante das falas do Fessô que já acompanhamos até aqui é a articulação que ele faz entre passado e presente. É também através da sua própria trajetória de vida – e de superação, que reforça a possibilidade de outros futuros possíveis para todos.

Ele, que gosta muito daquela frase que diz que “a palavra convence, mas o exemplo arrasta”, nos ensina um bocado sobre falar do que é possível fazer.



Partimos agora para a parte do texto onde explicaremos sobre como a pesquisa foi realizada. Antes, porém, volto aqui para registrar, como se fosse necessário depois de usar tantos adjetivos para apresentá-los a você, que o lugar de onde eu ouço é de uma grande admiradora, de uma fã, mas principalmente de uma aluna dos três.

Sou aluna dos professores Márcio Simeone, Ednéia, Eliete e Júlio, e vim aqui contar o que entendi do que ouvi eles falarem.

### 3 APRENDENDO A ESCUTAR: OS RECURSOS METODOLÓGICOS

*“Os nossos conceitos, estamos falando deles, eles são mediadores. Eles fazem ponte entre a inteligência e a experiência vivida, eles iluminam conteúdos já pressentidos no interior da prática.”*

Paulo Freire e Adriano Nogueira, *Que Fazer*.

Para aprender mais sobre e com o trabalho de mobilização realizado por Eliete, Júlio e Ednéia, os chamamos para conversar. Nenhuma transcrição de suas falas públicas, organizadas em planilhas e cheia de códigos para os ditos “operadores analíticos” seria tão potente quanto um diálogo aberto, entre nossas dúvidas e curiosidades e suas respostas; entre suas falas e os conceitos e experiências que medeiam a nossa escuta.

Este capítulo trata de como foi construída e executada a pesquisa e apresenta os métodos que nos ajudaram a compreender como os três líderes comunitários em questão incitam a imaginação (BACZKO, 1985) e elaboram imaginários convocantes (TORO E WERNECK, 2004) ao falar com seus públicos. Para isso, realizamos três estudos de caso (MERRIAM, 1998).

As técnicas de coleta de dados utilizadas nos três estudos de caso foram entrevistas em profundidade, observações e análise de documentos (publicamente disponíveis), seguindo a abordagem proposta pela professora Sharan Merriam (1998) em *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*.

Ao propor uma pesquisa qualitativa que parte de interações cotidianas, basear o percurso metodológico em uma epistemologia construtivista é assumir que “a realidade é construída por indivíduos que interagem com seus mundos sociais” (MERRIAM, 1998, p. 6). Os caminhos propostos nos levam a, a partir do diálogo com os conceitos norteadores da pesquisa, observar os sentidos mobilizados pelos líderes comunitários durante suas proposições narrativas. Assumimos, portanto, a inexistência de uma realidade objetiva, que dá espaço a “múltiplas interpretações da realidade” (MERRIAM, 1998, p. 22).

Durante o início da pesquisa de campo, nos dedicamos a mapear e selecionar líderes de diferentes territórios, que atuassem por determinada vila, bairro, aglomerado ou ocupação de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Foi muito importante para nós que, mesmo que sua atuação se desse em uma organização voltada para causas específicas, que a pessoa fosse uma referência

geral no território onde atua, que tivesse influência sobre certos públicos ou públicos próprios, tanto naquela localidade quanto na representação da comunidade para além dela.

A busca por líderes com o perfil desejado para consolidação dos objetivos propostos no trabalho foi feita a partir do contato preliminar com integrantes de fóruns e redes dos quais participamos e de dados compilados durante o processo de mapeamento de entidades do terceiro setor que atuaram no combate à pandemia de covid-19, realizado no âmbito da rede Periferia Viva, articulada pela Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC). Os dados deste mapa estão disponíveis publicamente nas plataformas digitais da iniciativa<sup>20</sup>, compreendendo aproximadamente 100 coletivos/movimentos/entidades, em sua maioria com atuação na capital mineira, que, a partir de um representante, cedeu voluntariamente informações com o objetivo de gerar mais visibilidade às ações desenvolvidas em seus respectivos territórios.

Desta forma foram selecionados três líderes: Ednéia, Eliete e Júlio Fessô. A escolha dos três casos se deu porque, ao ouvi-los falar em atos e encontros das redes das quais fazemos parte, notamos uma potência mobilizadora grande quando falavam sobre e em nome das suas comunidades, bem como dos desafios da atuação nesses três territórios. É importante frisar que, apesar de serem 3 líderes muito diferentes, Ednéia, Julio Fessô e Eliete são pessoas que nos inspiram e com ou sobre as quais poderíamos passar horas falando. Sabe quando você sai de uma reunião e logo depois comenta com um conhecido sobre quão incrível a fala de alguém foi? Pois eles são esse alguém para nós.

Escolhidos os líderes, durante os quatro meses que tramitou no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG o pedido para realização da pesquisa de campo, nos dedicamos a visitar a bibliografia das discussões tecidas sobre temas caros à pesquisa: liderança e influência, comunicação para mobilização social, comunidades e, por fim, imaginários e imaginação.

Também durante este período, nos voltamos à coleta de documentos e registros publicamente disponíveis de falas públicas de Júlio, Ednéia e Eliete onde fosse possível identificar apelos mobilizadores. Logo nas primeiras pesquisas na internet encontramos entrevistas, vídeos no Youtube e no Instagram que contavam

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://aic.org.br/atuacao/fortalecimento-da-sociedade-civil/periferia-viva/> e <https://www.instagram.com/periferiaviva/>.

com a participação do Júlio. No total, foram considerados 12 vídeos curtos (de até 5 minutos), onde ele lançava mão de apelos mobilizadores em suas falas, seja para apresentar o Morro do Papagaio em um *videocast* ou em entrevistas sobre a sua história de superação.

A coleta de materiais disponibilizados na internet que trouxessem falas da Ednéia se concentravam principalmente em vídeos no Youtube e entrevistas para jornais. Ao contrário de Júlio, não foram encontrados trechos de falas dela nas redes sociais. No total, foram considerados para a pesquisa 5 vídeos longos (de aproximadamente 30 minutos cada) que contam com sua voz na mobilização, principalmente em *lives* que tratavam dos ataques ao direito pleno à cidade pelos mais pobres. Além dos vídeos, foi acessado também um depoimento cedido pela Ednéia à pesquisa de doutorado intitulada “Quando o luto é luta, mobilização é ato criativo: Experiências coletivas de jovens e mães contra o genocídio da juventude negra”, de Rafaela Pereira Lima, parceira de pesquisa no IPÊ.

Disponibilizado em formato de texto escrito em um website<sup>21</sup> junto a outras histórias, o depoimento da Ednéia acerca da sua história de vida foi de suma importância para a realização deste trabalho. Ele tem 16 páginas e 29720 caracteres.

Entre os três, a Eliete é a líder comunitária que menos tivemos acesso a falas disponíveis na internet. Os trechos encontrados de entrevistas cedidas à veículos de comunicação não traziam elementos que dialogassem com os aspectos de mobilização para os quais olhávamos. Foi ela mesma quem nos enviou 2 vídeos (de aproximadamente 3 minutos cada) que eram registros de suas falas em eventos no Projeto Ully e que integram o material analisado.

São exemplos de espaços onde os elementos discursivos dessas falas puderam ser identificados: registros de manifestações e atos que acontecem nas ruas ou em espaços públicos, encontros abertos em projetos sociais, participações em reuniões ou audiências em órgãos dos poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário ou de outras iniciativas (desde que claramente caracterizadas como sendo de acesso público), vídeos e *lives* abertas em redes sociais, entrevistas em veículos jornalísticos e reuniões *online* abertas à participação de qualquer pessoa interessada.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://quandoolutoeluta.org.br/sobre/>>

O que se desejou observar foi a criação e articulação de elementos discursivos presentes nas falas dos líderes em espaços públicos, institucionais ou não. Essa escolha se deu porque, nesses espaços, a fala pode ser mais preparada, ritualizada e performatizada, ou seja, permite ver o desempenho de cada líder em contexto de mobilização e em condições de publicidade (HENRIQUES, 2012).

No dia 31 de outubro de 2022, nosso projeto foi aprovado pelo COEP, o que permitiu que, além de buscar na internet falas dos três líderes, fosse possível também acompanhar e registrar suas falas “ao vivo” e, ao final, entrevistá-los.

Em relação à observação das falas públicas, encontramos alguns desafios. O primeiro deles diz respeito aos projetos sociais dos líderes se voltarem a atividades específicas ao final do ano, como campanhas de arrecadação para o Natal e organização de eventos na comunidade, por exemplo. Além disso, devido a compromissos dos seus trabalhos formais, no caso do Júlio, ou de questões pessoais dos três, algumas participações em eventos foram canceladas.

No total, foi possível observar 1 fala pública do Júlio, que aconteceu na sede do Movimento Eu Amo Minha Quebrada, no Morro do Papagaio, no contexto de uma conversa que ele teve com alunos de pedagogia que gostariam de ouvir suas experiências acerca dos desafios da educação em contextos de periferia. Com a Eliete foi possível acompanhar também 1 fala na sede do Projeto Uly, quando ela apresentava as ações e conquistas do trabalho para parceiros. Já com a Ednéia, devido à intensa mobilização já citada em torno dos ataques ao Plano Diretor de Belo Horizonte, que ocorriam justamente no período de realização da pesquisa de campo, conseguimos acompanhar 3 eventos dos quais ela participou junto a outros atores sociais envolvidos nesta luta. Todas as falas de Ednéia, Eliete e Júlio nos eventos públicos observados tiveram seus áudios gravados mediante o aviso a todos os participantes e à concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A deste documento) por parte dos líderes.

Após o período de observação, que durou cerca de 3 meses, cada líder foi entrevistado uma vez e o tempo de duração médio das entrevistas foi de 2 horas. O roteiro da entrevista está no APÊNDICE B deste documento.

Finalizadas as coletas de dados, partimos para a análise da transcrição dos materiais disponíveis na internet, das gravações realizadas durante a observação e das entrevistas. Inicialmente o objetivo foi identificar momentos nos quais os líderes acionaram sentidos e atribuíram maior força expressiva aos seus apelos

mobilizadores. Entretanto, diante do desafio de identificar trechos específicos nos quais os 3 líderes propusessem imaginários convocantes sintéticos, com grande carga simbólica, como sugerido por TORO e WERNECK (2004), ao revisitar as transcrições foi possível identificar algo que até então não tinha sido percebido: a articulação feita por eles de elementos temporais.

Finalmente, o que se buscou durante a análise do material bruto coletado durante a pesquisa foi a identificação, nas falas de Júlio, Eliete e Ednéia, de elementos que remetem ao presente, ao passado e ao futuro quando usados para mobilizar seus diversos públicos para as causas que dizem respeito às suas respectivas comunidades. Após a identificação dos trechos, os organizamos a partir de similaridades e contrapontos que mediaram, principalmente, as discussões sobre imaginação e experiência com as quais tivemos contato durante a pesquisa bibliográfica. Para que as reflexões acerca de tais atravessamentos fossem compartilhadas com aqueles que acessam o trabalho, foi essencial trazer vários dos trechos de suas falas para os capítulos finais.

É preciso registrar também que os estudos de caso nos permitem observar tais construções a partir das singularidades de cada líder e de suas comunidades e não possibilitam análise da atuação dos líderes comunitários como um grupo.

### **3.1 De onde está vindo essa voz? Alguns apontamentos éticos**

Preocupa-nos, além de questões burocráticas, como a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e arquivamento dos materiais coletados, o impacto que a pesquisa possa ter, principalmente quando publicada, na relação dos líderes com seus públicos. É um ponto de atenção que não fazemos, mesmo porque não é objetivo deste trabalho, nenhum juízo de valor ou avaliação do desempenho ou da performance de cada um deles. Nesse sentido, entendemos que é preciso sermos explícitos ao tratar de influência, persuasão e poder durante a análise, para não dar margem a interpretações de que os líderes comunitários atuem estrategicamente, a partir de táticas de persuasão, para obter poder sobre um determinado grupo de pessoas.

Outro ponto de atenção quando se trata das questões éticas que envolvem nossa pesquisa é a relação dos líderes com as organizações do terceiro setor que integram. Além de ter a anuência dos dirigentes dos coletivos, não tratamos de

situações sensíveis particulares ao coletivo, entidade ou movimento e, caso solicitado pelo líder entrevistado, informações que ele mesmo identificasse sobre estas situações seriam mantidas em sigilo.

Optamos por identificar os líderes comunitários sobre os quais fizemos os estudos de caso, com a expressa concordância deles. Isso se deve ao fato de as análises das falas deles serem reflexo também de suas interações em público e de como se afirmam em condições de publicidade, que inevitavelmente vão aparecer nos áudios e, portanto, devem ser tomadas no contexto da sua atuação, onde já estão expostos, com os riscos a isso inerentes.

Além disso, como já dissemos antes, o contato prévio com líderes comunitários indica a necessidade de que esses atores sejam reconhecidos enquanto importantes produtores de conhecimento para a área da mobilização social, ou seja, há uma disposição para que estes conhecimentos sejam produzidos de modo colaborativo na pesquisa. Dessa forma, ao tratarmos de suas táticas de convocação, o reconhecimento de seus nomes se faz fundamental.

Enfim, reconhecemos os riscos de retaliações que os líderes pesquisados possam sofrer, entretanto, por analisar falas publicamente disponíveis de pessoas já implicadas em processos políticos da cidade, alguns dos quais também participamos, consideramos que tais riscos não são ampliados pela realização da pesquisa. Além disso, todo o material coletado foi usado unicamente para os fins da investigação e não foram ou serão publicados áudios ou vídeos que compuseram o *corpus* da pesquisa por nenhum meio, nem a gravação das entrevistas.

## 4 LÍDER DE QUEM?

Sobre o conhecimento relacional

Também acredito na força das verdadeiras relações entre as pessoas para a soma de esforços no sentido de reinvenções da gente e do mundo. E não há como negar que a experiência dessas relações envolve, de um lado, curiosidade humana, centrada na própria prática relacional, de outro, a curiosidade alongando-se a outros campos. O envolvimento necessário da curiosidade humana gera, indiscutivelmente, achados que, no fundo, são ora objetos cognoscíveis em processo de desvelamento, ora o próprio processo relacional, que abre possibilidades aos sujeitos da relação da produção de interconhecimentos. O conhecimento relacional, no fundo, inter-relacional, “molhado” de intuições, adivinhações, desejos, aspirações, dúvidas, medo a que não falta, porém, razão também, tem qualidade diferente do conhecimento que se tem do objeto apreendido da sua substantividade pelo esforço da curiosidade epistemológica. Estou convencido, porém, de que sua finalidade diferente deste conhecimento chamado relacional, em face, por exemplo, do que posso ter da mesa em que escrevo e de suas relações com objetos que compõem minha sala de trabalho com que e em que me ligo com as coisas, as pessoas, em que escrevo, leio, penso e falo não lhe nega o status de conhecimento. Finalmente, a curiosidade epistemológica com que Lynne Richards, tomando distância, dele se aproxima e de que resulta reconhecê-lo como conhecimento, o relacional, é projeto de indiscutível valor e importância.

São Paulo, 15 de setembro de 1996 - Paulo Freire.

Parecer feito a pedido de Peter Park sobre a tese de doutorado de Lynne E. Richards, *A Theory of Relational Knowledge*, apresentada ao The Fielding Institute.

### 4.1 Isso poderia ser contado numa conversa, pena que não pode

Antes de começar propriamente este que poderíamos chamar de “o primeiro capítulo mais teórico” e de colocar o que lemos com o que ouvimos para conversarem nas próximas páginas, uma pausa. Neste ponto da construção da dissertação, depois de ir à rua e voltar para a tela do computador e de explicar para os outros o motivo que levou à realização desta pesquisa, já sabíamos *falar* sobre os encantamentos que nos trouxeram até aqui e sobre o que estávamos aprendendo e perguntando.

O desafio agora era escrever para contar para aqueles que viriam a *ler* o trabalho sobre o que vínhamos conversando durante esses dois anos. Entre o que a gente “fala enquanto pensa” nas reuniões de orientação, como diz nossa

companheira de caminhada Raissa Faria,<sup>22</sup> e a escolha angustiante de cada letra no teclado, há uma distância grande. Nesta distância, que é também entre “toma um cafezinho enquanto eu te conto” e a preocupação com a norma culta, muito poderia ficar para trás. Mas é preciso dizer, talvez mais para nós mesmos do que para quem lê, que esses conhecimentos relacionais (FREIRE,1996) não se perderam no caminho para cá. Eles agora nos formam.

Para pensar em formas de compartilhar os principais caminhos percorridos foi preciso assumir que o nosso texto escrito não daria conta de descrever a riqueza do processo da mesma forma como a fala, acompanhada ou não de gestos, dá. É que o discurso escrito, protagonista deste contexto acadêmico onde estamos, tem uma ordem, um jeito de ser, e principalmente um tempo, que é muito distante daquele que envolve os processos de descobertas. Se até mesmo os grandes mestres, os lavradores de palavras, como diz Nego Bispo, se frustram por não achar aquelas que se movem bem pelas linhas do texto, quem dirá nós.

O meu grande desejo é que o meu texto fique o mais próximo possível da oralidade, inclusive os textos acadêmicos, inclusive artigos. Só que a oralidade tem um gesto, tem um olhar, tem o silêncio. E o texto escrito não tem. Não tem como você traduzir fielmente essa oralidade para o texto escrito, então isso dá um desespero. A palavra, ela não dá conta. (EVARISTO, 2023)

Consolados por Conceição, fomos e voltamos. Nos interrompemos para perguntar no meio das frases, para depois nem terminá-las. Por vezes mudamos o rumo por causa de uma palavra, e assumimos que rumo nem sempre é caminho reto.

Falaremos mais – e melhor, sobre tempo depois. Por ora, ele veio até aqui para dizermos que esta dissertação se organiza, também, a partir dos fluxos do nosso pensamento em processo, e pode, quem sabe, ser um bom mapa falado, ou melhor, escrito, sobre o que nos guiou.

---

<sup>22</sup> Relações Públicas pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2015) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2023), Raissa Faria é gerente de projetos na Agência de Iniciativas Cidadãs e atua principalmente nas áreas de cultura, memória, mobilização social e educação.

#### 4.2 A convocação no viva voz: por quem fala e o porquê da fala

Não foram uma nem duas vezes que, ao chegarmos pela primeira vez em um bairro aqui de Belo Horizonte, alguém nos perguntou “quem é sua liderança?”. É a partir dessa pergunta, e das entrelinhas nela postas, que decidimos começar refletindo sobre os grupos comunitários e a comunicação para mobilização social.

A pesquisa se baseia na realização de três estudos de caso que investigam aspectos específicos da atuação de líderes comunitários. Por isso, é fundamental reconhecer e diferenciar as comunidades dos grupos/coletivos comunitários, bem como dos públicos próprios dos líderes.

As comunidades sobre as quais falamos estão em um contexto urbano, em uma capital no sudeste do Brasil, mais especificamente em territórios periféricos de Belo Horizonte: Morro do Papagaio, Morro das Pedras e Taquaril. Dentro dessas comunidades existem também as chamadas organizações do terceiro setor, grupos e coletivos que atuam por diversas causas naquele contexto específico, que se dedicam a “cobrar das organizações a atenção e o empenho em solucionar os problemas sociais das comunidades onde atuam” (HENRIQUES e NETO, 2001).

Esse movimento, que Henriques e Neto (2001) chamam de “reordenamento micropolítico”, fez com que nós, profissionais e pesquisadores da comunicação, construíssemos formas específicas de compreender esses processos comunicativos, além das já conhecidas práticas da iniciativa privada e do poder público. Nesse contexto, de comunicação em processos de mobilização social, o objetivo é criar e manter vínculos. A corresponsabilidade é o vínculo mais forte que os públicos podem ter em relação a alguma causa (HENRIQUES *et al.*, 2004) A corresponsabilidade se relaciona, dessa maneira, com um sentimento de solidariedade, que alguns públicos ou pessoas podem ter em relação a uma determinada realidade.

[...] FRANCO (1995) salienta que a ação solidária explica-se “pela hipótese da existência de uma consciência moral que apreende o outro (que sofre) com ‘um outro-eu-mesmo’ e que induz ao reconhecimento de que ‘eu sou responsável pela solução dos carecimentos que acarretam sofrimentos aos meus semelhantes” (HENRIQUES *et al.*, 2004, p. 327).

No comando dessas organizações sociais estão atores que já são corresponsáveis pela causa pela qual atuam e que, portanto, apreendem o sofrimento do outro, que é “eu mesmo” não só pela ação solidária, mas também por

compartilhar uma realidade social próxima àqueles que também compõem sua comunidade. Esses atores por vezes são líderes comunitários, como os que participam deste trabalho.

É preciso destacar que os líderes comunitários não são referências para toda a comunidade onde atuam e moram e sequer têm seu trabalho legitimado por todos os moradores. São, muitas vezes, pessoas que estão à frente de movimentos e coletivos específicos e que, no contexto de sua atuação por determinadas causas, criaram vínculos que possibilitaram que tivessem públicos próprios nos territórios em que estão. Ou seja, o líder comunitário é uma pessoa de referência na comunidade onde atua a partir das lutas que trava e à medida que é reconhecido pelos moradores daquela localidade como tal. Não julgamos possível falar, portanto, em representantes absolutos de todos que compõem uma comunidade, mas em públicos que estão à volta desses líderes que atuam por causas daquela comunidade.

A partir da relação com os públicos, durante suas falas de convocação, o líder comunitário articula elementos simbólicos e os ordena, a fim de gerar uma composição discursiva que tome a forma de um apelo. A organização e a síntese dos sentidos acionados que são vocalizados numa fala pública passam, assim, por um processo de afunilamento, que faz uma espécie de filtro do universo simbólico dos públicos e os reelabora para compor os chamamentos. Este manejo dos códigos explicita o contexto da liderança sobre o qual falamos no tópico anterior.

Para entender melhor sobre o que estamos falando, na prática, imagine que um determinado líder comunitário precisa mobilizar jovens de um grupo de *rap* do seu bairro para que ele aja ativamente para o combate à LGBTQIAP+fobia na comunidade. As palavras que ele usará e os argumentos construídos durante esta fala muito provavelmente serão distintos dos usados para falar com os líderes religiosos da comunidade depois de um culto, por exemplo. Nessa situação, podemos notar dois elementos importantes à pesquisa: o primeiro é que não necessariamente os dois públicos descritos entendem o líder comunitário como alguém que os representa ou sofre alguma influência desse líder, o segundo é a capacidade de fazer essa “mudança de chave” de uma fala para outra, que requer conhecer os universos simbólico, afetivo e valorativo que compõem as referências dos dois públicos, bem como a elaboração dos mesmos em uma fala que os mobilize a agir.

É evidente que existem variadas formas de manejar fatores simbólicos, inclusive na própria atuação dos líderes comunitários, seja na forma como se vestem, gesticulam, se manifestam nas redes sociais etc. Um desses fatores é a fala. Por meio dos elementos verbais pode ocorrer a identificação simbólica na qual centramos a atenção. Mais especificamente, nos momentos em que apelam à imaginação dos seus públicos ou constroem imaginários convocantes por meio da oralidade.

O desafio ao qual nos propomos foi o de olhar para o discurso falado, aquele que é vocalizado, gritado ou megafonizado. O desafio, para usar o verbo correto, foi *escutar* o chamamento que acontece “no gogó”, construído na interação, quando alguém se coloca em posição de falar para seus públicos – e para quem pode se tornar um, sobre um sonho que pode não ser só o dele e para o qual deseja incitar à ação.

A fala aqui adquire importância, porque conforme ensinado por Paulo Freire, não existe “analfabetismo oral” (FREIRE, 1993). Todos são capazes de ler o mundo que os rodeia e, a partir disso, reescrever, imaginar e recontar. A resistência ancestral e o caráter cotidiano da palavra falada nos fazem pensar que ela permite destravamento e desinibição desejáveis quando se procura mobilização de sentidos comunitários, ao contrário do texto escrito, por exemplo, principalmente para as pessoas com menor acesso à escolaridade.

No artigo “Oralidade – e o povo sobrevive na sua fala reinventada”, Nilton José e Kelly Cristina (2004) trazem discussões que auxiliam a compreensão dessa escolha:

Ela, a palavra, carregada de tensões, armadilhas e levezas sociais. Muito mais que as suspeitas contradições cravadas em alguns pensadores, essa palavra vem revigorando, nos tempos, as possibilidades contemporâneas da oralidade popular. Por isto, com certeza, Levinas considere o discurso oral a plenitude do discurso (DERRIDA, op. cit., 346) (ROCHA e SILVA, 2007, p.4).

Quem nos ajuda a justificar a escolha da oralidade sem precisar estabelecer dicotomias simplistas entre falar/ouvir e escrever/ler é a professora Leda Maria Martins. Baseada na filosofia africana, que considera os múltiplos conhecimentos do que ela chama de “performance oral” (MARTINS, 2021, p. 32), Leda nos faz pensar sobre a priorização do discurso verbal escrito em detrimento de outros saberes, como os orais e os do corpo, e como ela produz um apagamento dos

conhecimentos não hegemônicos.

Reconhecer que é possível construir “outros modos de fixação dos saberes, dentre eles os que perfazem pela voz em suas ressonâncias nas corporeidades” (MARTINS, 2021, p. 32) e olhar para a imaginação a partir desse ponto nos parece, em última instância, uma escolha política.

#### 4.3 Leve-me ao seu líder: resgates sobre liderança e influência

Antes da “pesquisa de campo formal” e de nos atermos especificamente aos líderes comunitários e suas falas de convocação, realizamos uma breve retrospectiva sobre alguns dos entendimentos desenvolvidos até aqui sobre líderes, de forma mais ampliada. Primeiro, porém, nos inquietou uma questão preliminar: o nosso trabalho tratava da atuação de lideranças comunitárias ou de líderes comunitários? Buscamos, primeiro, a resposta na forma como os líderes à nossa volta se identificavam, mas não havia consenso, muito pelo contrário, além de líderes comunitários e lideranças comunitárias, alguns se diziam “líderes sociais”. Notamos, porém, de forma bastante tácita e sem grandes esforços sistematizados, que mais mulheres se identificavam enquanto “lideranças”, enquanto homens como “líderes”, o que pode, quem sabe, render investigações no campo da psicologia social, por exemplo.

Diante disso, fomos para a academia atrás de uma resposta, e foi na obra *Representações Sociais e Investigações em Psicologia Social*, do psicólogo social Moscovici (1986) que encontramos a explicação mais objetiva desta diferença: o líder é a pessoa que foi encarregada para coordenar as atividades, enquanto a liderança é o modo pelo qual a pessoa, na posição de líder, orienta e influencia as demais pessoas do grupo. Ou seja, o líder é um indivíduo, a liderança é como o líder exerce essa influência que tem sobre seus públicos.

Dilema resolvido, foi hora de retomar algumas perspectivas que abordam a influência e os sujeitos nela implicados. Ainda que nossa atenção se centre nas interações, não nos líderes e seus atributos, julgamos importante promover esse breve resgate.

Pesquisadores de campos como a administração e a própria psicologia social se dedicam há anos a compreender o que faz com que algumas pessoas se tornem líderes. Seria um dom? Uma característica inata? É possível, com uma boa didática, transformar determinada pessoa em um líder? Na tentativa de responder essas e

outras tantas perguntas, surgiram pesquisas que olhavam para líderes ou para o modo através do qual eles lideravam a fim de identificar padrões. Em sua tese sobre líderes comunitários, ao retomar os esforços sistemáticos feitos nesse sentido, principalmente a partir do século XX, Goulart (2006), aponta para duas principais correntes, compostas por pensadores de diferentes períodos históricos: a Teoria dos Traços e a Teoria dos Estilos.

A primeira, elaborada por um grupo diverso de pensadores como Stogdil (1974) e McClelland (1965), buscava identificar quais traços ou características tornavam algumas pessoas líderes, partindo da hipótese de que existam “líderes natos”. Os traços eram organizados pelos teóricos que se dedicavam ao tema em três principais categorias: traços físicos, como altura e peso; habilidades específicas, como escolaridade e inteligência; e uma terceira mais ampliada, que dizia respeito à personalidade das pessoas, como autoconfiança e sensibilidade interpessoal.

Já a Teoria dos Estilos surgiu nos anos de 1950 como uma alternativa à Teoria dos Traços. Ao contrário da primeira, que olhava para os líderes, a segunda lançava luz para o fenômeno da liderança, para as relações estabelecidas que tornavam possível que alguém exercesse influência sobre outros. Ao analisar os estilos de lideranças, Goulart (2006) indica que autores como Tannenbaum e Schmidt (1973) apontam para uma espécie de “escala de líderes”, que teria, em um extremo, líderes muito autocráticos e no outro, líderes extremamente democráticos.

Outros autores, como Fiedler (1967), Moreno (1994) e Lussier (2001) também foram fundamentais para o desenvolvimento de formas de observar os modos pelos quais a liderança era exercida e avançaram para entendimentos que olhavam para as lideranças a partir de uma ótica situacional e interacional, como resume Goulart (2006):

Assim, pode-se dizer que uma concepção mais abrangente de liderança tem que englobar e conjugar, necessariamente, três aspectos básicos: as características de personalidade do líder; a situação (ou contexto) em que a liderança é exercida; e, o grupo com todas as suas estruturas e dinâmicas relacionais. Desse modo, a compreensão do fenômeno liderança supõe a compreensão da rede de relações que se estabelecem entre os líderes e seus liderados, em um determinado grupo e em um determinado contexto (GOULART, 2006, p. 73).

A breve leitura dos estudos sobre líderes e suas formas e processos de liderança, que se concentram principalmente nos campos da administração, da psicologia e da sociologia contribui para pensarmos sobre o indivíduo, o líder. Para

este trabalho, foi necessário olhar para experiências de liderança que se dão a partir da relação do líder com seus públicos próprios, o que passa também por compreender o papel da influência nesse contexto, especificamente quando tratamos aqui de líderes que atuam em processos de mobilização social, que contam com uma complexa trama intersubjetiva.

Sobre a influência, um dos mais importantes estudos já feitos por pesquisadores da Comunicação foi publicado em 1948 e até hoje serve como referência, por exemplo, para estudiosos de fenômenos eleitorais ou que observam influenciadores digitais. *The People's Choice*, que pode ser traduzido para *A Escolha do Povo* – tradução nossa, foi um livro escrito por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet (1948), pesquisadores do *Bureau* de Pesquisa Social Aplicada da Universidade Columbia, em Nova York, onde Lazarsfeld era diretor.

O contexto de realização daquela pesquisa era a eleição presidencial dos Estados Unidos, que aconteceu nos anos de 1940 e culminou na reeleição do democrata Franklin D. Roosevelt. O objetivo dos autores era compreender como e por que os eleitores fazem suas escolhas, além de indicar o que fazia com que as pessoas mudassem seu voto (MARTINO, 2018). No povoado de Erie, no Estado de Ohio, acompanharam 600 pessoas por meio de entrevistas, para saber o que influenciava nas eventuais mudanças de voto.

A conclusão da pesquisa foi surpreendente até para Lazarsfeld, Bernard e Gaudet, principalmente em um contexto no qual o papel da mídia e seu poder de influência eram vistos como centrais em uma sociedade. No artigo “Lendo *The People's Choice* no seu 70º aniversário: do ‘líder de opinião’ aos ‘influenciadores digitais’”, Luiz Mauro Sá Martino (2018) resume os principais achados dos autores:

A resposta de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1967) pode ser formulada nos termos simples: influência pessoal. “*The People's Choice*” mostrou que, no caso estudado, contatos pessoais eram mais importantes do que outros fatores na decisão eleitoral. As relações pessoais eram mais influentes do que a mídia – naquela época, sinônimo de rádio e jornais na formação da opinião. Contatos pessoais, família, amigos e colegas de trabalho formavam uma “rede de relações pessoais” importante na escolha por um candidato, agindo como uma espécie de filtro das mensagens da mídia, fossem notícias ou propaganda política (MARTINO, 2018, p. 5).

*The People's Choice* sinalizou na época uma limitação da mídia e de seus efeitos na tomada de decisão das pessoas e identificou as potências das redes

informais de relações e influências. É no dia a dia que as influências se dão, a partir de pessoas que, no caso dos moradores do pequeno Erie, estão nos bares e restaurantes, nas reuniões de família, no trabalho e em outros espaços pelos quais as pessoas transitam e conversam no cotidiano.

A esses indivíduos que tendem a exercer maior influência, os autores chamam de “líderes de opinião”, que não são alguém necessariamente dotado de muito prestígio, mas uma pessoa que conhece muito de um determinado assunto, a quem as pessoas à sua volta recorrem quando precisam tomar alguma decisão, como escolher seu candidato em uma eleição. Uma noção importante abordada pelos autores que contribui para a construção do modo de pesquisar os líderes comunitários é a de rede. Os líderes de opinião não estão acima das pessoas que influenciam, não são líderes de tudo, ou uma referência absoluta. Eles se destacam quando seu conhecimento é acionado. Sobre a dinâmica dessas relações em rede, Martino (2018) salienta:

O sentido de familiaridade e, porque não, de intimidade, apontam Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1967), é exatamente uma das fontes que garante a eficácia da ação dos líderes na formação da opinião dos outros indivíduos. Essa sensação de proximidade, explicam, garante a força das redes interpessoais de contatos onde se expressa o líder de opinião. Ao lado dessa ideia está a noção de que a conversação é fundamental na construção da opinião política, outra ideia que teria larga descendência nos estudos de Comunicação. Nas conversas informais, afirmam, está o potencial de influência e mudança de opinião (MARTINO, 2018, p. 8).

O caráter informal da construção de líderes de opinião é reforçado, anos depois, por Rogers e Shoemaker, que em 1971 publicaram *Communication of innovations: a cross-cultural approach*, ou *Comunicação das inovações: uma abordagem inter cultural* – tradução nossa. Os autores entendem que a liderança de opinião se dá através da capacidade informal de os indivíduos influenciarem outros com alguma frequência. Eles frisam que a conquista e manutenção do *status* de líder de opinião se dá por três principais fatores: competência técnica, acessibilidade social e conformidade com as regras do sistema. Para entendermos melhor o desenvolvimento das teorias de Rogers e Shoemaker, é importante citar o trabalho desenvolvido por eles na década de 1960, no Peru. À época, o desafio colocado para os comunicadores era o de conscientizar os moradores de uma determinada região sobre a importância de se ferver a água para o consumo em casa. O grande desafio, porém, era lidar com um entendimento por parte da população que

relacionava o ato de ferver a água ao tratamento de doentes.

Após o fracasso de campanhas midiáticas, que, segundo eles, foi importante para criar consciência, mas não para mudar as atitudes das pessoas, entenderam que o melhor caminho seria através de conversas interpessoais. A partir dessa experiência, eles desenvolveram os conceitos de homofilia e heterofilia, que consistem, basicamente, em identificações para perfis de grupos sociais. O primeiro, trata de grupos compostos por pessoas muito similares, que podem morar perto e “se sentem atraídos por interesses em comum” (ROGERS e SHOEMAKER, 1971), já nos grupos em que ocorre a heterofilia são identificadas características culturais e sociais distintas entre as pessoas que se relacionam.

Os autores não defendem que nenhum dos cenários é favorável ao surgimento de um líder de opinião, pelo contrário, entendem que um equilíbrio entre os dois aspectos é importante para manutenção da influência, como bem explicam Figueiredo e Tuzzo:

Assim sendo, muita homofilia equilibra demais o conhecimento dos interlocutores e diminui o poder de influência. Em contrapeso, muita heterofilia antepara o diálogo. Para os autores, uma comunicação interpessoal eficiente depende do balanceamento entre homofilia e heterofilia (FIGUEIREDO e TUZZO, 2013, p. 9).

Dessa maneira, foi quase inevitável perguntar: os líderes comunitários podem ser entendidos enquanto líderes de opinião? As contribuições de Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet (1948) e de Rogers e Shoemaker (1960) nos ajudam a pensar sobre as lógicas de influência em situações específicas, quando estão em jogo tomadas de decisão e ações, mas não são uma lente fértil para observar contextos comunitários, onde a influência se faz mais diluída no cotidiano. De toda forma, a lógica apresentada pelos autores nos ajuda a olhar para a relação dos líderes comunitários com aqueles sobre os quais eles exercem influência.

De volta às contribuições formuladas nos anos 1960, é importante lembrar que o sociólogo estadunidense Robert Merton se dedicou a pensar como o contexto de atuação de um líder impactava seu poder de influência e moldava um perfil de liderança. Uma das grandes contribuições do autor para o tema foi a distinção feita entre líderes locais e cosmopolitas (MERTON, 1968). Os líderes locais seriam aqueles que vivem há muito tempo em uma determinada sociedade, onde contam com uma rede de pessoas com quem se relacionam e exercem influência com base na sua reputação, cotidianamente construída. Por sua vez, os líderes cosmopolitas

não exercem influência de forma restrita a uma localidade. Ela se dá pelo conhecimento específico que eles detêm e que compartilham com outros grupos que tratam da mesma temática. Para Merton (1968), a potência dos líderes locais está nas redes de relações que eles criam e mantêm, já os cosmopolitas não teriam tanta dedicação em estabelecer vínculos, mas têm maior acesso a produtos midiáticos.

Em busca de outros subsídios sobre os aspectos relacionais da influência – em detrimento do foco na pessoa do líder, como alguns estudos aqui citados, chegamos ao sociólogo Leon Mayhew, que publicou, em 1997, *The new public: professional communications and the means of social influence* (*O novo público, a comunicação profissional e os meios de influência social* – tradução nossa). A proposta de Mayhew nesta obra era propor um modelo para se pensar a influência, capaz de enxergá-la como um complexo sistema, a partir da retórica. Faz-se necessário aqui destacar que o autor se dedica a pensar as esferas profissionalizadas da influência, enquanto nós nos voltamos às relações comunitárias, que se baseiam na confiança.

O modelo proposto parte de uma via de duas mãos. De um lado, estavam os profissionais especializados em retórica, que atuavam para influenciar a opinião pública e, do outro, públicos que reagiam a essas tentativas de influência. Neste ponto, é importante lançar luz sobre uma visão ainda muito predominante no campo das relações públicas, que supõe uma existência passiva dos públicos em relação ao poder de influência das mais diversas organizações, como se fossem incapazes de notar e responder às elaboradas estratégias daqueles que se dedicam a convencê-los de algo.

Apesar de essas duas forças serem vistas como contrárias, é importante que não sejamos simplistas ao olhar para a rede de influências e interações que são tecidas entre e através delas. Sobre isso, HENRIQUES e SILVA (2020) alertam:

Mais do que lados antagônicos isolados, abrir a caixa-preta da opinião pública significa, para o autor, compreender que esses lados coexistem e interagem, conformando um processo pleno de ambiguidades. Os públicos são, assim, relacionais, com opiniões que não são completamente moldadas nem totalmente autônomas, mas constituídas por meio de influências diversas e da interação. Ao mesmo tempo que os públicos são influenciados, eles exercem influência sobre as forças que tentam modificar suas opiniões e sobre outros sujeitos, construindo e disputando sentidos. O que o autor apresenta, assim, é uma visão sobre como não é suficiente apenas observar se o público é influenciado ou se “resiste às forças que tentam exercer influência sobre eles, sendo vital reconhecer que ambas as

dimensões ocorrem a todo o momento. O enfoque correto, em sua perspectiva, seria direcionar os olhares para explorar como as diversas influências operam em uma sociedade múltipla” (SILVA, 2017, p. 173) (HENRIQUES e SILVA, 2020, p. 82).

Mayhew (1997) se dedicou a pensar sobre os elementos que compõem as dinâmicas da influência que, segundo ele, são extremamente variáveis, já que a influência é afetada pelos contextos. Dois elementos sobre os quais o autor discorre são abordados por Silva e Henriques (2019) em sua revisão acerca do tema: *pretensões de solidariedade e créditos de confiança*. Na concepção de Mayhew, todo discurso que tem como objetivo influenciar faz referência àquilo que é comum entre o “influenciador” e aqueles para quem ele fala. Sobre isso, as indicações do autor apontam para um terreno fértil para trabalhos que, como o nosso, olham para discursos de convocação. Principalmente a partir da identificação, em suas falas, daquilo que remete a sentidos individuais ou coletivos dos públicos, tanto os citados durante as falas, quanto os ouvintes.

Os *créditos de confiança* podem ajudar a compreender os códigos acionados pelos líderes comunitários em suas falas, e nada mais são do que aquilo que as pessoas trazem de si, sobre sua trajetória e relacionamentos estabelecidos, que pode conferir legitimidade à sua atuação, garantindo assim o poder de influência. Vale lembrar, novamente, que o contexto aqui é fundamental para olharmos para estes elementos. Um diploma universitário, por exemplo, pode ser visto por uma determinada comunidade como um crédito de confiança, já que confere a determinada pessoa conhecimentos especializados sobre um assunto. Em outros grupos, este mesmo diploma pode ser visto de outra forma, seja com desinteresse, por não ser um diferencial – e aqui lembramos da homofilia, de Rogers e Shoemaker (1971), ou como algo soberbo de se lançar mão, o que pode soar arrogante.

É impossível dizer de créditos de confiança sem lembrar do Júlio Fessô. Em suas falas, a experiência pessoal é acionada, às vezes de forma espontânea, outras a partir de provocações dos seus públicos, como nos contou em entrevista:

Inclusive você pode achar que é brincadeira, mas esses dia mesmo, em um projeto que a gente fez uma oficina de jogos, um jovem chegou e falou: “Júlio, conta essa história pra nós aí!”, me zoando, né? Porque ele já deve ter ouvido a minha história. Aí falou: “conta a sua história pra nós porque fulano aqui não ouviu não.” Mas eu conto a minha história e explico pra eles a realidade e busco mostrar o que tem de mais importante na vida, que é a família (JÚLIO FESSÔ, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

A legitimidade do Júlio junto às juventudes pode estar diretamente ligada à

sua história de vida, que não só é de alguém que mora na comunidade e conhece as vivências e as privações às quais elas estão submetidas, mas de um homem que já foi usuário de drogas e dono do morro e que hoje, por exemplo, participa de palestras sobre a relação entre uso de drogas e evasão escolar. Durante suas falas, o Júlio não só cita os lugares por onde passou durante sua vida, mas nos guia pelos caminhos, e, principalmente, as estruturas que o levaram até lá:

Com 12 anos eu trabalhava. Comecei trabalhando para ajudar em casa e, até então, eu era o orgulho da família. Eu nunca tinha usado nenhum tipo de droga e acabei conhecendo o crack. Abandonei o serviço, comecei a roubar. Tudo que eu vi que valia 5, 10 reais, eu roubava. (...) Ao todo fui preso umas 12 vezes. Eu entrei na cadeia um viciado e saí de lá um traficante. Eu cheguei a ser dono da boca aqui no Morro. Eu fazia de tudo aqui em relação ao tráfico de drogas. Eu bancava muitas festas, tinha várias mulheres e tinha um conceito, um respeito, de todo mundo (JÚLIO FESSÔ, NA AÇÃO, 2016).

O começo da história, que parte de uma criança de 12 anos trabalhando, já nos permite identificar uma violação de direito que é uma experiência compartilhada por muitos num país onde o trabalho infantil é realidade de 1,768 milhão de crianças e adolescentes, mais de 66% deles, negros (Mapa do Trabalho Infantil, 2020).

Ao contar uma história que, em vários pontos, poderia ser a de muitos outros, como a de “entrar na cadeia um viciado, e sair de lá um traficante”, mais do que lançar mão de parte da sua experiência pessoal como um argumento mobilizador, Júlio denuncia a situação de uma coletividade.

Logo falaremos mais sobre a atuação do Júlio junto aos seus públicos, mas, por ora, registramos que as contribuições de Mayhew (1997) possibilitaram notar como os líderes comunitários, de formas variadas, se colocam no lugar dos seus liderados (pretensão de solidariedade) e o fazem com facilidade justamente porque estão próximos, compartilhando vivências, o que não deixa de conferir a eles créditos de confiança. Ainda, ao falar em nome de uma comunidade – ato que Mayhew chama de prolocução, o líder comunitário não fala apenas pela comunidade, mas também com ela. Ao ocupar este lugar de “porta voz de dentro de casa”, os líderes precisam manifestar discursivamente uma pretensão de solidariedade, que possa ser compreendida pelos representados como um sinal de que seus problemas e desejos são compreendidos e bem verbalizados. Ao sintetizar esses elementos em uma fala, o líder exercita interpretar o futuro desejado pela coletividade por ele representada.

Após ler *The new public*, foi possível dizer que finalmente encontramos um lugar confortável para pensar a influência de onde estamos tratando. Mesmo que a ideia do nosso trabalho não seja pensar um sistema especializado de influência, as noções de Mayhew contribuem com nossas reflexões ao apontar para a experiência e para a situação. Através da proximidade e da vizinhança, é possível criar vínculos de confiança na construção do “comum” – um conjunto de significações que são importantes para definir o território e tomar consciência dele – “a periferia”, “a favela”, “a quebrada”, “a ocupação” etc.

Como um exercício de aproximação para a mobilização social, mais adequada ao objetivo do nosso trabalho, revisitar os papéis dos atores envolvidos em processos de mobilização nos parece central. Foi em *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*, publicado em 1996 por José Bernardo Toro e Nísia Werneck, que finalmente nos deparamos com uma detalhada descrição dos atores envolvidos em processos de mobilização social, e do papel dos líderes implicados na luta por causas sociais.

Para Toro e Werneck (1996), o primeiro passo em um planejamento de processos de mobilização é a explicitação do propósito – parte da construção dos imaginários convocantes. Para que o propósito de um determinado projeto social seja compartilhado é preciso que uma ou mais pessoas ou instituições se dediquem a “espalhar a palavra”. A partir de funções que consideram importantes em um projeto mobilizador, e que podem ser executadas por uma ou mais pessoas, ou pela mesma pessoa, os autores descrevem as atribuições de três atores: produtor social, reeditor social e editor.

O primeiro papel, que como todos, pode ser desempenhado por uma pessoa, instituição ou um grupo, se refere a quem é capaz de “criar condições econômicas, institucionais, técnicas e profissionais para que um processo de mobilização ocorra” (TORO e WERNECK, 1996, p. 22). Além de viabilizar a mobilização, o produtor social é apresentado pelos autores como um ator social legitimado, que tem propósitos sobre uma determinada causa e é capaz de mobilizar outras pessoas, que também serão responsáveis por ajudá-lo a ampliar, explicar e alcançar esses valores. Toro e Werneck atribuem algumas características importantes à prática dos produtores sociais: a) respeito e confiança à capacidade das pessoas de decidirem coletivamente; b) crença na importância de se liberar a energia, a criatividade e o espírito empreendedor; c) capacidade de interpretar a realidade social; d)

capacidade de orientar um editor; e) ter conceitos claros de democracia, cidadania, público e participação e f) ser sensível e tolerante, para que possa trabalhar em redes de reeditores.

Ao apresentar o produtor social, Toro e Werneck (2004) introduzem dois outros atores que devem estar presentes em um processo de mobilização: o reeditor social e o editor. O primeiro, antes descrito por Juan Jaramillo, se refere àquele que é capaz de adequar mensagens para seus públicos próprios, sobre quem exerce grande influência.

O Reeditor é diferente dos chamados “multiplicadores”. Ele não reproduz um conteúdo o mais próximo possível da forma como recebeu, mas o interpreta e amplia para adequando-o naturalmente ao seu público. A qualidade de seu trabalho não é medida pela fidelidade ao conteúdo original, mas pelo enriquecimento da mensagem, pela sua adequação, através do uso de códigos, valores e experiências próprias daquele grupo, pelo correto entendimento dos propósitos e sentidos e pela participação que gerou (TORO e WERNECK, 1996, p. 24).

Ao contrário do militante, que atua de forma mais global e acredita que é preciso restabelecer o que está posto, e que uma nova ordem será assentada por alguém, o reeditor atua em seu cotidiano, a partir da noção de uma sociedade que coletivamente constrói sua própria ordem. Acreditamos que essa perspectiva do compartilhamento da responsabilidade por desenhar outras realidades possíveis acontece em contextos comunitários, o que nos faz ter um olhar microssociológico sobre os processos de liderança comunitária.

Toro e Werneck (1996) ressaltam que o trabalho do Produtor Social começa na identificação dos Reeditores e na instrumentalização dos mesmos, que devem ter em mãos todo o necessário para mobilizar seus próprios públicos. É aí que a atuação do Editor se dá, no desenho da convocação dos Produtores junto aos Reeditores. Os autores indicam que as mensagens do Produtor Social precisam ser editadas, ou seja, adequadas ao referencial simbólico e às formas mais compreensíveis ao Reeditor e possíveis de serem convertidas por ele para seus públicos próprios.

Ao nos depararmos com as descrições de TORO e WERNECK sobre os papéis necessários a um processo de mobilização social, nos perguntamos: os líderes comunitários sobre os quais pesquisamos são o quê? E a resposta é tão relativa quanto momentânea, porque depende. Depende do líder em questão, do seu contexto de atuação, do momento, da amplitude da sua causa – se local e

específica, ou se diretamente associada a movimentos sociais mais organizados.

Sobre o cotidiano que ajuda a desenhar as relações de um líder comunitário, o norte-americano Kenneth Pigg (1999), que se dedica há décadas a pesquisas sobre relações comunitárias, destaca a reciprocidade que marca a relação líderes/comunidade à existência “das redes de influência, incluindo relações desenvolvidas a partir de extensas interações com os moradores, geralmente representando muitos dos seus pontos de vista e interesses” (O’BIEN & HASSINGER, 1992 *apud* PIGG, 1999, p. 197) – tradução nossa. O autor salienta um sentido bastante pragmático da atuação dos líderes comunitários que dialoga com as nossas experiências: sua centralidade para as resoluções de problemas, que vão desde articulações com instituições à mediação de conflitos entre moradores.

Acerca do papel desempenhado pelo líder comunitário em seu contexto de atuação, Pigg (1999) destaca o diferencial do que chama de “liderança colaborativa”, que dialoga com as discussões de TORO e WERNECK (1996). Os aspectos que caracterizam tal forma de liderar são, por exemplo:

Convocar, energizar e facilitar, criar uma visão, resolver problemas, estabelecer prioridades, expandir a participação e envolver numerosas e diversas audiências e construir confiança e satisfação psicológica no processo de interação (PIGG, 1999, p. 206) (tradução nossa).

Neste trabalho, não estamos buscando evidências que apontem para a legitimidade dos líderes. Entendemos que, a partir de quem eles são, constroem uma certa liderança, numa localidade, a partir de uma causa, num processo mobilizador, e exercem sua influência. A última é construída por vários fatores e, ao olhar para o processo de proposição de um imaginário, estaremos contribuindo para entender como a influência é discursivamente construída no cotidiano.

É justamente durante a convocação, muitas vezes voltada à resolução de problemas bastante pragmáticos, que observaremos o manejo simbólico empregado nas construções discursivas de Júlio, Eliete e Ednéia – em diferentes situações e com diversos públicos. Mas antes de ouvi-los, é importante conversarmos um pouco mais sobre a própria convocação.

## 5 COMUNICAÇÃO PARA MOBILIZAÇÃO SOCIAL: O QUE TEM DE CONVOCANTE NISSO?

*A mobilização social não é uma oportunidade de conseguir pessoas para ajudar a viabilizar nossos sonhos, mas de congregar pessoas que se dispõem a contribuir para construirmos juntos um sonho, que passa a ser de todos.*

Toro e Werneck, 2002, p. 21.

Começar uma frase com “imagina se” é como dizer: “pensa junto comigo sobre essa outra possibilidade.” Essa expressão, que está na ponta da língua de vários dos líderes comunitários com os quais convivemos, nomeia este trabalho porque ela sintetiza o estímulo à imaginação coletiva sobre a possibilidade de uma realidade diferente da que já está posta. Ao convidar seus públicos a imaginarem algo junto com eles, os líderes comunitários propõem uma visão de futuro específica, que existe porque eles manejam simbolicamente as expectativas que apontam para um futuro possível, um horizonte.

Segundo Toro e Werneck (1996), um “horizonte atrativo” é como o propósito de um processo de mobilização social deve ser apresentado. Esse horizonte, que os autores chamam de “imaginários convocantes”, deve condensar os objetivos de forma atraente e explícita, de modo que as pessoas possam identificar os sentidos da luta.

Além de dados e exemplos, a paixão é parte fundamental da convocação para a construção de um futuro, já que ao contrário da razão, que controla, ela é capaz de mover (TORO E WERNECK, 2004). Sara Ahmed (2014, p. 209), ao tratar dos afetos, indica que afetar-se por algo é mover-se em direção ou em oposição a algo, o que reforça a centralidade das emoções em processos de mobilização social. Sobre as dimensões afetivas, Lima (2022) conclui:

Afeto é, portanto, a combinação energizada de emoções e ações que, manifestadas pelos sujeitos, têm o potencial de formar e (des)mobilizar um público. O duplo processo de mobilização/desmobilização ocorre através de um circuito de emoções e ações capaz de formar conexões experienciais entre os membros de um público. O afeto nos conecta como públicos, nos posiciona como seres capazes de reconhecer o outro como legítimo e similar a nós (MATURANA, 2009) e em conjunto agir no mundo (LIMA, 2022, p. 67).

Sobre os afetos que conectam determinados públicos, refletimos sobre como, ao propor um imaginário convocante (TORO E WERNECK, 2004), é necessário que

os líderes construam um sentido de convocação que parte de um determinado trânsito discursivo, de quem traz algo para o ambiente comunitário e leva questões internas para fora. Esse fluxo carece de reelaboração e edição e possibilita uma comunicação com diversos públicos, que têm universos simbólicos próprios e, portanto, diferentes paixões, medos e anseios a serem mobilizados para o desenho de um horizonte comum.

Acreditamos que criar um futuro de maneira que convide os outros a imaginar requer, neste caso, que “os outros” não sejam tão outros assim. Os sentidos acionados na construção de um imaginário convocante passam também pela dimensão do sonho, daquilo que se espera, das expectativas compartilhadas por uma determinada comunidade, que são construídas a partir da realidade também partilhada.

O lugar para onde se aponta como quem diz: “tem um futuro ali na frente, vamos?” é o que Toro e Werneck (1996) chamam de horizonte ético. O dedo, nesse caso, mira para o mesmo ponto do horizonte, baseado em valores comuns, em direção ao que se considera ser o melhor, ou um bom, ponto de chegada. Pensemos juntos: a imaginação entra onde nossos olhos não podem mais ver, seja porque se trata de um futuro em construção, ou de uma realidade ainda desconhecida.

Por falar em futuro, é na sua construção que está parte fundamental da comunicação em processos de mobilização social, no encontro entre expectativa e imaginação está a necessidade de agir para “chegar lá”. E é sobre “lá”, e sobre as possibilidades de mobilizar sentidos que coloquem as pessoas em movimento a partir de um imaginário compartilhado que vamos falar agora.

Na segunda página de *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*, de 1996, José Bernardo Toro e Nísia Werneck apresentam o conceito de “horizonte ético” como o que dá sentido aos processos de mobilização. Os autores dizem que o horizonte ético de uma sociedade se faz presente, por exemplo, no texto da Constituição de um país, onde é possível notar seu projeto de futuro e suas escolhas que, no caso do Brasil, apontam para princípios democráticos, baseados na dignidade humana e na cidadania. A Constituição da República Federativa do Brasil é considerada pelos autores como uma referência de horizonte ético não apenas porque é a lei fundamental do Brasil, mas principalmente porque o processo que culminou na sua construção foi

participativo (TORO E WERNECK, 2004). A participação é um elemento fundamental na construção de um projeto coletivo de futuro e, quanto mais participativo tiver sido sua elaboração, mais as pessoas irão se mobilizar.

O que nos motiva a querer aproximar do horizonte ético estabelecido e, portanto, nos mobilizarmos por uma causa, tem como base o entendimento de que a ordem social é criada por todos e cada um de nós. A noção de corresponsabilidade vem acompanhada do poder de agência sob uma determinada realidade, que foi socialmente criada e pode ser coletivamente questionada ou reconstruída. Em um processo de mobilização social, a participação é, ao mesmo tempo, meta e meio. (TORO E WERNECK, 2004).

A comunicação social, no contexto dos processos de mobilização, tem como grande desafio também a dimensão da participação, já que deve ser construída de forma coletiva e descentralizada, voltada à convocação de mais pessoas que se coloquem em movimento por determinada causa. O encontro de pessoas e vivências é o que caracteriza a comunicação para mobilização social, que não é feita para manipular a opinião do outro, que por sua vez não é entendido enquanto um sujeito passivo, que será prontamente atingido por um discurso:

A comunicação para mobilização, tendo este caráter dialógico, é também libertadora, já que um sujeito não tenta invadir ou manipular o outro, reduzindo-o a mero objeto ou recipiente, mas tenta, com o outro, problematizar um conhecimento sobre uma realidade concreta, para melhor compreender essa realidade (BRAGA, COUTO E SILVA, MAFRA *in* HENRIQUES, 2013).

Uma comunicação dialógica e relacional deve acolher a complexidade e a diversidade dos públicos que se relacionam com um projeto mobilizador e “deve ser entendida como uma coordenação de ações e não como um instrumento de controle de ações” (BRAGA, COUTO E SILVA, MAFRA, 2013).

Depois de tipificarem a comunicação no contexto das causas sociais, Braga, Couto e Silva e Mafra (2013) se dedicam a indicar as funções da Comunicação para mobilização social. Para apresentar essas funções neste texto, vamos lançar mão de exemplos identificados durante as falas dos líderes, que não estão sendo submetidos a nenhum tipo de análise.

A primeira dessas funções é a de estabelecer vínculos, com o objetivo de tornar mais públicos corresponsáveis, geradores da ação. Para isso é necessário que seja reconhecida a importância de cada um dos atores envolvidos no processo.

Isso nos lembra um relato da Ednéia sobre a atuação na Rede Mães de Luta, da qual ela faz parte com outras mulheres e coletivos que lutam pela visibilidade às violências sofridas por elas, que passam principalmente pelo racismo, o encarceramento em massa e o genocídio da juventude negra. Na ocasião, ela contava sobre a organicidade que a Rede ganhou graças às diferentes contribuições que cada uma trazia e julgamos um ótimo exemplo para tratar da vinculação:

[...] Mesmo na pandemia, nós não paramos... Sabemos que precisamos seguir sempre em frente e que nossa força está no apoio mútuo. E tem uma coisa que é preciso dizer: na nossa Rede o que mais tem são mulheres muito potentes. Tem a Dona Teresa, que como eu disse nos possibilitou entender que o sistema carcerário é uma máquina que mói gente preta e pobre. Tem a Kaká, que eu tinha conhecido alguns anos antes, no mesmo curso sobre segurança pública em que conheci a Dona Teresa. Ela chegou no curso desesperada, gritando, meio louca, denunciando que o filho dela tinha sido assassinado numa prisão e que ela queria saber quem matou o filho dela. E ninguém deu ouvido pra ela. E isso num curso que formava lideranças exatamente naquele tema, que tratava justamente desse sistema que mói pobre, que moeu o filho dela dentro do sistema carcerário. E depois eu tive o privilégio de acompanhar o desenvolvimento da Kaká, de ver ela encontrando outras mulheres e criando o Movimento Mães de Maio Minas, de vê-la se empoderando como liderança. E ela se empoderou de uma forma tão imensa que hoje não tem como a Kaká abrir a boca e as pessoas não escutarem com atenção o que ela está falando [...] (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023).

Aí, a gente fica se perguntando: como é que podemos afetar essa sociedade? Será que a gente consegue afetar? Mas quando penso em tudo o que realizamos, a resposta que me vem é: com certeza. Penso isso a partir do que me aconteceu. Sou uma pessoa que está na luta social há uns 40 anos e que sempre lidou com essas questões da segurança pública. Mas eu não tinha, por exemplo, a visão que a Dona Teresa me deu sobre sistema carcerário. Faltava ela. Eu não tinha essa visão da necessidade de um questionamento radical desse sistema. E vendo o empoderamento gerado pelas ações da Rede nas comunidades eu firmei a convicção de dizer: eu quero que as ações todas sejam realizadas aqui no Taquaril, porque eu quero ficar aqui, que é um lugar legal, e quero que as discussões aconteçam aqui. Eu não tinha essa visão. Eu desenvolvi a visão dessas questões nesse coletivo, juntando as várias visões dessas mulheres empoderadas, ao longo desse trabalho que a gente fez numa construção coletiva. (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023)

Em outro momento, no mesmo relato, ela segue falando do poder da coletividade:

Nós fizemos vários eventos para mostrar que somos capazes de produzir coisas muito bacanas juntas. E que juntas a gente consegue vencer inclusive a violência da falta de renda. E que nós, se estivermos em rede, somos capazes de agir para que nenhuma mulher passe pelo sofrimento sozinha. Afinal, nós queremos e precisamos ser abraçadas nas nossas dificuldades. Então, tudo o que nós fizemos me ajudou a ser uma pessoa mil vezes mais humana. A me aproximar da humanidade mesmo. A entender o sistema. A entender a dor da outra. (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023)

Nesses anos falando sobre mobilização social, a importância de um vínculo que gerasse corresponsabilidade é assunto recorrente. Na sala de aula, os alunos ouviram muito sobre como nossas experiências com coletivos indicam a necessidade de que as contribuições de todos os envolvidos na construção dos projetos fossem reconhecidas, que entendessem como sua participação fortalece a causa. Estabelecer vínculos, entretanto, não é tão simples como enviar um bombom com um bilhete agradecendo pela doação.

Não que ela tenha pensado esta fala de forma intencional para fortalecer laços específicos, mas ouvir esta mulher que, como ela mesma diz, está há 40 anos na luta, indicar a contribuição de suas parceiras para a sua formação é bastante didático. Ao indicar, por exemplo, como Dona Teresa contribui com o grupo quando traz com ela a pauta do desencarceramento, Ednéia não só diz da importância da companheira, mas da falta que ela fazia. Reconhecer a diferença de cada um implicado em um processo de mobilização não apenas por aquilo que ele faz, mas a partir do que se era antes dele.

Com a Eliete, do Projeto Ully, conversamos bastante também sobre a coletivização. No caso dela, que fundou um projeto por iniciativa própria para atender a algumas demandas da comunidade do Morro das Pedras, o processo de fomentar a criação de vínculo entre outras pessoas se deu de forma conjunta com a segunda função da Comunicação para mobilização social descrita pelos autores (BRAGA, COUTO E SILVA, MAFRA, 2013): a *identificação*. No trecho que segue, Eliete nos conta sobre o período inicial do projeto, quando ela estava sobrecarregada com o trabalho comunitário realizado.

Aí eu pensei, gente, sozinha eu não consigo. Quem dera se sozinha a gente conseguisse, né? E aí, elas mesmas vieram, cada uma delas veio por si. A primeira Ully Girl que veio foi a Hilda. Não, foram as minhas irmãs, né? Primeiro são minha mãe, aí minha mãe faleceu, aí veio as minhas irmãs, que eram meu apoio. Me ajudava na organização, na própria limpeza, e a receber as doações. E aí eu vi que elas estavam envolvidas demais, tanto a minha mãe como as minhas irmãs. Aí veio a Ilda, que nunca me abandonou. Ela me chama de professora [...].

Gente, eu preciso dessas meninas, né? Porque eu não vou dar conta, é muita coisa acontecendo e eu vou surtar, né? E aí eu falei assim, olha, vocês vão ter um nome, aí já montei o grupo, fui adicionando e aí toda vez que vem uma e fala “Eliete, eu quero te ajudar... Eu estou bem e quero te ajudar, como posso te ajudar?”, eu analiso, sabe? Eu analiso essas mulheres que tão entrando para as Ully Girls e aí você vê que elas ficam muito felizes. A mais nova Ully Girl trabalha com moradores de rua. Ela veio em alguns encontros aqui e aí eu a convidei para ser Ully Girl. “Ó Valéria, a partir de hoje você é Ully Girl”. Ela até chorou [...] (ELIETE, ENTREVISTA À

NATHÁLIA, 2023).

A identificação origina uma identidade comum a partir de elementos simbólicos que se relacionam com a causa. Essas representações são como traduções dos valores que movem a causa e possibilitam que as pessoas se reconheçam naquele movimento. Acionar sua identidade e a dos seus públicos dentro de um universo simbólico compartilhado durante um processo mobilizador demanda, portanto, pensar estrategicamente a comunicação.

Como falamos de interpretações e sentidos também compartilhados, reconhecemos a mobilização social como um ato de comunicação. A mobilização não se confunde com propaganda ou divulgação, mas exige ações de comunicação no seu sentido mais amplo, enquanto processo de compartilhamento de discurso, visões e informações (TORO E WERNECK, 2004, p. 5).

Convocar vontades é, em última instância, convocar para a ação, mas o que gera identificação das pessoas a ponto de elas agirem? A resposta depende do contexto do projeto mobilizador, de quem convoca, quando, sobre o quê, em que tom. São diversos os substratos culturais, elementos discursivos, retóricos e simbólicos que podem ser acionados. Os sentidos só são construídos – e reconstruídos, em relação. Não existem sozinhos, sem contexto e cultura, e são fundamentais nos atos de convocação. Como nos lembra Daniel Cefaï:

O investimento dos movimentos na criação de símbolos torna-se, então, fundamental devido à capacidade que possuem de desenvolver afetos, paixões. Isto porque a atividade simbólica não consiste em submeter-se a símbolos já existentes, mas em criar ou atribuir novos sentidos aos símbolos já existentes, mas em criar novos e atribuir novos sentidos aos símbolos já instituídos. Os símbolos favorecem a emergência de uma identidade que nunca está acabada, mostrando a perenidade da atividade simbólica e o dinamismo da mobilização (CEFAÏ, 2009, p. 780).

O reconhecimento de um discurso por determinada comunidade pode vir, também, a partir da identificação de vivências comuns, mesmo que não tão simbolicamente elaboradas. Ao falar sobre a necessidade de pensar novas formas de se viver na cidade, que sejam menos desiguais e excludentes, Ednéia descreve a rotina e as dificuldades enfrentadas pelos moradores das periferias urbanas. A identificação de outras pessoas que vivem em condições semelhantes com aquilo que é narrado pela líder comunitária é um exemplo da função dela para a mobilização.

Já que estamos falando de identificação, é pertinente trazer um exemplo de como a Ednéia articula, em sua fala, os valores compartilhados por um determinado grupo. Na ocasião, ela falava sobre a importância da geração de renda para o combate às violências contra as mulheres e destaca a construção coletiva como única forma de produção possível.

A gente busca, por exemplo, um jeito de criar uma feira de artesanato aqui na praça do Taquaril. Mas questionamos o modelo de expositoras individuais, pois as mulheres daqui não têm dinheiro para fazer artesanato e encher uma barraca. Mas, juntas, elas podem ter uma excelente barraca de venda. Também montamos grupos coletivos de produção. Afinal, já tínhamos aprendido ao longo de nossa história, apanhando muito, que é juntas que a gente vence as dificuldades. Então, nós não queremos nada individualizado. Nada. Tudo o que for individualizado pode ficar lá embaixo, no asfalto. Podem individualizar pra lá. Aqui nós queremos participar juntas (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023).

O conjunto de sistemas acionados pelos líderes no contexto da comunidade onde atuam e moram proporciona identificação entre seus públicos que, ao se reconhecerem naquele discurso, podem se tornar corresponsáveis pela causa (CEFAI, 2009). O sociólogo Alberto Melucci publicou *Challenging codes* (1996), no qual apontava, a partir da interpretação de “códigos culturais”, mudanças nos movimentos sociais, que, à época, fundavam uma política “centrada em apostas da vida cotidiana” e nos “jogos do si” (*Ibidem*, p. 20). Esses códigos ficam evidentes em uma entrevista cedida ao portal *Na Ação*, em julho de 2016, para a matéria publicada com o título de “Na escola da vida, Júlio Fessô conheceu as drogas e o mundo do crime”, Júlio conta de uma composição de *rap* feita para “chamar os parceiros”, que depois ele canta:

Eu amo minha quebrada e um desafio eu vou lançar. Em prol da comunidade e do nosso bem estar. Se você ama a quebrada, chega aí, pode colar, porque vamos nos unir e vamos representar. O valor que a gente tem é preciso ser mostrado. E sem desmerecer ninguém vamos mandar o recado. Pois somos uma família, temos tudo pra vencer, e o bem que quero pra mim, também quero pra você. É cada um fazer sua parte sem prejudicar ninguém, então bora mostrar pro mundo o valor que a gente tem (JÚLIO, NA AÇÃO, 2016).

Para compreender os aspectos simbólicos implicados em um determinado discurso, os caminhos possíveis são muitos, entretanto, o sentido que cada ator social atribui às suas ações (CEFAI, 2009) é o caminho mais seguro para que nós, pesquisadores, não caiamos em armadilhas que tirem o protagonismo das perspectivas dos atores sociais.

Os elementos simbólicos presentes em um contexto mobilizador, especialmente quando ele está em público e falando para além dos públicos geradores, “permitem refinar e expandir nosso conhecimento sobre os processos sociais” (INEZ, 2016, p. 69). Olhar para os dispositivos discursivos acionados pelos líderes comunitários como protagonistas dos projetos mobilizadores é central, inclusive, para que seus discursos sejam vistos enquanto práticas que fazem parte de um processo comunicacional.

De volta às outras funções da comunicação para mobilização, a última é a coletivização da causa, que é necessária para que informações sejam compartilhadas e para que todos os envolvidos saibam que outras pessoas também estão lutando pelo mesmo objetivo. Henriques (2010) apresenta os elementos que contribuem para uma efetiva coletivização: a) concretude. A existência do problema e sua validade precisam ser reconhecidas; b) caráter público. Além de reconhecer o problema, as pessoas precisam entender que ele é um problema que atinge toda a sociedade, que é um problema de interesse público; c) sentido amplo. Ao trazer o problema para a esfera pública, se faz necessário relacioná-lo com valores amplos, para facilitar o sentimento de que é algo coletivo e d) viabilidade. As pessoas precisam acreditar que o problema combatido pela causa é passível de solução e que todo o trabalho e recurso mobilizado será recompensado pela solução ou amenização do problema.

Imagine, então, um grupo de pessoas paradas na calçada depois da missa. Chega alguém, que pede a atenção por um segundo para denunciar uma situação que está acontecendo na comunidade e que precisa que todos saibam para que, juntos, cobrem providências da prefeitura, ou do vereador que aparece lá de vez em quando no período eleitoral. Seu incômodo pode, como comumente dizemos, “tocar” mais alguém ali. Pode ser tão convincente que alguém, inclusive, assine o abaixo-assinado que ele carrega embaixo do braço e até, quem sabe, consiga um companheiro que vá com ele cobrar as providências no gabinete do tal vereador. Poderíamos ter imaginado aqui o surgimento de uma movimentação que,

[...] se constitui no encontro de registros de carências e de exclusões e sujeitos sociais em conjunturas políticas específicas. Esses registros podem ser de uma dada realidade, permitindo confluência de interesses relacionados a esse dado para a existência do movimento, da relação com a memória do movimento e seus antecedentes, fazendo uma comparação da luta atual com referências históricas ao eco das lutas passadas, ou da

tradução e incorporação da causa do movimento, dos propósitos por eles defendidos, sua palavra de ordem, estimulando reelaborações culturais do movimento através de seu público (BRAGA; COUTO E SILVA; MAFRA, 2017, p. 772).

É assim que se parece o embrião de um projeto mobilizador: um sonho possível. Quando uma ou mais pessoas almejam um horizonte e iniciam “um movimento no sentido de compartilhar um imaginário e o esforço para alcançá-lo” (TORO E WERNECK, 2004).

### 5.1 O mundo ideal existe: sobre o papel da imaginação

Estávamos contentes e satisfeitos com os 'imaginários convocantes’ (TORO E WERNECK, 2004) até ir a campo. Até o momento da qualificação da pesquisa, quando aguardávamos a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa para seguir, a ideia era compreender onde e como as lideranças lançavam mão de elementos simbólicos e em que momento especificamente os sintetizariam, aplicando uma força expressiva maior para a construção da convocação. Até que, com as transcrições das gravações das falas públicas e das observações em mãos, percebemos que nem sempre seria possível identificar imaginários convocantes nos moldes que Toro e Werneck (1996) apresentam, nas falas de convocação dos líderes comunitários.

Essa constatação em nada se relacionava com alguma suposta incapacidade de Júlio, Eliete e Ednéia de o fazerem. O que notamos foi a presença do imaginário nas falas de forma diferente. Talvez essa diferença tenha se dado porque os principais exemplos que tínhamos sobre a elaboração dos imaginários convocantes eram extremamente simbólicos e bem abstratos. O principal deles vinha da Bíblia e, segundo a crença cristã, teria sido dito por Moisés quando convocava povos escravizados a irem para Canã, a Terra Prometida, “onde jorra leite e mel e onde o lobo pasta ao lado do cordeiro”.

Na convocação dos líderes comunitários sobre os quais tratamos aqui, porém, por muitas vezes o apelo ao imaginário se deu, tanto nas falas públicas gravadas quanto nas entrevistas, de forma muito pragmática. Em outras, vibramos ao ouvi-los dizer “imagina se...”, não só pelo título desta pesquisa, mas porque geralmente precedia exemplos que por pouco nos demandaram fechar os olhos. Enfim, a realidade impôs a necessidade de buscarmos novas referências que recebessem de forma mais adequada os trechos das falas aqui nas páginas do

trabalho.

Foram muitos os autores, de diferentes áreas de conhecimento dentro das ciências humanas, que se dedicaram a estudar os imaginários a partir do seu contexto histórico e corrente filosófica. Por isso, encontrar o resgate das principais ideias realizado pelo professor Gilmar Rocha em *A Imaginação e a Cultura* (2016) foi de suma importância para descobriremos potenciais interlocutores, entre eles, Durkheim (1989) e Baczko (1985).

Uma vez que Baczko traz detalhadas contribuições acerca dos imaginários que dialogam diretamente com nossas inquietações, vamos primeiro a Durkheim, antes de adentrarmos no universo do professor polonês. Em *As formas elementares da vida religiosa* (1989), sobre a criação e a recriação de uma determinada sociedade, Durkheim afirma que é impossível fazê-la sem que “alguma coisa ideal” estivesse sendo criada ao mesmo tempo. O autor enfatiza que a criação do ideal não ocorre periodicamente, na medida em que a sociedade ideal integra a real, como explica:

Longe de estarmos divididos entre elas como entre dois pólos que se repelem, não podemos estar ligados a uma sem estar ligados à outra. Porque uma sociedade não é constituída simplesmente pela massa dos indivíduos que a compõem, pelo solo que ocupa, pelas coisas de que se serve, pelos movimentos que realiza, mas, antes de tudo, pela ideia que ela faz de si mesma. E certamente, pode haver hesitação quanto à maneira pela qual ela deve se conceber; sente-se atraída em sentidos divergentes. Mas esses conflitos, quando explodem, ocorrem não entre o ideal e a realidade, mas entre ideais diferentes, entre o ontem e o hoje, entre aquele que conta com a autoridade da tradição e aquele que está apenas em vias de formação. Podemos, certamente, pesquisar como é possível que os ideais evoluam; mas qualquer que seja a solução dada a esse problema, não será menos verdade que tudo se passa no mundo ideal (DURKHEIM, 1989, p. 501).

O entendimento do mundo ideal como parte indissociável do dito “mundo real” é central para que o imaginário não seja tratado como algo que não pertence à “realidade”, ou como uma mera ilusão ou fantasia. Compreender “a ideia que uma sociedade tem de si mesma” como um elemento constituinte da vida social é o ponto de partida também para as discussões de Baczko sobre o imaginário, que apenas por já estar enraizado na nossa tradição linguística e intelectual, chama de imaginário social, ainda que crítico à falta de precisão que o adjetivo traz.

Para Baczko, a vida social é construída de múltiplas realidades, uma delas é o imaginário social. Entendê-lo enquanto um mero “ornamento” de uma suposta “realidade verdadeira” é uma das principais críticas do filósofo, que afirma que “o

imaginário é tão real quanto a realidade é imaginada”.

Com esperança de encontrar em *A Imaginação Social* (1985) alguma definição precisa de imaginação, imaginário ou imaginário social, nos deparamos com a seguinte resposta:

Devido, quanto mais não fosse, ao seu passado remoto, estes dois termos estão marcados por uma polissemia notória, senão inevitável. Remetem, com efeito, para um dado fundamental da condição humana, e é por isso que a sua definição nunca pode ser considerada adquirida. Cada geração traz consigo uma certa definição do homem, simultaneamente descritiva e normativa, ao mesmo tempo que se dota, a partir dela, de uma determinada idéia da imaginação, daquilo que ela é ou daquilo que deveria ser [para a história destes conceitos, cf. Starobinski 1970] (BACZKO, 1985, p. 308).

A indefinição se deve, justamente, ao fato de o imaginário ser, segundo o autor, um dos mais importantes mecanismos de produção e organização da realidade. A relação entre o imaginário e a organização da vida social é descrita assim pelo autor:

Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento” designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe” o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser (BACZKO, 1985, p. 309).

O imaginário social é uma resposta que a coletividade dá aos seus conflitos, violências e divisões. É também um meio de expressar seus desejos, aspirações e valores e, por isso, Baczko o considera uma das forças que melhor conseguem revelar uma experiência coletiva. Nesse sentido, podemos afirmar que o imaginário é importante para a produção da realidade na medida em que ele responde às mazelas de uma sociedade e permite a expressão coletiva do que se almeja.

Durante o trabalho com os líderes, em busca de observar a figuração de comunidade proposta por eles em suas falas, notamos que eles imaginam e fazem imaginar comunidades, exercício que pode estimular vínculos comunitários. Podemos dizer que “comunidade” é o elemento que amarra as nossas discussões sobre liderança e influência, mobilização e imaginário.

O termo “comunidade” e, por consequência, “comunitário”, vem sendo usado

de forma genérica para se referir a sociedades, bairros, grupos que interagem virtualmente etc, o que ocasiona um esvaziamento do seu significado (PERUZZO e VOLPATO, 2009). Ainda que não seja nossa intenção, neste trabalho, resgatar os principais conceitos, julgamos importante fazer algumas pontuações.

Primeiro, é fundamental lembrar que a ideia de comunidade é uma invenção da Modernidade (PALÁCIOS, 2001, p. 1) que se referia, principalmente, ao modo de vida feudal. Na Europa do início do século XIX, era usada “como critério de oposição entre modernização e tradição” (SAWAIA, 1999, p. 39,40), ou seja, o entendimento de comunidade era atacado por quem se colocava favorável à Modernidade e referenciado pelos mais conversadores.

Hoje, “comunidade” evoca, ainda que por vezes num sentido idealístico, a sensação de pertencimento, como explicam Peruzzo e Volpato (2009):

Mas o que não há como negar é que a palavra “comunidade” evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Atualmente, seria o lugar ideal onde se almejaria viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna. Como nos mostra Bauman (2003:7), “‘comunidade’ produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra ‘comunidade’ carrega”: é a segurança em meio à hostilidade (PERUZZO e VOLPATO, 2009).

Esse esconderijo não é, necessariamente, um território físico. As mais recentes conceituações apontam também para a territorialidade simbólica como um possível elemento das comunidades (PALÁCIOS, 2001, p. 4). O autor destaca também, além dos sentimentos de pertencimento e permanência, as especificidades das formas de comunicação entre os integrantes de uma comunidade, que nos remetem à construção de identidades a partir do compartilhamento de condições de vida (PERUZZO e VOLPATO, 2009).

Cientes do caráter histórico, transitório e relacional das comunidades (PERUZZO e VOLPATO, 2009), ainda que reconheçamos a existência de outros conceitos de comunidade, já que tratamos da construção discursiva da convocação de líderes comunitários que têm uma atuação territorializada, encontramos em Goulart (2006), que se dedicou ao processo de formação de líderes comunitários, a base, ou chão, para convidar Ednéia, Júlio e Eliete a pisarem aqui.

Para analisar a atuação de líderes comunitários em seus territórios, o conceito de comunidade adotado por nós se assemelha àquele definido por Goulart (2006):

[...] comunidade é um conjunto de pessoas agrupadas em determinado espaço geográfico (local, regional, nacional, internacional), institucionalizado ou não, consciente ou não do pertencimento, em constante processo de interação política, cujas relações sociais e plurais dimensionam o sentido da vida interna ou externa de seus membros e promovem modos de ver, sentir e pensar o mundo. Nesse sentido, a comunidade é uma realidade dinâmica, em constante construção e reconstrução (GOULART, 2006, p. 21).

Ao considerar a comunidade como um espaço heterogêneo e dinâmico, o autor contribui para contrapor visões românticas sobre as comunidades, que foram por muito tempo idealizadas como um grupo homogêneo de pessoas que moram em um determinado espaço em perfeita harmonia. As comunidades não são, portanto, apenas um aglomerado de pessoas que vivem dentro de um território institucionalmente reconhecido e, por vezes, arbitrariamente cercado e nomeado. Elas são compostas por diversos aspectos político-sociais, culturais, religiosos, étnicos e econômicos que são resultado de como foram criadas (GOULART, 2006).

Quando pensamos nos líderes em contextos comunitários, é preciso reconhecer que, de diferentes formas, alguns sujeitos são indicados, formalmente ou não, por suas comunidades para representá-las. Essas comunidades são territórios simbólicos, que uma vez na boca desses representantes, são construídos. Em outras palavras, “comunidade” para nós não é algo tangível, material. Ela é composta por diversos aspectos simbólicos, como citado por Goulart (2006), que indicam características específicas sobre ela. Ao falar em nome de uma comunidade, os líderes comunitários assumem a representação de uma coletividade que não pode ser contemplada apenas por uma delimitação arbitrária e burocrática (bairro, regional etc), mas por construções imaginárias sobre o que há de comum entre as pessoas, suas experiências e as paisagens que dela fazem parte.

## 6 “EU POSSO ATÉ IMAGINAR, MAS É QUESTÃO DE TEMPO!”: AS COMUNIDADES CONSTRUÍDAS NO GOGÓ

O esforço empreendido pelos líderes na construção do imaginário, para dentro e fora da comunidade, de uma identidade que marca a história e o conjunto de relações que se dão num determinado território nos fez *ouvir* comunidades discursivas, que são simbolicamente construídas por eles.

Até finalizarmos a leitura do material bruto, vindo da pesquisa de campo, buscamos na construção dos famosos “futuros possíveis” a elaboração de imaginários convocantes (TORO e WERNECK, 2004). Porém, o rumo da pesquisa mudou quando notamos que, durante suas falas e nas entrevistas, Júlio, Ednéia e Eliete nos convidam a usar da imaginação para conhecer suas comunidades através da articulação que fazem do tempo. Elementos que apontam para o passado, o presente e o futuro (que é preciso já dizer, não são dissociáveis) são articulados em suas falas de forma que quem os escuta consiga imaginar o que suas comunidades já foram, são e podem ser.

Fomos refletindo, no decorrer da pesquisa, sobre a centralidade dada na área da mobilização social no ocidente àquilo que ainda se pode conquistar. Era a imagem de um caminho que levava a belas montanhas que vinha a nossa mente quando pensávamos em horizontes. Nessa imagem, havia um único caminho até que o objetivo fosse alcançado.

Depois de tentativas frustradas de localizar os tempos nas falas dos líderes, ao lermos Leda Maria Martins (2021) nos deparamos com outras possibilidades de enxergar o presente, o passado e o futuro e sua relação de simultaneidade. Reconhecemos em nós, na forma como escutamos Júlio, Ednéia e Eliete, uma visão eurocêntrica do tempo: linear, cronológica, baseada no progresso e apontada para um futuro, que está distante, no alto.

A sensação de nos flagrarmos ouvindo no tempo do colonizador, que impõe valores, perspectivas e saberes que desconsideram outras formas de conhecer a construção de outras realidades, nos redirecionou. Ainda bem que Leda estava no caminho. Ela nos apresenta a possibilidade de conhecer o tempo como uma ontologia, como uma visão de mundo que varia de acordo com os diversos aspectos culturais, como a forma que criamos e nos relacionamos em sociedade.

Seguimos para as próximas páginas deste capítulo experimentando trazer para este trabalho a perenidade e coexistência do tempo. Na voz de Júlio, Ednéia e

Eliete, ele está em um constante movimento de vai e volta. Não existem planilhas onde caibam os imaginários e seus percursos através dos tempos. Por isso, inspirados no tempo espiralar de Martins, te convidamos a ouvir os convites a imaginar feitos pelos três como o próprio movimento das ondas do som.

Neste capítulo, que é onde nós, quem lemos e quem ouvimos nos encontramos de forma mais intensa, primeiro trataremos do papel da experiência e da esperança no processo de imaginação. Seguimos, então, para os trechos de falas selecionados, nos quais ouviremos a relação do tempo com os argumentos discursivos usados pelos líderes.

### 6.1 Imaginar a partir de quê? Sobre experiência, expectativa e da esperança

O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir.

Milton Santos. *Por Uma Outra Globalização*.

À medida que a pesquisa avançava, nos convencemos cada vez mais de que o convite à construção coletiva de outras realidades requer esperança. Não esperança passiva, à espera de algum milagre, mas de esperança enquanto ação de saber se organizar para fazer com que algo aconteça (FREIRE, 1996). Na sua última obra publicada em vida, *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire nos provoca a pensar no papel da esperança enquanto um elemento indispensável à experiência histórica. Se não “esperançarmos”, se não problematizarmos a realidade, não há história, apenas determinismo. O futuro não está dado, ele é construído no presente e é através da capacidade de imaginar outros futuros possíveis de serem construídos que as pessoas se mobilizam. A esperança também precisa ser mobilizada.

A nova esquerda britânica tem como membro outro grande pensador que se dedicou, como Paulo Freire, à educação de adultos, o galês Raymond Williams. Referência na grade curricular dos cursos de Comunicação pelas contribuições para os Estudos Culturais, Williams tem muito a nos ensinar também sobre a construção do futuro, mais especificamente sobre os *recursos de esperança*, que são possíveis graças à capacidade de distinguir, ao longo da história, o que ele chama de “sementes da morte” e “sementes da vida” (WILLIAMS, 1975). O autor destaca,

ainda, que os *recursos de esperança* têm sua importância acentuada em momentos de crise, o que nos lembra da atuação aguerrida de grupos, coletivos e seus dirigentes durante a pandemia de covid-19 que, até o momento em que este texto foi escrito, em outubro de 2022, havia tirado a vida de mais de 680 mil brasileiros. Sobre a reação esperançosa aos momentos de crise, sejam elas quais forem, o autor tem uma frase marcante dita em entrevista ao professor da Universidade de Oxford, Terry Eagleton, em 1987: “Então, é tornando prática a esperança, em vez de tornar o desespero convincente, que continuamos e mudamos e ampliamos nossas campanhas”.<sup>23</sup> Durante o auge da pandemia, os *recursos de esperança*, na prática, apareceram nas mobilizações comunitárias, que iam desde a arrecadação de alimentos à construção de uma comunicação que dialogasse com a realidade da maioria dos brasileiros.

Com as dezenas de líderes comunitários com quem articulamos, principalmente em 2020, quando a pandemia nos pegou de surpresa, um dos maiores aprendizados foi que, mesmo nos contextos mais sombrios, quando o desânimo sussurrava no nosso ouvido, era preciso coragem de ter esperança. Aprendemos que, definitivamente, a desesperança é o sentimento mais reacionário que poderíamos ter num momento que exigia organização e construção coletivas.

Esperança tem tudo a ver com um elemento central desta pesquisa: a imaginação. Não só imaginar, mas também convocar seus públicos a imaginarem juntos outras possibilidades e agirem para que elas sejam possíveis é um exercício de manuseio dos sentidos e símbolos, como já falamos aqui, mas também de manuseio do tempo através da articulação de experiências e expectativas. Para pensarmos sobre esses dois conceitos sem cairmos no senso comum, recorreremos ao historiador alemão Reinhart Koselleck, um dos principais teóricos da história dos conceitos que, em sua obra *Futuro passado. Para uma semântica dos tempos históricos* (1993) – tradução nossa, distingue expectativa e experiências e descreve a relação entre eles na construção do tempo histórico.

Para a compreensão das estruturas temporais propostas por Koselleck (1993) para explicar a relação entre experiência e expectativa, propomos uma espécie de linha do tempo, que parte de um evento, ou acontecimento. O que há de concreto sobre esses acontecimentos são os fatos em si, mas as experiências que temos a

---

<sup>23</sup> WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Trad. Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Ed. Unesp, 1989/2014. 494 p.

partir daquele acontecimento mudam com o passar do tempo. Vamos supor, então, que um grupo de pessoas foi despejado de uma ocupação em janeiro de 2023. A experiência que elas vivenciaram ali, naquele momento, pode e provavelmente será distinta da experiência que nos relataram hoje, seis meses depois. Isso porque, durante esse período, elas olham para o que viveram com base em novas esperanças, expectativas, conhecimentos e decepções que elaboraram desde então e que agora compõem a vivência de um acontecimento passado.

Portanto, vamos tentar algumas definições como uma oferta: a experiência é um presente passado, cujos fatos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto os modos inconscientes de comportamento que não deveriam estar presentes no conhecimento. Além disso, na própria experiência de cada indivíduo, transmitida por gerações ou instituições, uma experiência cotidiana está sempre contida e preservada. Nesse sentido, a História foi concebida desde a antiguidade como conhecimento da experiência cotidiana (KOSELLECK, 1993, p. 4. Tradução nossa).

A expectativa se relaciona com a experiência na medida em que o futuro é tornado presente (KOSELLECK, 1993). Ela pode remeter a experiências vividas, que queremos que se repitam, mas não é possível deduzir de uma experiência um acontecimento futuro, apesar de ser importante que ela sirva como base. Ao olhar para o que só será conhecido quando vivenciado, a expectativa é composta por vários sentimentos, dentre eles podem estar o medo, análises racionais e esperança.

O autor indica que a melhor palavra para preceder “expectativa” é “horizonte”, porque ao contrário da experiência, que se dá num espaço, a expectativa tem um horizonte – que “significa aquela linha atrás da qual um novo espaço de experiência se abre no futuro, embora ainda não possa ser contemplado” (KOSELLECK, 1993, p. 4). De forma resumida, o ganho de experiência extrapola o limite do futuro pressuposto pela experiência anterior. Uma nova experiência acontece quando há um rompimento do horizonte de expectativas (KOSELLECK, 1993).

Ler Koselleck nos permitiu olhar para a possibilidade de os públicos de Júlio, Ednéia e Eliete serem convocados a imaginar a partir da representação da sua experiência, aqui e agora, e da expectativa que se gera em relação a outras possibilidades. Esse fluxo é essencial para fomentar a mobilização, para alcançar a transformação desejada. Mobilizar requer, o tempo todo, no nosso caso, que a pessoa que constrói o discurso lance mão de expectativas e experiências durante a

convocação. Esse desafio se torna ainda maior quando levamos em conta que muitas vezes os líderes comunitários falam para públicos que não compartilham experiências parecidas. Ao construir um imaginário sobre o que é fazer parte de um determinado grupo social e, enquanto representante deste grupo, o líder comunitário convida seus públicos, a partir de símbolos e códigos compartilhados a, junto com ele, imaginar não só horizontes, mas também a comunidade que ele representa, como falamos a partir de agora.

## 6.2 Imagina o que é viver aqui: a experiência comunitária narrada

Vimos falando sobre os convites que os líderes comunitários fazem em suas falas para que possamos imaginar suas comunidades. Ao ouvi-los, foi possível identificar como presente, passado e futuro se entrelaçam para que, a partir das experiências (deles ou dos seus públicos) e das expectativas, sejamos convidados a imaginar como a comunidade é, como ela já foi e como ela pode ser.

O primeiro convite sobre o qual falaremos se refere à construção de uma comunidade imaginária, ou seja, uma visita guiada pelos líderes comunitários à sua comunidade a partir da descrição feita por eles, tanto do espaço físico quanto das experiências de vida compartilhadas. Trata-se de um convite ao deslocamento do lugar de onde seus públicos enxergam suas comunidades, façam eles parte delas ou não.

Ao ouvir Júlio, Ednéia e Eliete falarem sobre suas comunidades, somos convidados a conhecer não apenas o território, mas também as múltiplas vivências que neles coexistem. É como se suas vozes nos empurrassem para nos colocarmos no lugar de outros, para enxergarmos um ponto cego e concebermos outras situações possíveis e imagináveis.

Nada melhor do que trazer para cá os trechos das falas dos três líderes que nos levaram a essas reflexões. Começamos com o trecho de uma fala da Ednéia para exemplificar sobre como estas comunidades imaginárias podem ser também uma ferramenta de denúncia através da descrição do cotidiano:

Olha, o grande sonho é ter uma moradia com pelo menos o mínimo de dignidade, sabe? Uma moradia que não levasse uma parte grande da vida da gente. Porque quando você vai compreendendo as coisas, Nathália, você vê que é tão cruel.

Você colocar uma mãe de família que pega serviço numa casa de família, trabalha das sete da manhã até às cinco da tarde, por exemplo, que para

sair da casa dela, primeiro tem que deixar tudo organizado e depois subir 600 degraus de escada pra chegar, quando tem a escada, lá no asfalto e pegar o ônibus pra chegar nessa casa todos os dias, todos os dias, todos os dias... E assim, no local que não tem escada, você vê que é muito mais cruel a vida dessa mulher que eu estou pegando aqui como exemplo, né? E ela sai, ela deixa a criança na escola... Mas ela, a criança, vai sair da escola antes dela chegar do serviço. E aí muitas dessas casas, sim, as pessoas não tem noção, né? Não tem noção... Mas não tem nem banheiro direito. Não tem nem banheiro direito. Os cômodos não tem ventilação, a casa normalmente está pendurada numa ribanceira. Não tem lugar pra criança brincar, não tem qualidade de vida. Nathália, isso é o cúmulo do absurdo, sabe? Do desumano. Desumano é tirar a infância de uma criança mesmo, né? [...] Uma pessoa que mora desse jeito, que vive desse jeito, prefere passar o tempo todo dela na rua. Ela não vai querer ficar naquele local ali. E aí você pergunta, por que que a gente tem tanta criança na rua? É porque não tem casa para essas crianças, e quando tem, a casa não é adequada. A casa não está num local que possibilita ela ter acesso à cultura, acesso a lazer. É muito complicado isso. A gente precisa pensar numa outra cidade que inclua esse povo trabalhador, que inclua gente, que inclua essas crianças porque é direito, né? [...]

Imaginem a condição de vida da mulher e do jovem nesse contexto que eu descrevi. Tentem visualizar o quadro, pensem no que é a vida de um menino que mora numa rua sem nenhuma infraestrutura, cuja declividade é acima de 50°, que ele sobe praticamente botando a mão no chão. Quando chove, ele não consegue sair de casa. Nem subir, nem descer. O barraco em que vive é de lona ou de tábua e não tem nem banheiro. O quarto é um só pra todo mundo. (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

O trecho escolhido é longo porque acreditamos que é justamente essa construção feita aos poucos que vai abrindo espécies de olhos mágicos para enxergarmos alguns pontos que possibilitam visualizar e imaginar, como a própria Ednéia indica. É justamente por entender que a potência está no todo construído, que não nos propomos, neste trabalho, a decupar simplesmente trechos e frases. Convidamos a perceber como, no decorrer dessa última fala, a Ednéia vai nos fazendo imaginar a rotina de uma mulher e de algumas crianças, os caminhos percorridos e suas condições de moradia. E como, ao final, com essa experiência em mente, somos chamados a pensar na necessidade de se conceber outra cidade, que também pode ser entendida como uma comunidade imaginária, onde essa mulher e essas crianças fossem incluídas. Podemos olhar para esta cidade possível, também, como uma antítese da comunidade que acabamos de imaginar.

Depois de nos apresentar a realidade de muitas famílias do Taquaril através da descrição de parte da sua rotina, Ednéia comenta, na entrevista:

Eu descrevi bem o cenário porque é dele que a gente precisa falar quando as pessoas afirmam coisas como “esses meninos entram pra essa vida porque querem”. Pensem em tudo o que eu contei, das várias violências e da falta absoluta de oportunidade de estudo, trabalho, lazer. Considerando tudo isso, fica bastante evidente o porquê de os jovens acabarem nesse

lugar do crime e do caminho que leva tantos deles à morte (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023).

Essa fala da Ednéia, ciente do poder de se apelar à imaginação no processo de convocar, nos faz refletir sobre como a apresentação das condições comuns de vida de um determinado grupo de pessoas permite estabelecer pontes mais bem fundadas entre os problemas sociais que estruturam a nossa sociedade, como o genocídio da juventude negra, e “os meninos aqui do bairro”. O cenário detalhado, quando apresentado por alguém que conhece bem a comunidade, é base de solo rígido onde é possível construir discursivamente argumentos, imaginários e possibilidades. Esta base, entretanto, não é estática. Não dizemos isso apenas porque, como já foi explicitado, entendemos que é construída na fala, mas porque justamente o conceito de comunidade não é absoluto. Ele é construído a partir da experiência comunitária e da ideia de algo em comum, melhor dizendo, de uma *unidade comum*. No decorrer do trabalho, entendemos que os líderes comunitários dão forma a uma comunidade ao fazerem imaginar o que existe e pode existir *em comum* e se fazerem reconhecer por essa experiência *do comum*.

Se por um lado imaginamos uma comunidade a partir do que é comum, também fomos convidados a imaginá-la a partir do que não é comum, do que é diferente ou dissidente. A comparação entre as vivências de quem está dentro do morro com a daqueles que moram nos bairros centrais, principalmente através da lente da desigualdade social, é uma das formas que Júlio Fessô encontra para apresentar as injustiças que fazem parte do cotidiano da sua comunidade, o Morro do Papagaio.

Vou levar algumas demandas da comunidade para ele [o prefeito]. Uma das demandas que eu quero entender é porque no centro da cidade, no final de semana, as ruas são fechadas para lazer e a gente não consegue fechar uma rua dentro da favela. Não é o mesmo direito? Uma licença pra gente fazer uma feira, nossa, é uma burocracia tremenda e a gente não entende como é que o pessoal do asfalto consegue rapidinho, num piscar de olhos? (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Ouvir o Júlio nos faz pensar sobre como podemos conhecer uma comunidade também a partir daquilo que ela não pode ser, ou melhor, daquilo que lhe é negado. Lançar luz sobre as violações de direitos da sua comunidade a partir da exposição de privilégios é uma estratégia usada também pela Ednéia. No trecho abaixo, é possível notar como Ednéia, a partir do convite ao deslocamento do lugar de onde

se enxerga uma situação, cria imagens para figurarmos e compreendermos as diferentes experiências que determinados grupos sociais têm em relação à cidade. Ela nos faz imaginar experiências distintas de direito à cidade e como essas desigualdades estão diretamente relacionadas:

Está caminhando para [a cidade] não ser desses endinheirados, que cada dia gastam mais dinheiro com segurança particular, com muro alto, com rede elétrica, não sei o que lá. Com guarita igual você vai no [bairro] São Bento... tem guarita fechando tudo quanto é rua ali.

Ali é um escândalo, é o tipo de cidade que a gente está falando, né? É essa cidade que as pessoas vivem trancadas dentro das suas casas com medo de ostentar aquilo que elas têm de mais valor, que a riqueza delas não pode ser ostentada em nenhum lugar, né?

E por um outro lado você tem um povo trabalhador que também está refém dessa insegurança, desse medo, dessa falta de oportunidade. Trancado dentro desses barracos sem nenhuma qualidade de vida. E isso é ruim pra todo mundo, isso é uma doença pra todo mundo, tanto pra pobre, quanto pra cidade como um todo. A cidade está doente, ela precisa ser repensada. Do ponto de vista das pessoas que vivem nela, independente de ser preto, pobre, rico, branco, azul, amarelo, índio, não interessa. É morador da cidade, é cidadão de direito, tem que ser reconhecido dentro da cidade e essa cidade tem que caber todo mundo. Tem que trazer qualidade de vida pra todo mundo. (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Ainda sobre o impacto das desigualdades sociais nas experiências de cidadania que cada classe vivencia, nos lembramos de um relato da Ednéia sobre uma discussão que teve com um coronel na qual o distanciamento dele da realidade dos moradores do Taquaril – e de muitas outras periferias urbanas, é evidenciado:

Um dia, tive um embate forte com um coronel, num debate sobre segurança pública num programa de TV. Ele falou que era importante nós, das comunidades, participarmos desse conselho porque a bandidagem não podia vencer as pessoas honestas que vivem nessas áreas. Que tínhamos que ter coragem de denunciar, para que os bandidos não tivessem mais destaque do que a gente. Eu não me contive e interrompi esse homem. Eu enlouqueci com esse coronel. Eu falei assim pra ele: “O senhor tá doido?” Já interrompi ele desse jeito: “O senhor tá pirado? O quê que o senhor bebeu? Tá bêbado? Olha aqui, deixa eu falar com o senhor. O senhor, pelo cargo que o senhor ocupa, pela renda que o senhor deve ter, se tiver algum problema com segurança, o senhor tem condição de na hora mudar de cidade, mudar de estado, mudar até de país. E nós? Vamos para onde? E quem é que vocês querem que a gente denuncie? Vocês estão dizendo que tem bandido no morro? A obrigação de saber quem é bandido é de vocês. Não é nossa, não. Nós não temos obrigação de fazer papel de polícia (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Esse exercício feito por ela, neste episódio, por exemplo, nos faz perceber como, em uma fala, é possível “trazer para a realidade”. E trazer, nesse caso, tem sentido de realmente conduzir para uma realidade outra aqueles que desconhecem

aquelas dinâmicas de vida. Ao falar com o coronel em questão, Ednéia também desloca o olhar daqueles que desconhecem os problemas enfrentados por sua comunidade, e que a partir da comparação sobre o uso do dispositivo da denúncia policial, tão comum para a classe média, por exemplo, percebem como as consequências são distintas a partir do lugar de onde se fala. Para aqueles públicos que talvez possam até imaginar como é fisicamente um aglomerado ou um bairro pobre, a partir do que enxergam no telejornal, mas que estão distantes das vivências dessas comunidades, apresentá-las partindo do que diverge entre as suas possibilidades de vida e a daqueles que são privados dos seus direitos, parece ser um caminho para o começo de uma conversa.

A estratégia de “trazer para a realidade” apareceu também, durante a pesquisa, em outras vozes e para dialogar com os mais variados públicos. A frase foi dita algumas vezes por Júlio Fessô durante a entrevista:

Então, primeiro, eu costumo situar as pessoas na realidade atual, né? Na realidade o que está acontecendo. Da situação, do problema, da demanda ou da luta e tal, explicar o que está acontecendo e dizer o que pode ser feito e como pode ser feito. E que essas pessoas também podem contribuir, né? Inclusive com ideias, com ações...(JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

O exercício de “trazer para a realidade”, nos parece ser também uma forma de fazer imaginar um contexto que precisa ser visto pelos próprios membros da comunidade. Realidade e imaginação não são polos repelentes. A construção de uma realidade compartilhada depende, nesse caso, de que os públicos tenham as informações necessárias para figurar um contexto e, a partir dele, se mobilizar. Como nos disse algumas vezes o Júlio, “é preciso colocar a pessoa dentro do problema”, o que requer deles, os líderes, não apenas apresentar a questão, mas manusear os sentidos de forma que seus públicos, mesmo aqueles que compartilham do mesmo território, entendam que são parte desses problemas, bem como das suas soluções. No trecho a seguir, Fessô nos conta sobre um diálogo que teve com uma pequena moradora do Morro do Papagaio:

A Tábata [criança da comunidade] me parou para dizer que quando ela crescer, vai cuidar da favela, como eu. E eu respondi “você não precisa crescer para cuidar da favela, você já pode cuidar, falando para sua mãe separar o lixo, para os seus coleguinhas... Você pode ser uma embaixadora do projeto” (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Como já dissemos, o tempo presente está ligado a esse deslocamento, de como olhar para a situação de outro ângulo e, para isso, por vezes é necessário se distanciar ou se aproximar de cada situação. Esses deslocamentos são, portanto, espaçotemporais, como é possível notar na fala de Júlio com a criança, quando, ao dizer que ela pode ser corresponsável pela gestão do lixo na comunidade, de certa forma fala que no futuro ela já é, que o tempo de cuidar da favela é agora.

Por falar em espaço e tempo, observamos, por vezes, que os convites a imaginar outras situações feitos pelos líderes eram ainda mais literais quando envolviam se colocar no lugar do outro, ou se imaginar em um outro lugar. O “imagina se”, nesses casos, aparece de forma bastante literal, como podemos notar na fala da Ednéia, que neste trecho nos contava sobre as estratégias de desconstrução do discurso de ódio relacionados ao genocídio da juventude negra no Brasil:

[...] Eu aciono esse poder e trabalho para desconstruir o discurso de ódio. Eu problematizo a visão rasa da pessoa, ao dizer: “olha, eu tô aqui falando para você que nenhuma mãe pari um filho para ser bandido. Imagine a sua mãe nesse lugar. Merece estar chorando na beirada no asfalto porque o filho foi metralhado na rua? Você acha que é justo acontecer isso com alguém da sua família? Se coloque no lugar! Imagine que uma pessoa da sua família está num lugar chorando pela pessoa que perdeu a vida, aí passa alguém e fala que é bem feito, que se estivesse rezando não estava morto. Você vai gostar?” E eu falo mesmo, nunca me calo.

Falo que esse tipo de preconceito é o cúmulo da falta de humanidade. Falo pra pessoa: “Você não é humano se fala uma coisa dessa. Você precisa melhorar. Você precisa se colocar no lugar do outro” (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023)

Também sobre as juventudes, mas falando diretamente com meninos que estão em cumprimento de medidas socioeducativas de internação, Júlio fala com os próprios jovens periféricos, vítimas da criminalidade, sobre como suas atitudes impactam as suas famílias. Assim como faz Ednéia, Júlio incita que os meninos se imaginem no lugar do outro. O trecho que selecionamos trata do relato do Júlio sobre a abordagem feita por ele durante encontros e palestras com os jovens:

Eu roubei até uma dinâmica do Tio Flávio, que é o seguinte: numa roda de adolescentes, chamo a atenção de todos e ponho uma cadeira no meio. E falo: “mentaliza aqui que a pessoa que você mais ama na vida está aqui. Mãe, pai, avó, irmão e tal... mentalizou?” E aí falo: “ó, imagine eu dando um tapa nessa pessoa, o que você faz comigo?”. Aí eles respondem: “Aí eu pulo no seu pescoço, eu te mato e tal.”

A partir daí eu falo, “pois é, eu não tenho coragem de fazer isso, eu não dou um tapa na cara de ninguém que vocês gostam. Quem está dando esse

tapa são vocês mesmos, quando vocês jogam no lixo todo o sonho das suas famílias” (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Ouvi-los nos faz conceber uma ideia de imaginário convocante que não articula apenas uma noção de construção de futuros. Somos levados a figurar realidades distintas também para o agora. Essa figuração de realidades também parte, na fala dos líderes, daquilo que as comunidades não são. É como se, na mesma medida em que nos guiam a conhecer sua comunidade, também nos fizessem “desimaginar”.

Isso acontece com maior potência quando os líderes propõem um deslocamento do senso comum daquilo que se pressupõe estar posto para alguns públicos a respeito de uma determinada coletividade. Nesse caso, o convite à desimaginação precede a formulação de uma comunidade imaginária, que tem influência, inclusive, dos meios de comunicação.

A grande mídia, na sua maioria, fala o que tem na comunidade só de coisas ruins, né? Por exemplo, a gente faz várias coisas na Páscoa.

Na Páscoa vai ter chocolate aqui para as crianças quase todas. Você não vê ninguém procurando dar uma entrevista falando sobre isso. Mas aí se fizer isso num bairro, vai lá na reportagem.

Se soltar um foguete aqui os repórteres já ficam doidos. Vocês querem saber, né? Aí tem gente, igual te falando, tem gente que acha que se colocar o braço da Nossa Senhora do Carro pra cá fica sem o braço.

O projeto Eu Amo Minha Quebrada surgiu nesse objetivo de mostrar a favela como ela é de fato e começou justamente com os adolescentes tirando fotografias de lugares interessantes dentro da comunidade e fazendo um roteirinho nas redes sociais deles (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

As estratégias do Júlio, com quem mais falamos sobre esse tipo de convite para possibilitar a desimaginação, vão além do virtual. Ele nos contou sobre o desejo de realizar uma feira no Morro do Papagaio aos domingos, para que os vizinhos possam “subir, comprar e conhecer mais sobre o Morro” (Júlio. Entrevista realizada por Nathália). Em suas falas, ele ressalta que a criminalidade está presente em vários territórios e classes sociais, e não apenas nas favelas.

De fato, algumas pessoas acham que se colocar o braço pro lado de dentro da Nossa Senhora do Carmo ou da Prudente de Moraes fica sem os braços, porque no Morro só tem canibal. E não é isso, né? O Morro é um lugar de gente ordeira, trabalhadora... E todo canto, qualquer bairro, qualquer cidade, qualquer país, qualquer estado tem as suas zonas de conflitos. Você quer um lugar mais perigoso do que Brasília? Não a população de Brasília, mas tem uns cantinhos lá, perigoso... pessoal de lá é muito

perigoso [...]” (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Vale dizer que os convites a desimaginar que escutamos não nos direcionam a pensar que a vida nas favelas é perfeita, ou que não existam graves problemas sociais, entre eles a violência, que atravessam a vida em comunidade. Desimaginar é entendido como dismantelar os estereótipos sobre aquilo que se julga conhecer, para compreender, inclusive, as violências sistêmicas às quais são submetidos os moradores das periferias urbanas. Desimaginar é, em última instância, imaginar que determinada comunidade não se caracteriza apenas por um aspecto, é começar a imaginar sua complexidade. A imaginação é, assim, sempre um processo criativo, ainda que sobre a destruição de certas imagens.

Ainda sobre esses discursos comumente ouvidos por líderes comunitários, principalmente por parte daqueles que não integram suas comunidades, notamos que, para confrontar questionamentos comuns às causas pelas quais atuam, uma estratégia usada é a de trazer esses questionamentos já nas suas primeiras falas. É importante dizer que, na maior parte das vezes, os pontos levantados pelos líderes comunitários precedem indagações. No trecho a seguir, ouvimos Ednéia tratar do tratamento simplista dado ao déficit habitacional:

[...] você tem um um grande percentual de pessoas, que inclusive são formadoras de opinião, que falam que as pessoas tem que batalhar, tem que juntar todo mundo e fazer financiamento... que o financiamento está aí. “O financiamento está aí. Não é possível que a pessoa não dê conta de pagar um financiamento. Comprar um apartamento aí desses que estão para baixa renda, oferecidos pelo governo”. É como se as pessoas tivessem todas as condições com o salário que ela recebe de arcar com a moradia. Eu acho que quem paga o salário pensa isso, que esse salário que ele paga vai garantir a qualidade de vida dessa pessoa. Moradia, remédio, comida, água, luz, telefone... [acham que] o salário dá pra cobrir e, se não cobre, é porque a pessoa gasta mal. E aí ainda dá pra fazer um financiamento. Ainda dá pra fazer um financiamento. Sabe?

Esse povo está fora da realidade e não quer voltar para a realidade porque sei lá, os que não estão preparados não, sabe? (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Notamos que a meritocracia, intrínseca ao capitalismo, e o racismo, são presenças marcantes quando se trata das causas pelas quais Júlio, Ednéia e Eliete atuam. Não à toa, a partir de exemplos cotidianos, do estímulo à imaginação das vidas daqueles que fazem parte das suas comunidades, eles constroem argumentos que vão na contramão da responsabilização individual. Eles o fazem sem necessariamente usar os termos que designam as violências sofridas, ou apresentar

dados. Falam das violências praticadas pelo Estado – uma forma política do capitalismo (ALMEIDA, 2020), e das desigualdades sociais a partir do mesmo ponto: a experiência, ou melhor, as experiências.

É através delas que ouvimos os três desnaturalizarem o que está posto. O discurso ideológico é confrontado, pelo que ouvimos até aqui, através de depoimentos construídos por quem os sente na pele, compreende e reelabora para os seus e para os outros – seus públicos, a partir do que entendem possibilitar o exercício da imaginação. Imaginar nos parece ser também um exercício de desnaturalizar, de deslocar do ponto em que está, que tem seu próprio tempo e lugar de onde se fala e se escuta.

Ao falar sobre as vivências comuns àqueles que compõem sua comunidade, os líderes nos convidam a estranhar o que está posto. Com eles, fomos enxergando o solo sobre o qual foram construídas as desigualdades de outras maneiras. Não são, ainda, areia movediça. Mas certamente também não são um concreto inabalável.

### 6.3 Você não imagina como era isso aqui: sobre experiências e possibilidades

Ao longo da pesquisa, notamos que o tempo era também um elemento da possibilidade. Isso porque, em suas falas, Júlio, Ednéia e Eliete se referiam a experiências passadas (comunitárias e pessoais), para evidenciar transformações possíveis. Assim, na medida em que os líderes convocam seus públicos a imaginarem uma determinada realidade mais precária do que a que conhecem, reafirmam a importância histórica daquela mobilização, e valorizam a implicação dos sujeitos na mesma.

“Em alguns casos” porque, mais tarde, percebemos que imaginar como já foi pode ser também um recurso usado para indicar perdas e denunciar aquilo que foi tirado daquela comunidade. Assumir a não linearidade desses processos políticos é trazer à tona também os poderes envolvidos em alguns fenômenos históricos como a luta, que precisam ser conhecidos e combatidos, sob o risco de maiores perdas.

Trazemos, a seguir, diferentes falas da Ednéia, nas quais ela faz esses dois diferentes exercícios ao se referir ao passado da comunidade onde vive e luta há décadas, também, pelo direito à memória.

A gente ainda não tinha nenhum direito básico assegurado: não tinha água, não tinha luz, não tinha ônibus. Não tinha nada. Absolutamente nada. Não

tinha creche. Nada. Nós fizemos quase tudo aqui na mão. Nós marcamos as ruas todas. Os lotes todos. [...]

Tínhamos um índice de mortalidade infantil que era muito alto. Vivíamos numa situação de violência urbana – o mais correto, acho, é dizer que era gravíssima a violência urbana contra a mulher. Porque a mulher engravidava aqui e não vinha carro para levar ela para ter a criança de madrugada. Então era uma loucura. E para as mulheres com filhos recém-nascidos, nem o acesso à água existia. Ela tinha que recorrer ao caminhão pipa que levava água para as obras das casas. E aquela era a água que ela tinha para cuidar da criança, para cuidar da casa, para cuidar dos outros. Era uma condição de vida extremamente desumana. E a gente teve que permanecer organizado para buscar essas condições mínimas. É por isso que eu digo que da luta por moradia vieram todas as outras de que eu participo até hoje (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023).

Durante a entrevista, ela faz transposições entre o passado e a problemática atual que evidenciam que as conquistas provenientes da luta nunca estão permanentemente garantidas:

Nós precisamos fazer com que o Estado pare de privatizar espaços que eram públicos, inclusive nas periferias. Inclusive nas periferias. Aqui na região onde eu estou nós tínhamos dois campos de futebol que hoje estão privatizados. Os meninos da comunidade não conseguem entrar. E eram locais onde sempre jogavam bola, a gente ia assistir, você entendeu? Até isso eles estão tirando a gente, os pequenos campos de várzea onde a gente ia ver os meninos da gente sujar de barro, correr atrás de bola. A gente não tem mais esses espaços. E os espaços do centro, com a passagem cada vez mais cara, com um ônibus cada vez mais lotado, com um horário cada vez mais precário, a gente não anima de sair, não anima de sair, né? Então, assim, essas coisas eles estão tirando da gente e estão tirando numa velocidade muito muito grande... E a gente precisa recuperar esse direito à cidade para melhorar a qualidade de vida de todo mundo. (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

As comparações estabelecidas pelos líderes entre “o que somos” e “o que já fomos” nos fazem pensar não apenas em suas potências narrativas, como também na relação entre territorialidade e temporalidade, que nos parecem dois elementos indissociáveis quando se trata das comunidades discursivamente construídas que ouvimos.

Outra forma de fomentar a imaginação que pudemos identificar durante o contato com Eliete, Ednéia e Júlio foi o de articular experiências pessoais com coletivas. Nas falas do Júlio foi onde conseguimos identificar melhor a construção desse discurso, que parte dos aprendizados adquiridos durante sua vida tanto para alertar os jovens sobre as consequências do envolvimento com as drogas e a criminalidade, num sentido preventivo, quanto para falar da importância do suporte da comunidade ao redor do jovem que já está “desacreditado”.

Ainda sobre acreditar, é à sua própria mãe que ele se refere quando

perguntado sobre as pessoas que o inspiram enquanto líder comunitário, e é também a esse suporte dado por ela que ele credita as transformações que viveu:

[...] Minha mãe também é minha referência. Não tem como, né? Na verdade, minha mãe é uma das minhas maiores inspirações, sabe? Porque ela já chegou a falar uma vez, “eu prefiro ele [Júlio] preso do que morto”. E aí hoje, onde é que ela vai e aparece o assunto “Júlio Fessô” ela fica toda feliz. “Meu filho ele e tal...” Isso não tem preço, sabe? Não tem preço. Toda vez que eu consigo realizar algum desejo dela, sou eu zerando na vida. Porque da onde que eu vim, o que eu passei e onde é que eu estou hoje, eu agradeço muito a ela que não desistiu de mim, sabe? Não desistiu de mim em momento nenhum. Na cadeia, mesmo eu já estabilizado, trabalhando no presídio, falava que não precisava vir na visita e ela não faltou uma. Mesmo passando por aquela geral escrachada e tal, não faltou uma. Impressionante. Sempre com a mesma cara de alegria. (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Ele, o Júlio Fessô, que hoje é razão de tanto orgulho para a comunidade, contou com uma mãe que acreditou nele. A experiência dele pode tanto inspirar a comunidade a imaginar outras possibilidades de vida para os jovens com passagem pelo sistema prisional, que demandam acolhimento, quanto expectativas dos próprios jovens, que enxergam um outro horizonte apresentado por alguém com vivências parecidas às deles.

Ainda sobre as experiências pessoais, ele também nos conta que, quando é convidado a palestrar em escolas sobre evasão escolar, parte de como era ser um estudante “da quebrada” na sua época para apontar os avanços na educação pública à qual seus jovens interlocutores têm acesso hoje:

Eu costumo dizer para eles, contar a minha história. Na minha época, minha mochila era um saco de arroz vazio. Chinelo era pé de um pé de outro. O uniforme... não tinha uniforme, era uma camisa branca. Se você não tinha camisa branca, você não precisava nem ir à escola. Essa camisa é a semana toda. Para você matar a aula, claro que muita gente matava, quase todo mundo matou aula na vida, cê tinha que pular dois, três quarteirões distante da escola e aí se alguém conhece a família contasse pra mãe...

Aí a gente conta pra eles, hoje eles tem tudo. Mochila boa, melhor material, tênis de marca, roupa da moda e matam aula olhando pra professora dentro da sala de aula, sem precisar pular o muro. (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Um dos jargões repetidos por Júlio, e que os meninos do Eu Amo Minha Quebrada já sabem de cor, é o de que “não adianta o jovem querer trocar uma ilusão de momento por um sonho da vida toda”, que geralmente trata do uso de drogas. A esse papel do Júlio, que não apenas parece confortável com as provocações sobre seu passado envolvimento no tráfico e uso de drogas, como

lança mão disso nas suas convocações, podemos chamar de “empreendedor moral”. De forma bastante sintética, o termo, cunhado por Becker, se refere a alguém que mudou e que agora atua para que outros também mudem seus comportamentos e deixem de lado comportamentos considerados desviantes (BECKER, 2008). Apresentado no livro *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*, o conceito aponta para uma lógica de prevenção, bastante presente no trabalho do Júlio Fessô, que se relaciona também com a viabilidade, um dos elementos que Henriques (2010) aponta como favoráveis à coletivização de uma causa, como falamos há pouco.

Experiência e possibilidade se encontram também nas falas de Eliete e Ednéia, que acionam construções coletivas para dizer da possibilidade de se transformar, ou de seguir transformando, como nos contam:

Eu atuo com mulheres do aglomerado Morro das Pedras e a gente está querendo uma parceria também com as mulheres lá da Ventosa, que estão sentindo necessidade de ter um projeto como o Projeto Ully lá com elas. Então esse é o meu grande desafio. Nosso. De arrumar o espaço e trabalhar com elas também. Outro desafio é montar um projeto na cidade de Alvinópolis. E a gente já tem algumas mulheres que já foram vítimas de violência doméstica e hoje estão curadas e doidas, sedentas, para ajudar outras mulheres lá dessa cidade. É um chamado, então muitas outras mulheres vão querendo ajudar, muitas mulheres irão vir pedir socorro, né? E quando elas são resgatadas se sentem tão bem que querem resgatar outras mulheres também. Isso que eu acho massa no projeto... Elas querem tá juntas, sabe? Como se fosse um cordão. Um cordão que vai se alinhando, se formando e ficando cada vez mais forte. Então elas querem fazer esse cordão (ELIETE, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Para uma das causas pelas quais o Projeto Ully atua, o combate às violências contra as mulheres, os públicos mais corresponsáveis por conscientizar outras mulheres sobre os ciclos de violências em que estão imersas são as próprias mulheres, que depois de atendidas pelo projeto, conseguiram sair dele. A experiência compartilhada aqui é a possibilidade de existir de outra forma e, uma vez que esta porta se abre, cada vez mais as Ully Girls se organizam para que mais mulheres passem por ela.

Durante o acompanhamento com os líderes comunitários, percebemos que muitas vezes a forma que eles usam para dizer da possibilidade é lançando mão de outras experiências exitosas que partiram de problemas semelhantes. O que se ouve é uma espécie de “se eles conseguiram, por que nós não conseguiríamos?”. Quando se abre o precedente, a imaginação rompe a barreira da possibilidade. É como diz Ednéia:

Eu perguntei numa reunião, porque assim, a situação para nós é muito cruel. Se fala muito em imóvel tombado e eu digo que na favela a gente tem imóvel tombado, e com gente dentro. Não é muito mais grave não? É grave, tão grave quanto proteger um imóvel que não tem gente lá dentro que não cumpre função social. Não tô dizendo que não é importante não, é sim. Mas lá na Bahia, lá em Salvador, no centro histórico recuperou-se essas unidades habitacionais de interesse social e é gente pobre que mora lá no centro histórico de Salvador. Por que a gente não copia essas ideias? Por que aqui em Belo Horizonte pobre não pode morar no centro? Só pode vir trabalhar nessas casas de gente extremamente rica? (EDNÉIA, QUANDO O LUTO É LUTA, 2023).

A potência do que se pode ser e a memória sobre o que viveu sua comunidade é parte fundamental da construção do indivíduo enquanto membro daquele coletivo. Foi lendo o que escreveu a professora Ecléa Bosi, do Instituto de Psicologia da USP, que as palavras mais precisas para dizer sobre a construção e a manutenção de uma comunidade vieram à tona.

Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permitem um enraizamento num dado espaço ou numa comunidade, mas este continua sendo um direito humano fundamental. Como dizia Simone Weil, o ser humano tem uma raiz por sua participação real numa coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças (BOSI, 2012, p. 198-199).

Vimos que é possível falar sobre o passado de uma comunidade a partir de vários pontos, de vista ou de tempo. Com Eliete falamos muito sobre como era a vida das mulheres da sua comunidade antes da construção de um espaço de acolhimento e escuta, mas também sobre como era a sua vida quando a família se mudou de São Paulo para Belo Horizonte, num Morro das Pedras muito diferente do que é hoje. Júlio, além de contar sobre como foi sua adolescência no Morro do Papagaio, resgata o trabalho realizado por Sr. Antônio, líder comunitário responsável pela construção de inúmeros becos e que dividiu a história do Morro em antes e depois da sua passagem pela presidência da associação do bairro. Ednéia, sempre descritiva, lembra do período de ocupação do Taquaril, dos dias na enxada, capinando e demarcando os lotes e de como essa memória precisa ser sempre resgatada:

São duas coisas básicas pra você conseguir mudar inclusive a forma das pessoas pensarem. Primeiro é... como que eu falo? É atijando. Vou usar essa palavra, atijando a memória dessas pessoas e a curiosidade de quem não estava presente na época, que são os jovens. A curiosidade deles pra entender o processo, né? Até chegar aonde eles estão hoje.

Então a gente usa a comunicação pra isso. E o material visual que a gente tem, que são as comprovações que eu sei falar é uma coisa, mas você falar e mostrar a foto é outra. E se você ainda conseguir mostrar a foto e falar assim “aqui sua avó, olha pra você ver”. “Essa pessoa aqui não é sua parente?”, “olha essa rua aqui não é a rua da sua casa?” [...] Você entendeu? “Você lembra dessa rua desse jeito? Então...”

Então assim, aí as pessoas vão se localizando, né? [...] Sempre a gente faz com que um se encontre nesta luta, sabe? Aí mostra a rua que é, mostra as ruas que eram antes, mostra como as ruas estão depois, né? E o povo participando lá, aprovando projeto...

Assim, e a gente consegue contar essa história desde a década de oitenta, passo a passo, então nós estamos sempre trabalhando com esse visual, sempre assim... Eu fico até com medo dele estragar aqui. De vez em quando a gente consegue escanear algumas, colocamos aí de vez em quando no Facebook... A gente tem uns grupos da comunidade aqui, aí quando eles estão discutindo muito negócio de “ah porque não sei o que, porque”, aí a gente vai lá e coloca uma foto antiga do bairro e uma foto do local de hoje, e o povo participando ali pra conquistar aquela melhoria, sabe? Pra falar assim: olha, é só através da mobilização e da cobrança, porque quem não chora não mama e a gente precisa entender que tem muita gente chorando, querendo as coisas. Então se a gente não mobilizar um monte de gente pra gritar cada vez mais alto, as coisas aqui começam a ficar difíceis. Vai secando, vai secando, vai secando, né?

Porque o recurso destinado para melhorar a qualidade de vida da periferia da cidade é escasso, é quase nada. A gente precisa disputar ele, e é só a gente participando mesmo. Então a gente tem essa estratégia. (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Ela lembra, também, a quem a escuta, que a história das comunidades periféricas não começa no processo de ocupação dos territórios propriamente ditos. Conta que, ao tratar publicamente dessas experiências, fruto do capitalismo e da desigualdade por ele produzida, costuma ir longe:

Ednéia: Assim, eu busco lá na origem, dependendo do local [onde fala], eu busco lá na origem. Eu vou lá quando os navios negreiros chegaram pra explicar porque nós estamos aqui.

Costumo fazer isso. Acho que às vezes a gente se perde, né? Esse negócio. Eu faço... você quer ver, quando eu estou falando sobre moradia, quando eu estou falando em algum lugar sobre moradias, eu pego três épocas assim, pra deixar bem demarcada a história, que as pessoas podem ir lá e comprovar, né? Primeiro, é claro, a chegada dos navios negreiros. Segundo, alguns anos antes da assinatura da abolição, lá em 1850, os políticos fizeram o primeiro estatuto da Terra, concentrando a terra na mão de alguns.

Em 1888 teve a libertação dos escravos. E aí poucos anos depois eles fizeram a tal da lei da vadiagem.

Então botaram os negros na rua... Primeiro, cercaram todas as terras pra que a gente não tivesse acesso. Através do primeiro estatuto da terra que é com a concepção de São Tomás de Aquino, 1850 e em 1888 bota a negada toda no mundo, na rua e aí depois faz a lei da vadiagem e bota todo mundo na cadeia. Esse era o nosso destino, né?

Nathália: Da Senzala pra rua e da rua pra cadeia.

Ednéia: E da cadeia pra cova. (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Nesse momento, a fala da Ednéia precisa encontrar novamente com Ecléa Bosi:

[...] o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter um caráter de restauração do passado e passa a ser geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva (BOSI, 2012, p. 198).

A ideia do passado enquanto um manancial de razões para lutar (BOSI, 2012) é bastante inspiradora, ainda mais quando o que está em jogo é uma disputa pela construção dessa memória histórica, que inclui luta, resistência e conquistas de populações negras e indígenas. Revirar e dar destaque à memória é uma resposta à tentativa de apagá-la, é uma “estratégia de fragmentação do tempo em uma unidade básica do presente impedindo de reconhecer grandes trajetórias” (MBEMBE, 2017, p. 140).

Fugir do individualismo e olhar para as estruturas geradoras das desigualdades e das violências é uma forma também de encontrar as melhores palavras para dialogar com públicos que não compartilham das mesmas experiências de cidadania. Depois de feito o convite para imaginar uma comunidade, é hora de tratar dela sob outras óticas.

Finalizamos esta seção refletindo sobre o impacto desse passado, que, enraizado, permite brotar inspirações mobilizadoras. Uma raiz com diversas ramificações, que se entrelaçam, que vão e voltam, e que nada se assemelham com uma linha reta em direção ao futuro é o que de melhor se pode imaginar do ponto em que estamos.

Palavra por palavra, líderes desenham comunidades a partir do que são, do que já foram e também do que pode significar fazer parte delas. Suas cordas vocais foram as raízes que levaram a nós e a outros dos seus públicos para além da superfície. E é desse lugar que podemos começar a imaginar sobre o que se pode ser.

#### 6.4 É que o futuro já começou

Enquanto ouvíamos Júlio, Ednéia e Eliete falarem, havia uma atenção especial a apontamentos feitos para o futuro, para aquilo que poderia vir a partir da

mobilização, os fatídicos “futuros possíveis”, sobre os quais tanto lemos e falamos durante o percurso do Mestrado. Acontece que o futuro não apareceu, nem nas falas deles, nem nas entrevistas, com tanta frequência, pelo menos não na forma como buscamos.

Depois de revisitarmos algumas vezes as transcrições, notamos que estávamos em busca não necessariamente de um amanhã cronológico, que vem depois do presente, mas de indicações que apontassem para outras possibilidades, que abrissem campos. Foi apenas quando apuramos nossos ouvidos que conseguimos escutar o futuro, que sempre esteve lá, misturado a outros tempos, como é possível identificar nos trechos citados nos tópicos anteriores deste capítulo.

Aqui, nos dedicamos brevemente a apontar algumas outras falas dos líderes que nos levaram a compreender que, como diz o slogan de fim de ano da rede Globo, “o futuro já começou”.

Começamos a falar de futuro através da perspectiva da potência, do que se pode, ou poderia ser. Nesse caso, as potências esbarram na perpetuação sistêmica de desigualdades sociais, que são apresentadas, ou denunciadas, de forma bastante pragmática, como faz a Eliete no trecho a seguir:

Eu fiz um estágio numa escola que é da Inglaterra. Aí vieram umas criancinhas de dois aninhos, todas falando inglês... Mas eu vim revoltada (para casa), que eu estava fazendo estágio nessa escola e na Escola Estadual. Pensando, não é possível, porque as nossas crianças não têm inglês desde cedo? Por que as nossas crianças não sabem ler, sabe?

[...] Por que elas podem e essas crianças aqui não podem? Será que a gente não vai tirar do morro um líder social? Até mesmo um Presidente da República pode tá aí coberto, né? E quantas cabeças lindas, né? Inteligentes... As pessoas estão aí, mas precisando ser lapidadas. (ELIETE, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Como já discutimos, a construção do futuro depende do que se faz hoje. Entretanto, observamos que a mobilização feita pelos líderes parte de uma leitura complexa de questões sociais que envolvem a construção desses futuros e que, definitivamente, não dependem apenas de uma eficiente organização dos seus públicos. Ao apontar para o que sua comunidade poderia ser, se não fossem as violações de direito, Eliete tira apenas do âmbito individual, ou comunitário, a responsabilidade por transformar estruturas de perpetuação de desigualdades bastante poderosas.

É preciso ressaltar que não entendemos essas constatações como

desesperançosas ou paralisantes. Possivelmente, elas apenas direcionam a atenção dos públicos dos líderes para os problemas guarda-chuvas, debaixo dos quais está, por exemplo, o analfabetismo infantil a que Eliete se refere.

Não podemos finalizar esta pequena seção sem falar dos sonhos. É também da voz da Eliete que ouvimos mais vezes sobre eles, parte fundamental da construção da possibilidade. Primeiro, vamos ouvir um trecho da entrevista no qual ela nos conta sobre seus principais objetivos no Projeto Uly:

Eliete: O foco mesmo é no olhar, sabe? Aquele olhar de carinho, de escuta, de dar atenção, de estar motivando, né? De acolher...

De falar: “você vai conseguir”, “vamos fazer isso sim, você é boa nisso”

“Por que você está parada? Vamos lá fazer uma zumba, uma arte...”

Então essa é, como diz o jovem, a pegada do Projeto Uly. De estar, igual o nome diz mesmo, dando atitude.

Dando determinação pra elas. Eu falo, “vamos, cê tem um sonho”. Porque a cesta básica, as frutas vão acabar, né? Tem frutas que estragam no mesmo dia, por exemplo.

É sobre a autoestima e aquela vontade de sonhar, sabe? Muitas pessoas não estão tendo vontade de sonhar hoje em dia. Ontem mesmo eu fui ao Palácio das Artes, porque eu participo do coral aqui da arena, aí tinha um moço, um senhor, que ele é artista, ele canta e toca muito bem. Aí tinha uma exposição no Palácio das Artes e uma imagem da África, sabe? Do mapa da África. E ele falou assim: “Nossa, esse aqui é o meu sonho. Mas infelizmente não vai dar pra mim cumprir.” E eu perguntei, “Peraí, como assim?”, e ele respondeu: “Ah, porque eu devo morrer antes”

Aí eu falei com ele: “O senhor tá louco, se o senhor não tiver vontade de sonhar... O senhor tá novo, se o senhor não colocar na mente do senhor que o senhor vai pra África, essa vontade de sonhar, quanto mais a gente sonha, mais vontade de viver, mais a gente vive (ELIETE, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

Dizer ao senhor em questão que ele deve sim imaginar a possibilidade de conhecer a África não é uma questão singular, ou individual. Durante a pesquisa, cada vez mais nos convencemos da importância da dimensão coletiva da imaginação e do sonho. A incapacidade de sonhar é um fenômeno coletivo, que também pode ser compartilhado por membros de comunidades periféricas. O líder comunitário, nesse caso, através de apelos individuais e coletivos, mobiliza sentidos que se relacionem com as experiências compartilhadas.

Partimos agora para uma das questões que nos despertava curiosidade no começo da pesquisa, que era a comunicação dos três líderes comunitários com

públicos que não fazem parte da sua comunidade territorialmente circunscrita. No roteiro de entrevista que levamos debaixo do braço, estavam as nossas dúvidas sobre quais seriam esses momentos de “falar para fora” e como os líderes manejam esses sentidos.

Sobre isso, pouco depois da eleição de 2022, Júlio nos falou sobre o desafio de discutir com aqueles que acreditam que “bandido bom é bandido morto”, quando a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Essa foi a resposta dada por ele quando perguntado sobre como falar sobre possibilidades de vida com essas pessoas:

Uai, então, aí a gente dá os exemplos de sucesso e os exemplos de fracasso na própria sociedade mesmo. De quem teve ajuda e conseguiu sair. Que as pessoas precisam é de ajuda. Claro que tem gente que é só Jesus na causa. Infelizmente. Mas nem todos somos assim. A maioria está assim por causa de uma conversa e é isso que eu estou falando. Trocar aquele sonho da vida toda por ilusão de momento acaba entrando num buraco sem fundo. A maioria desses adolescentes envolvidos nessas tretas erradas, se você olhar por dentro, eles são vazios, sabe.

Criam personagem e precisam manter esse personagem. De nervoso, de bravo, de “bambambã”. Até mesmo porque é o que a mídia prega. Mas no fundo, no fundo, você vai ver que estão carentes, precisando de apoio, eles tão precisando de ajuda, de uma palavra amiga, entendeu? Então é isso. E a dificuldade toda é porque o sistema no Brasil, no mundo todo, mas falamos do Brasil, foi criado pra quê? Para manter o pobre preso trabalhando igual escravo por esse sistema capitalista, ou então morto.

A partir do momento que eles [de fora] entendem que é possível, né? Conviver e ajudar essas pessoas... A gente tem muitas pessoas que nos ajudam e não são gente que tem dinheiro e tal. A gente tem parceiro que continua ajudando a gente e que é bolsonarista. Enfim. Mas não sei porquê. Você vai dizer: mas apoia a nossa causa! Para você ver a contradição né.

Então a gente tenta mostrar pra essas pessoas que na verdade as oportunidades elas existem pra todos. Mas para nós da favela, é preciso construir a ponte. Entendeu? Precisa construir a ponte. E falando sobre educação, por exemplo, educação pública... Poxa, não é uma educação de qualidade. Os professores não tem aquele incentivo. [...] (JÚLIO, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023)

Assim como Eliete, Júlio apela para as questões sistêmicas e localiza os jovens dentro deste contexto, fugindo da ideia neoliberal da escolha de caminhos individuais por parte de cada indivíduo, que colherá as consequências de seus atos. Ouvir Júlio dizer que “nem todos *somos* assim” reforça a ideia de uma influência que parte dos créditos de confiança (MAYHEW, 1997). É muito diferente dizer que “nem todo favelado é” de “nem todos nós, os favelados, somos”. Ao se colocar também como um sujeito contextualizado, em sua fala, Júlio reforça a possibilidade de se

conceber melhorias de vida para as juventudes periféricas que passem por reflexões estruturais.

Retomamos também uma fala da Ednéia na qual ela reforça a noção de que o futuro é construído hoje, a partir da luta, que aqui também aparece em um sentido bastante pragmático:

Pra falar assim: olha, é só através da mobilização e da cobrança, porque quem não chora não mama e a gente precisa entender que tem muita gente chorando, querendo as coisas. Então, se a gente não se mobilizar, um monte de gente pra gritar cada vez mais alto e as coisas aqui começam a ficar difíceis. Vai secando, vai secando, vai secando, né?

Porque o recurso destinado para melhorar a qualidade de vida da periferia da cidade é escasso, é quase nada. A gente precisa disputar ele, e é só a gente participando mesmo. (EDNÉIA, ENTREVISTA À NATHÁLIA, 2023).

No trecho destacado podemos notar algo identificado em outros momentos na fala dos três líderes: o convite à participação na luta pelos direitos da comunidade não se dá de forma muito simbólica, nem apontando para futuros distantes, localizados no topo de montanhas. A prática aponta para um futuro que pode, a depender da mobilização da comunidade, ser melhor.

#### 6.5 “Do escuro, eu via um infinito sem presente, passado ou futuro”: reflexões sobre o tempo de agora

Nesta última seção do capítulo, concentramos nossas principais discussões sobre o papel do tempo na construção de imaginários convocantes. Dessa vez, falaremos sem trazer para o texto os trechos das falas dos líderes, partindo do entendimento de que você, que nos lê, já conheceu um pouco das vozes que nos guiaram até aqui.

Primeiro, como nos ensinou Paulo Freire, antes de saber ler que “Eva viu a uva”, precisamos compreender o contexto em que Eva se encontra, quem produz a uva e quem lucra com esse trabalho (FREIRE, 1996). No caso do nosso trabalho, não poderíamos partir para constatações sobre as formas através das quais Ednéia, Júlio e Eliete convocam imaginários convocantes sem antes dizer com todas as letras das condições de luta pela sobrevivência em que se encontram suas comunidades.

A mobilização em um contexto de falta carrega desafios e especificidades que não podem ser ignorados. Esperançar não é direito posto quando o que está em jogo é se amanhã teremos o que comer, se nossa casa vai resistir a mais uma noite

de chuva, se hoje o meu marido vai me deixar sair para trabalhar. Um “imagina se” que não leve em conta que o tempo em que se vive é aqui e agora, baseado em experiências individuais e coletivas, ignora a imposição de diferentes tipos de horizontes a depender do contexto de cada comunidade e, porque não dizer, de cada público.

Ao ouvirmos os três falarem, para nós e para os outros, fomos nos dando conta de que o tempo em que se imagina possibilidades é o mesmo em que se vive: aqui e agora. Sonhar agora, inclusive com o passado, nos parece revolucionário, na medida em que o imaginário é desenhado num outro tempo, que não é o tempo do opressor, do colonizador.

Foi num encontro histórico que aconteceu aqui mesmo, na UFMG, entre Davi Kopenawa e Ailton Krenak, que o último, líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor brasileiro, teceu uma fala que reverberou por vários cantos. Na ocasião, enquanto falava sobre “futuro” ser uma palavra que desperta em nós uma expectativa sobre algo que ainda vai acontecer, Krenak provocou os presentes sobre a dificuldade de imaginar um futuro que fosse ali e agora:

Uma vez usei uma expressão na mídia que se espalhou por todo lado: o futuro é ancestral. Foi uma resposta que dei a uma pergunta sobre futuro. Foi uma prospecção, porque, na cultura do ocidente, o napa [branco] pensa que o futuro é um outro lugar. Não aqui, nem agora. O futuro é uma parábola sobre uma coisa que não existe. Ninguém pode vencer o amanhã, o amanhã não está à venda. Quando você cogita alguma coisa que não pode acontecer aqui e agora, só depois, você está fazendo um jogo, é um bingo: vamos ver se dá. O futuro é: vamos ver se dá pra gente parar de comer a terra? Vamos ver se dá pra gente ser sustentável? Vamos ver se dá pra gente inventar uma outra narrativa sobre nós e o mundo para que a gente continue comendo a terra? (KRENAK, 2022).

Ainda num exercício de encontrar em outros tempos, que não o dos europeus, é essencial trazer à tona as perspectivas da cultura Yorubá, originária da África Ocidental. Nela, a temporalidade não é linear: não há início, meio e fim. As ações se dão simultaneamente, em espaços paralelos (AIRES, 2021).

É também no continente africano onde os povos Akans criaram o popular Akindra Sankofa, representado pela imagem de um pássaro com a cabeça para trás e que significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (NASCIMENTO, 2018).

Como neste movimento descrito por Abdias do Nascimento, consideramos que o tempo, e não o futuro, é a potência para provocar a imaginação. TORO e

WERNECK (2004) nos apresentam a noção de imaginários convocantes como algo que apontava para a construção de futuro, que consideramos apenas mais um elemento desse processo. Entendemos que imaginar como já fomos e outras possibilidades de sermos, agora, tem potência convocante. Nesse sentido, expectativa, imaginação e experiência são elementos fundamentais para a figuração sobre aquilo que os públicos não viveram ou desconhecem, seja porque estão distantes de dada realidade, como é o caso dos ricos a quem os líderes se referem em suas falas, porque ainda não haviam nascido ou porque aquilo que se imagina ainda está sendo construído.

KOSELLECK (1993) nos inspira a refletir sobre como, em contextos comunitários, a expectativa também precisa ser construída a partir das experiências. A concepção do futuro, da expectativa, nesse caso, é construída também a partir dos repertórios que os líderes convidam a conhecer. Algumas dessas experiências comunitárias só poderão ser compartilhadas através da imaginação, principalmente quando se trata dos mais jovens, ou recém-chegados naquele contexto.

A imaginação é também parte fundante da realidade, como nos lembra Baczko (1985), e o que ouvimos Ednéia, Júlio e Eliete fazerem foi, majoritariamente, possibilitar a imaginação de outros cenários. Esses, entretanto, não eram necessariamente “melhores”, e sim contextos diferentes a partir dos quais eles, os líderes, poderiam falar. Em outras palavras, é como se os líderes, através do manuseio de elementos temporais e simbólicos, desenhassem certa cena que, uma vez imaginada, serviria de palco para imaginações outras.

Sem nenhuma pretensão comparativa ou analítica, julgamos importante registrar alguns pontos sobre o convite feito por cada um dos três líderes à imaginação. No caso do Júlio, o imaginário de comunidade para o qual ele nos convoca é bastante territorializado, sempre com referências diretas ao Morro do Papagaio, a que ele se refere como sendo “a favela” ou “a quebrada”. Em suas falas, o horizonte ético aponta para “um lugar melhor”, com uma vida mais justa, com mais oportunidades para todos.

Ednéia, por sua vez, por mais que traga sempre o Taquaril para a conversa, trata de um imaginário da cidade, tendo como um horizonte uma cidade que seja de todos, não apenas dos mais ricos. Ao nos convidar a imaginar, de forma bastante descritiva, as diferenças da vida levada por pessoas de diferentes classes sociais, ela aponta para a necessidade de revermos as estruturas dominantes.

Já Eliete, ao contrário de Júlio e Ednéia, se volta menos ao território espacial, e mais às experiências compartilhadas pela comunidade, que são base para a superação de vulnerabilidades coletivas. Ela nos faz imaginar um território afetivo, um lugar de encontro e de partilha que possibilita a criação de horizontes comuns. A criação desses horizontes, por sua vez, passa pela construção da autoestima individual dos membros da comunidade, que uma vez cientes das suas potências, podem participar de movimentos coletivos.

## 7 É TEMPO DE SONHAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos o fim da dissertação contentes com os caminhos percorridos nesses dois anos de Mestrado, principalmente com os encontros e conversas possibilitados por ele. Mais do que grandes achados e conclusões, consideramos a potência deste trabalho o seu próprio processo de criação, sobre o qual esperamos ter conseguido contar de forma compreensível aqui, neste texto.

Hoje, nos sentimos confortáveis em dizer que os líderes comunitários catalisam, ou reeditam, os elementos simbólicos para constantemente recompor imaginários convocantes, que têm como inspiração o relacionamento com seus públicos. É do relacionamento com os públicos e da movimentação dos mesmos que surge também a influência dos líderes em uma determinada comunidade. Ele se torna um personagem da causa, alguém que personifica ideologias, pensamentos e sonhos e que, pela influência adquirida a partir da apreensão dos sentidos dos públicos, é capaz de, ao construir um chamamento, acionar apelos à ação mobilizadora.

Os líderes comunitários são figuras que “projetam” a sua própria comunidade, ou seja, dão a ela uma “identidade de projeto” (TORO E WERNECK, 2004) – que vem do todo. Isso é feito a partir da construção de um campo de experiências para a ação comunitária, que vai ganhando sentidos. Com isso, não apenas configura uma comunidade, mas constrói um horizonte de expectativas sobre ela, na medida em que dota essa comunidade de um “passado futuro” (KOSELLECK, 1993). É criada uma territorialidade e uma temporalidade, portanto. E isso ele faz pelas condições que gera e mantém para produção, edição e reedição social.

Ainda sobre a reedição social, é importante registrar que, além das reflexões sobre a relação entre tempo e imaginação, ouvimos de Eliete, Ednéia e Júlio sobre a importância de a figura do mobilizador se alternar de acordo com os públicos convocados em cada situação. O fato de eles, figuras reconhecidas pela luta por direitos em suas comunidades, apontarem para a escolha estratégica do mobilizador de forma contextual, bem como a angústia, também comum, pela sobrecarga e falta de perspectiva de formação de jovens lideranças, aponta para possíveis discussões futuras, que não couberam nos caminhos que esta pesquisa nos levou.

Sobre rumos, falemos um pouco sobre os que nos trouxeram até aqui. Quando nos interessamos em olhar para a elaboração de imaginários convocantes

por parte de líderes comunitários, o contexto era a pandemia de covid-19, um grave problema que demandava respostas imediatas. Imaginamos, porém, que durante a pesquisa de campo, que aconteceu três anos depois dos momentos mais críticos da crise sanitária, encontraríamos nas mobilizações cotidianas dos líderes apelos mais proféticos, que levassem suas comunidades a agirem em prol da construção coletiva de um futuro.

O que encontramos, ou melhor, ouvimos, entretanto, foi uma mobilização bastante pragmática, que se referia ao aqui e ao agora. Hoje, conhecendo mais de perto Júlio, Ednéia e Eliete, sabemos que, em menor escala, eles estão há décadas vivendo em contextos de emergências, onde são essenciais para garantir a vida e os direitos dos membros das suas comunidades.

Fomos aprendendo com os três que o tempo de suas mobilizações não era apenas “o futuro”. Por suas vozes, fomos convidados a conceber outras noções de mobilização social, além daquelas que embasam grande parte do que aprendemos até aqui. Durante o processo, olhar para os papéis onde transcrevemos suas falas foi como deparar com um espelho que refletia em nítida voz a limitação inicial da nossa escuta.

Depois de já termos lido e escrito sobre o que lemos a partir de epistemologias bastante eurocentradas, ainda que produzidas por autores do sul global, durante a fase mais analítica da pesquisa, nos deparamos com a influência da colonialidade do saber (WALSH, 2007) na forma como buscamos identificar o tempo. Registrar o movimento dos nossos fluxos de pensamento, descobertas e autocríticas aqui nos pareceu coerente com a noção de pesquisa viva, pela qual tanto prezamos.

Dito isso, fazemos questão de registrar a necessidade de nós, pesquisadores brasileiros, pensarmos formas de circulação dos conhecimentos no campo da mobilização social em contextos comunitários que caminhem na direção contrária do racismo epistemológico (SUZUKI, 2018), o que passa, necessariamente, por acessar também as contribuições de pensadores não brancos acerca do tempo.

Enfim, por ora, é possível dizer que a construção de imaginários convocantes feita nas falas de Ednéia, Eliete e Júlio nos fazem, primeiramente, refletir sobre a necessidade de ressignificar o sonho e a utopia como elementos distantes, de vir a ser. Eles não nos convocam para um lugar simbólico e profético com o qual sonhamos, em vez disso, participam da construção de realidades de potência, não

como um projeto (MATOS, 2018).

Aprendemos, durante esta pesquisa, que a lógica linear de “sonhar para fazer” é limitadora para pensar nos complexos processos de mobilização social. Nós fazemos enquanto sonhamos, e sonhamos enquanto fazemos, sem que uma ação preceda a outra. A simultaneidade parece ser uma boa lente para olharmos para quem a comunidade já foi, quem ela é e pode ser.

Acontece que os horizontes onde se encontram as potências são, na verdade, pedaços do futuro incrustado no presente (MATOS, 2018). O que Eliete, Ednéia e Júlio fazem é mostrar, através do movimento de aproximar ou tomar distância do presente, que suas comunidades vivem, concomitantemente, o sonho daqueles que vieram antes deles, o passado de luta sobre os quais seus filhos poderão contar e a possibilidade de construir aquilo que já é possível imaginar.

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

AIRES, I. Amarelo: o amanhã é ancestral. Disponível em: <https://valkirias.com.br/amarelo-o-amanha-e-ancestral/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: LEACH, Edmund *et al.* *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARROS, Ciro. Inflação e desemprego devem agravar fome no Brasil em 2022, diz economista. *Agência Pública*, 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/01/2022-inflacao-e-desemprego-devem-agravar-fome-no-brasil-diz-economista/>. Acesso em: 2 nov. 2022.

BOSI, Ecléa. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano [entrevista a Mozahir Salomão Bruck]. *Revista Dispositiva*, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/36OUquh>. Acesso em: 8 ago. 2022.

BRAGA, Clara S.; COUTO E SILVA, Daniela B. do; MAFRA, Rennan L. M. Fatores de identificação em projetos de mobilização social. In: HENRIQUES, Márcio S. *et al.* *Comunicação e estratégias de mobilização social*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 59-100.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 11-48, abr./maio/jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7163>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CRIANÇA Livre de Trabalho Infantil. Estatísticas do trabalho infantil no Brasil e no mundo. Disponível em: <https://livredetrabalho infantil.org.br/trabalho-infantil/estatisticas/#:~:text=Cen%C3%A1rio%20nacional>. Acesso em: 16 jul. 2023.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

FREIRE, Paulo *apud* GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: Uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GOULART, Benedito Donizeti. Estudo de um Grupo de Liderança Comunitária: abordagem sociométrica. Campinas, 2006. 184f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós Graduação em Psicologia como Ciência e Profissão, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006. Disponível em: [http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/15605/cv\\_ppgpsico\\_dr\\_Benedito\\_DG.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/15605/cv_ppgpsico_dr_Benedito_DG.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 10 jul 2023.

HENRIQUES, Márcio Simeone; NETO, Júlio Afonso de Pinho Sá. Comunicação e movimentos de mobilização social: estratégias de atuação das organizações do terceiro setor na área da comunicação. In: *Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande/MS*. 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/149638061228392105244056327538046682914.pdf>. Acesso em: 10 jul 2023.

HENRIQUES, Márcio Simeone *et al.* *Comunicação e estratégias de mobilização social*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HENRIQUES, Márcio Simeone. *Comunicação e mobilização social na prática da polícia comunitária*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

HENRIQUES, Márcio Simeone; SILVA, Daniel Reis. Reposicionando a noção de influência nas relações públicas: articulações teóricas preliminares e perspectivas de estudo. In: FARIAS; Luiz Alberto; LEMOS, Else e REBECHI, Claudia Nociolini. *Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas*. 1. ed. São Paulo: Abrapcorp, 2020. p. 69-88. Disponível em: [http://portal.abrapcorp2.org.br/livros-abrapcorp/Livro\\_Opiniao-Publica.pdf](http://portal.abrapcorp2.org.br/livros-abrapcorp/Livro_Opiniao-Publica.pdf). Acesso em: 10 jul 2023.

HISTÓRIAS de vida. Disponível em: <https://quandoolutoeluta.org.br/vivencia/edneia-aparecida-de-souza/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

INEZ, Ana Cláudia. “Ei Lacerda! Seu Governo é uma #%\$&\*!”: Repertórios de Ação Coletiva e Performance na Dinâmica de Afirmação Pública do Movimento Fora Lacerda. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016. Disponível em: <http://www.ppgcom.fafich.ufmg.br/defesas/205M.PDF>. Acesso em: 10 fev. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. Espacio de experiencia y horizonte de expectativa. Dos categorías históricas. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*, p. 333-357, 1993.

LAZARFELD, P. F.; BERELSON, B.; GAUDET, H. *The People 's Choice*. 3. ed. Nova York: Columbia University Press, 1967 [1948; 1944].

LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DÃO VOZ AOS IGNORADOS PELO PODER, DIZEM DEBATEDORES. *Senado Notícias*, Brasília, 23 de março de 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/03/22/liderancas-comunitarias-d>

ao-voz-aos-ignorados-pelo-poder-publico-dizem-debatedores. Acesso em: 17 jul. 2022.

LIMA, Leandro Augusto Borges. Por uma perspectiva afetiva e experiencial da formação e da mobilização dos públicos. In: SILVA, Daniel Reis; HENRIQUES, Márcio Simeone. *Públicos em movimento: comunicação, colaboração e influência na formação de públicos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora; Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC, 2022. (Comunicação e Mobilização Social, 10). p. 49-73.

LISBOA, Foca. Pensar o futuro é urgente, defendem Davi Kopenawa e Ailton Krenak. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/davi-kopenawa-e-ailton-krenak-defendem-urgencia-de-pensar-o-futuro-agora-em-conferencia-no-auditorio-da-reitoria>. Acesso em: 18 jul. 2023.

LUIZ DE ALMEIDA, Silvio. Capitalismo e crise: o que o racismo tem a ver com isso? Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/23/capitalismo-e-crise-o-que-o-racismo-tem-a-ver-com-isso/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MANZINI COVRE, M. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATOS, A. S. de M. C. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, 2018. DOI: 10.35699/2316-770X.2017.12600. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/12600>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MBEMBE, Achille. O tempo em movimento. *Contracampo*, Niterói, v. 36, n. 3, p. 21-41, 2017.

MCCLELLAND, D. C. Toward a theory of motive acquisition. *American Psychologist*, v. 20, n. 5, p. 321-333, 1965.

MERRIAM, Sharan. *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MERTON, R. K. *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo: Editora Mestre, 1968.

MESA: Confluências e escrevivências, muito mais do que rimas. (EVARISTO, Conceição, 2023).

MORICEAU, Jean-Luc. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 177.

MOSCOVICI, S.; GRAUMANN, C. (Ed.). *Changing conceptions of leadership*. New York: Springer-Verlag, 1986.

PALÁCIOS, M. O medo do vazio: Comunicação, sociabilidade e novas tribos. In: RUBIN, A. A. (Org.). *Idade média*. Salvador: UFBA, 2001.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>. Acesso em: 10 jul 2023.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/508/482>. Acesso em: 15 jul. 2023.

QUESADA, Gustavo. *Comunicação e Comunidade: Mitos da Mudança Social*. São Paulo: Loyola, 1980.

REDAÇÃO. O impeachment da presidente Dilma Rousseff foi golpe ou crime? Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/o-impeachment-da-presidente-dilma-rousseff-foi-golpe-ou-crime.html>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ROCHA, Nilton José dos Reis e outro. Oralidade - e o povo sobrevive na sua fala reinventada. *Comunicação e Informação*, v. 10, n. 1, p. 114-125, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/10346>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ROGERS, Everett M.; SHOEMAKER, F. Floyd. *Communication of innovations: a cross-cultural approach*. 2. ed. New York: The Free Press, 1971.

SÁ MARTINO, L. M. Lendo “The People’s Choice” no seu 70o aniversário: Do “líder de opinião” aos “influenciadores digitais” [Reading “The People’s Choice” on its 70th birthday: From “opinion leader” to “digital influencers”]. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 41, n. 3, p. 21-32, 2018.

SANKOFA. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record. Acesso em: 16 jul. 2023.

SAWAIA, B. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a teatro. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 13, n. 2, p. 97-105, 1999.

STOGDILL, R. M. *Handbook of leadership*. Nova York: McMillian/Free Press, 1974.

SUZUKI, Clarissa. Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro: de-colonialidade no ensino das artes visuais. In: *Anais do 27o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 2018, São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p. 3131-3143.

TORO, A., Jose Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TUZZO, Simone Antoniacci; FIGUEIREDO, Livia Marques Ferrari de. Liderança de opinião e interpessoalidade. Comunicação, Espaço e Cidadania. *Anais XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste: Rio Verde - GO, 2013*. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0663-1.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: *Memórias del Seminario Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad"*, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 17-19 de abril de 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Trad. Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Ed. Unesp, 1989/2014. p. 494.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TCLE

#### TCLE

##### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE ACORDO COM AS RESOLUÇÕES CNS 466/12 E 510/2016

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa “*IMAGINA SE*”: *elaboração de imaginários convocantes e mobilização de sentidos por líderes comunitários da Grande BH*”, realizada por Nathália Freitas Vargens, mestranda e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), orientada pelo Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques. Esta participação é voluntária. Caso concorde em participar, favor assinar ao final do documento.

#### 1. Sobre a pesquisa:

A pesquisa se propõe a investigar como líderes comunitários constroem, em seus discursos públicos, imaginários que convocam seus públicos para fazer parte de um projeto mobilizador. Trata-se de estudos de caso que pretendem descrever e analisar a convocação construída pelos líderes, gerando conhecimento científico e, ainda, um material de referência para os próprios líderes comunitários, coletivos e redes que atuam pela cidadania, já que tratará de estratégias de comunicação para mobilização social.

As informações serão obtidas através de uma pesquisa de campo que prevê os seguintes procedimentos:

- 1) *Entrevista*
- 2) *Coleta de falas públicas* - acompanhamento pela pesquisadora, por período determinado de quatro meses, de suas atividades em situações em que possam ser coletadas suas falas em público. Também serão consideradas gravações de suas falas públicas que você possa voluntariamente nos fornecer ou que estejam publicamente disponíveis.

Você está sendo convidado/a a ser um/a dos/as entrevistados/as desta pesquisa e uma fonte para a coleta de suas falas por ser um/a líder comunitário. Sua participação é voluntária e é muito importante para o estudo que está sendo realizado.

#### 2. Sobre a entrevista:

A entrevista que realizaremos terá duração de 2 horas e contará com sua participação e da pesquisadora responsável. A entrevista será realizada uma vez, presencialmente, em local indicado por você. Será guiada por um roteiro de perguntas acerca da sua atuação como líder, da mobilização de seu grupo/entidade, das suas falas de convocação e das

referências acionadas para a mobilização dos seus públicos nestes chamamentos.

A entrevista será gravada, transcrita e, posteriormente, analisada. O material será usado exclusivamente para fins da pesquisa e seu áudio não será divulgado ou compartilhado.

As entrevistas da pesquisa preveem somente a participação de pessoas públicas – ou seja, sujeitos que se dedicam a formar e liderar redes para atuação em prol de temas relacionados aos direitos humanos, e que têm sua imagem e opinião expostas publicamente. Integrarão essa atividade da pesquisa, portanto, apenas pessoas com patente e ampla e patente visibilidade pública. São consideradas como “ampla visibilidade pública” as seguintes situações: publicação, em veículos de comunicação de massa, de entrevistas e/ou artigos com autoria identificada; publicação, em redes sociais, blogs e sites de ativismo ou ligados a coletivos ou redes, de conteúdos textuais, visuais ou audiovisuais, com autoria identificada; manifestação de opiniões, de forma identificada, em atos públicos de rua ou online, divulgados por meios de comunicação de massa e/ou em redes sociais, blogs e sites.

**Solicitamos sua especial atenção a esse ponto, pois, ao assinar o presente termo, você concorda que é uma pessoa pública que atua na mobilização por direitos humanos.**

Você tem a liberdade de interromper esta entrevista a qualquer momento ou mesmo retirar o seu consentimento para realização da pesquisa.

### **3. Sobre a coleta de falas públicas**

A pesquisadora acompanhará, pelo período de quatro meses, situações em que possam ser coletadas suas falas em público. Também acolherá material gravado que você possa voluntariamente fornecer à pesquisa e considerará outros materiais de áudio e vídeo ou transcrições de suas falas que possam estar disponíveis publicamente para acesso. Ao assinar este termo você declara ter conhecimento deste procedimento e está disposto a colaborar. Também declara conhecer que este material coletado terá uso exclusivo para os fins da pesquisa e os áudios e vídeos não serão divulgados ou compartilhados fora do âmbito da pesquisa.

### **4. Riscos relacionados à participação na pesquisa:**

Dada a abordagem de temas relacionados a situações de vulnerabilidades socioeconômicas, ações de ativismo e militância praticadas pelos líderes comunitários, é possível que, ao terem suas identidades identificadas na pesquisa, sofram algum tipo de constrangimento por parte de alguém que acesse esta pesquisa e seus resultados.

### **5. Benefícios relacionados à participação na pesquisa:**

A participação será uma oportunidade de ampliação da formação crítica e cidadã das fontes e da pesquisadora, bem como de geração de conhecimentos sobre a atuação de líderes comunitários, mais especificamente no que diz respeito às suas formas e estratégias de convocação; também vai colaborar com a ampliação dos conhecimentos do

campo da comunicação para a mobilização social.

#### **6. Outras informações:**

I - A pesquisa não tratará de situações sensíveis particulares ao coletivo, entidade ou movimento e, caso solicitado pelo entrevistado, informações que o mesmo identifique sobre estas situações serão mantidas em sigilo. Se houver fornecimento de dados que sejam confidenciais, serão tratados com sigilo.

II - Não haverá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa, nem tampouco remuneração. Caso surja alguma situação que possa gerar despesa extraordinária, as partes envolvidas na pesquisa deverão estabelecer um combinado para ressarcimento ou indenização da mesma.

III - Está prevista a participação em congressos e publicação dos dados da pesquisa. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a UFMG.

IV - Os/as participantes serão convidados/as à participação na defesa da dissertação, de modo a obter um retorno acerca dos resultados da pesquisa. Após a defesa, receberão cópia da referida dissertação e a pesquisadora estará disponível para apresentá-la.

V - Todo o material e os dados coletados serão guardados por cinco anos, em computador e em arquivos físicos do pesquisador responsável, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, sendo assegurada pelo mesmo a proteção dos dados.

VI - Você receberá uma via deste termo, na qual constam o telefone e endereço do pesquisador responsável, da pesquisadora e do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. O pesquisador e a pesquisadora poderão ser contatados a qualquer momento em caso de dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG poderá ser contatado a qualquer momento em caso de dúvidas éticas.

---

Pesquisador responsável

---

Pesquisadora

**DECLARAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
**concordo** em participar voluntariamente da pesquisa e declaro que sou maior de 18 anos, que li as informações contidas neste documento e fui devidamente informado(a) pela pesquisadora sobre os objetivos, sobre os procedimentos que serão utilizados e sobre a confidencialidade da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma via deste Termo de Consentimento. Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em apresentações e publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados sem meu consentimento expresso.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

ASSINATURA \_\_\_\_\_

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques. E-mail: simeone@ufmg.br / Tel.: (31) 3409-5078  
Pesquisadora: Nathália Freitas Vargens. E-mail: vargensn@gmail.com / Tel.: (31) 99197-7840  
Endereço: Departamento de Comunicação Social – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Av. Presidente Antônio Carlos, 6.627 – 31.270-010 – Campus da Pampulha – Belo Horizonte/MG.  
Comitê de Ética em Pesquisa – COEP/UFMG / Tel.: (31)3409-4592  
Endereço: Unidade Administrativa II – 2.º andar – sala 2005.  
Av. Presidente Antônio Carlos, 6.627 – 31.270-010 – Campus da Pampulha – Belo Horizonte/MG

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da entrevista:

Local de realização da entrevista:

Nome do/a entrevistado/a:

Idade:

Grupo em que atua:

Localidade em que reside:

Localidade que atua como liderança:

### **Perfil e histórico pessoal de liderança:**

- 1) Por favor, conte os acontecimentos de sua vida que você acha que a/o levaram a se tornar um líder comunitário.
- 2) Você se considera uma pessoa influente na sua comunidade? Por quê?
- 3) Quais características suas você acha que fazem de você uma pessoa na qual a sua comunidade confia?

### **Causa(s) e perfil da ação coletiva que lidera:**

- 4) Você faz parte de algum coletivo/grupo?
- 5) Se sim, quais são as causas defendidas pelo seu coletivo?
- 6) Por favor, fale um pouco sobre como é o dia a dia das suas atividades de comunicação? Suas e/ou do coletivo.
- 7) Qual é a atividade de mobilização do seu grupo que você considera a mais significativa? Por quê?
- 8) Qual o seu sonho em relação à causa pela qual você atua? Como você descreveria o mundo sem os problemas que você atua para combater?

### **Fala convocatória:**

- 9) Como você sensibiliza as pessoas para as causas do seu coletivo?
- 10) Quais argumentos sobre a importância da sua causa que você considera mais fortes para falar sobre ela?
- 11) Sobre os sonhos que falamos antes, como eles aparecem nas suas falas e discursos?

- 12) Quando você convoca, chama pessoas para aderirem à essa causa, como você geralmente faz isso?
- 13) Você acha que está tendo sucesso nessa sensibilização? Por quê? O que indica este sucesso (ou fracasso)?
- 14) Durante a mobilização que você faz, existem momentos em que você fala publicamente, de viva voz, chamando as pessoas a se somarem às suas causas? Se sim, descreva esses momentos.

**Públicos:**

- 15) Você costuma falar para públicos além dos que você já tem contato no dia a dia na comunidade?
- 16) Quem são esses públicos para quem você fala? Por quê fala com eles?
- 17) Em que espaços você convoca esses públicos para a sua causa?

**Finalização:**

- 18) Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?
- 19) Você tem interesse e disponibilidade de participar da próxima etapa da pesquisa?